



Com as lagrimas nos olhos, com o nosso coração...



ALORA

Semanario republicano anti-clerical democratico

Director e editor José Feizoto d'Alarcão

ADMINISTRADOR
Anibal Reis

Redacção, Couraça de Lisboa, 10—Adminis-
tração, R. Dr. João Jacinto, 38—Composto e im-
presso na Tipografia Literaria, R. Candido dos
Reis, 17 — Coimbra.

SECRETARIO

J. L. Frazão

Liberdade, Justiça, Verdade e Progreso

A VICTORIA

O Partido Republicano Português, o unico que conser-
vou integros e realisou dentro do possivel os principios
democraticos consignados no programa da opposição, fez o
movimento revolucionario contra aqueles que infame-
mente os calcavam. Triunfou. E na hora do triunfo, po-
dendo vingar-se horrorosamente de todos os seus inimigos
não o fez. Com toda a humanidade, a junta revolução-
ria, de que faziam parte os senhores Alvaro de Castro,
Antonio Maria da Silva, Freitas Ribeiro, Norton de Matos
e o destemido official Leote do Rego, poupou a vida aos cri-
minosos, pondo a salvo Manuel d'Arriaga e o governo
derrubado. Na lucta sangrenta, em que o heroico povo de
Lisboa mais uma vez provou a sua abnegação; em que os
lendarios marinheiros se bateram com uma bravura indo-
mita; em que a guarda-fiscal provou mais uma vez a sua
valentia; em que grande parte do exercito se houve com
coragem e honra nessa lucta em que foi lavada a ignomi-
niosa mancha que o ditador Castro e seus companheiros
lançara sobre a Republica—perderam a vida centenas de

peçoas. Com as lagrimas nos olhos, com o nosso coração a transbordar de alegria, saudamos todos os revolucionarios, saudamos o novo governo na pessoa de alta envergadura moral que é João Chagas. Para as vitimas o preito da nossa eterna saudade.

VIVA A PATRIA!

VIVA A REPUBLICA DEMOCRATICA!

O MOVIMENTO EM COIMBRA

Sobre o movimento revolucionario de Coimbra havemos de escrever quando as circunstancias o permitirem. Por hoje apenas diremos que se a Revoluçao em Lisboa não se resolvesse tão depressa, o movimento rebentava em Coimbra na madrugada de domingo com a cooperaçao de elementos militares muito importantes, apesar de estar preso Tavares de Carvalho, indigitado para comandar as forças revolucionarias.

Não foi preciso; antes assim.

O nosso jornal estava pronto para ser publicado no sabado, vespere da conferencia que havia de fazer em Coimbra o sr. dr. Afonso Costa. Os acontecimentos forçaram-nos a retardar a sua publicação.

A parte a noticia relativa ao movimento revolucionario, resolve-mos publicar todos os artigos sem qualquer alteraçao.

UM DOIDO

Esse alucinado, que se chamava João de Freitas e que já estivera numa casa de sanada do Porto, e que tão tristemente vinculou a sua passagem pela politica portuguesa, atenton ontem, no Entroncamento, contra a vida de João Chagas, alvejando-o com cinco tiros: um na testa de raspao; outro num olho; outro numa clavícula e dois numa mão.

O povo linchou o agressor. João Chagas, depois de ligeiramente pensado, seguiu para Lisboa.

A primeira pessoa a desfechar contra João de Freitas foi um soldado da guarda fiscal.

Eh real!

Recebemos o primeiro numero deste panfleto semanal, de que é director o distinto jornalista João Camozas.

São 16 paginas todas as semanas de vigorosa e destemida prosa contra toda essa corja de bandoleiros aliados aos monarchicos.

E só custa 2 centavos

Vai soar...

A hora grande, a hora imensa. Já por um fio está suspensa. Não tarda muito que ela dê.

Guerra Junqueiro

A Liberdade acabou de facto para nós. Já não temos regalias nem direitos. A ditadura com tudo acabou. A traiçao envolveu-nos com o seu manto de infamia e cobardia, e á ultima hora manda que se abram para os defensores da Republica as portas da cadeia!

A atmosfera está sobrecarregadissima; e a não haver uma descarga liberal per certo morremos asfixiados!

A alma portuguesa sangra, enlutada. A situaçao ao mesmo tempo que repugna torna-se aviltante. Quanto mais tempo esperarmos mais campo perdemos! Se somos portugueses e republicanos, temos o dever sagrado de salvar a Patria e a Republica. O nosso silencio pode ser tomado como conivencia nesta obra de traiçao e perfidia.

A Constituiçao da Republica foi rasgada pelos ditadores, mas que os seus pés trilharam os aposentos ministeriais. A Lei desapareceu por consequencia, e desde esse momento a perseguiçao começou de fazer-se. Não há uma vitima que não seja defensora dos seus principios da Democracia. Se o governo ainda não entregou a Republica, foi porque ela tem quem por si olhe.

Não se dorme de noite nem de dia a velar pelas sua segurança! Todavia isto não pode nem deve assim continuar. A arrogancia ditatorial tem de ser esmagada. O nosso brio e o nosso orgulho não podem assim ser tão impunemente escarnecidos. Temos de salvar a Patria e de salvar a Republica!

Mais um momento passado e talvez que isso se torne impossivel. O governo tem de cair por si onde ser derrubado como um cão danado á passagem por uma aldeia. Tudo serve para fazer-lo. Forças, trabucos, cacetes, pedras, e chicotes, tudo, absolutamente tudo, serve para vincular no lombo dos humilhos da nossa terra a marca inapagavel da sua ignominiosa traiçao!

Os serventuarios do jesuitismo que querem apunhalar-nos, tem de receber da nossa banda a resposta condigna ao seu procedimento. Que ninguém esmoreça. O momento vai a chegar. Ouço já o clarim da Revoluçao a tocar a unir. Que ninguém deixe de aparecer. A Rotunda agora deve ser em todas as praças publicas e em todas as ruas. Todos somos carbonarios. A ditadura vai saber quem somos e a Republica vai certificar-se de que

ainda ha quem a defenda. Que o nosso sangue corra pelas calçadas, mas que a Liberdade fique de uma vez para sempre a alumiar a nossa terra!

FERNANDES MARTINS.

A MAIOR DAS VERGONHAS!

No ministerio do interior reuniram-se evolucionistas, camachistas, machadistas e monarchicos, para combinarem o numero de deputados que cada grupo deve ter! A ultima das ignominias! Peor que na monarchia! Deputados feitos no ministerio do interior!

Reuniram tambem os governadores civis, que são os encarregados de ordenar as chapeladas que não de roubar os votos aos democraticos. A Azambuja, o Peral em açao!

Aos republicanos de todos os partidos, aos humilhes, aos operarios, áqueles que não de votar nos dirigimos: **Votae na lista dos candidatos do partido democratico! Lavai a Republica de tão infame vergonha! Repeli os caciques!**

Boia com os traidores!

Homens & Factos

Vista grossa

Pelo visto subiram os fundos da aquella «Gazeta» monarchica do Patio da Inquisiçao. Ora leiam a noticia que ela dá sobre os protestos do povo republicano, no dia em que os conspiradores monarchicos vieram afrontar Coimbra. A cata-caga só viu 100 pessoas a protestar. Coitada! Pois do proximo numero em diante começaremos a abri-lhe os olhos, não só sobre esse ponto como sobre outros de que a tal «Gazeta» se tem ocupado.

Decididamente julga-se já na monarchia.

Mas só se tem saído depois que o ditador subiu ao poder...

Atá meté o nariz...

O orgao da «União», a «Luta», publicou na quinta feira, a seguir á reunião do seu congresso, uma relação a que chama dos seus congressistas.

A nós parece-nos que parte daqueles «mancebos» não poz pé em Lisboa, mas dando de barato que assim fôsse, aquilo deve constituir todos os contrereligiosos do sr. Camacho. Nessa relação figura um cavalheiro qualquer natural de Nariz. Não conhecemos e é provavel que fique no c...

Pois então nariz no dito, sr. Camacho, e que lhe faça muito bom proveito.

O Monstro

O sr. Camacho revendo-se na sua obra:

Do artigo do fundo da «Lucta» de 8 de maio:

«Não foi o governo muito feliz na escolha de algumas autoridades administrativas, embora fosse louvavel o pensamento que presidiu a essa escolha. Pouco depois do sr. Bernardino Machado estar no poder aqui mesmo, neste jornal, dissimos que ele deveria fazer entrar pela porta largamente aberta dos governos civis alguns antigos monarchicos que se não declarassem incompativeis com o regimen politico da Nação. Homens que tinham servido á Monarchia, occupando nela situaçoes de desataque, compreende-se que não aderissem á Republica, tendo o ar de pretendentes insofridos, da sua adesão fazendo requerimento. Mas esses homens, chamados pela Republica a exercerem cargos de confiança, a ela se ligariam, servindo-a não apenas com lealdade mas com dedicaçao, por forma a corresponder á homenagem que lhes havia sido prestada.

Mas sera a mesma coisa entregar monarchicos na Republica e entregar a Republica aos monarchicos?»

A mesma coisa não será, mas pouco menos...

O que é facto é que sendo o sr. Camacho o culpado da actual situaçao politica, já grita:

E' o que acontece a todos os peccadores de aguas turvas.

E tudo a troço de alguns deputados com que as chapeladas do governo o não de presentear!

O monstro está doido!

O sr. Camacho que não tem votos para eleger 6 deputados, reclama do governo 50!

Com certeza isto vai tudo parar a Rilhafoles, porque o monstro é capaz de pegar a molestia aos outros. Saca!

Queremos Deus

Recordam-se muito bem que essa triste figura de reaccionario, que para aí anda a pedir «douches», que se chama Padre Melo, ensaiou ha tempo uma cantoria que ali na igreja d'Almedina era cantada numa qual-quer novena e que deu lugar a protestos, troças, etc, e foi causa proxima daquela manifestaçao da S3 em que grande numero de republicanos esbandalhou e pôz em fuga os sacristas.

Pois a corja transferiu para a igreja de S. Salvador a cantoria e

A DEFESA DA REPUBLICA

A "Nação", órgão-mór do reacionarismo portuguez, publicou, e o órgão da corja em Coimbra transcreveu, uma nota muito incompleta — pelo que se vê andar muito mal informada — das associações maçônicas de Coimbra. Nós resolvemos transcrever, também, tal qual o órgão, "O Imparcial", que tem ali a sua redacção no Centro Católico instalado na rua Dr. José Falcão, sem lhe alterarmos uma vírgula, o reclamo que faz, talvez com o intuito de nos intimidar.

Puro engano! pois que até lhe completamos a informação, apresentando-lhe mesmo uma fotografia elucidativa de credencial duma das que se esqueceu de enumerar "A Portugalia,, que continua organizada e pronta a recebê-los.

Alem destas ha as seguintes: "A Bomba,, com séde em Cosêlhas; "A Liberdade,, com séde no pinhal de Marrocos; a "Amorim,, com séde na Avenida das Tílias (Jardim Botanico); a "Internacional,, com séde nos subterraneos do Seminario e outras que vos hão de apparecer pelas trombas no momento oportuno, mesmo com o papão do Pimenta.

A transcrição do órgão monarchico-jesuitico de Coimbra:

SAIBAM QUANTOS

AS ALFURJAS MAÇONICAS

AS LOJAS DE COIMBRA

Pedimos a atenção dos nossos leitores para a seguinte, edificante lista fornecida pela veneranda "Nação".

- 1.ª — **Loj. . . A Revolta.** Veneravel, José Frederico Serra gr. . . 3.º — estudante. Templo: Rua Borges Carneiro, 15. (Sessões aos sabados).
- 2.ª — **Loj. . . Perseverança.** Veneravel, Manuel Antonio da Costa, gr. . . 7.º — comerciante. Templo: na Rua Ferreira Borges. (Sessões: Primeira e terceira quinta-feira do mez).
- 3.ª — **Loj. . . Portugal.** Veneravel Belisario Pimenta, gr. . . 8.º — tenente de infantaria. Templo: Rua das Esteirinhas. Sessões ás quintas-feiras).
- 4.ª — **Loj. . . Pró Veritate.** Veneravel José Inacio da Silva, gr. . . 30 — Endereço: Presidente da Direcção do Centro Humanidade—Pateo do Castilho. (Sessões ás terças-feiras).
- 5.ª — **Loj. . . Redempção.** Endereço ao secretario, José Gomes Tinoco, gr. . . 14 — fotografo, Avenida Navarro, 51 (Sessão ás sextas-feiras).

todas as tardes ali berravam como cabrões:

Queremos Deus
Que é nosso pai, (etc.)

De tal nãnsira que o bispo, tendo medo, proibiu a continuação da cantiga.

Não ha nada como os *douches* bem applicados.

Dr. Afonso Costa

Está em Coimbra este grande estadista, cuja mentalidade e energia é reconhecida por todos os republicanos e até pelos proprios monarchicos reacionarios, temo-lo nos ouvido, e lido nos seus jornais, incluindo o *Povo d' Aveiro*, onde garatuja essa córnea cabeça de um Cristo de contrabando.

Todos os republicanos de Coimbra, sem distincção de partidos, devem naturalmente ir ouvir hoje a palavra autorizada do Dr. Afonso Costa, que vem fazer uma conferencia eleitoral. Não vem pedir voto! Não vem subornar! Vem simplesmente expor com verdade a situação politica, dizer o que se propoe realizar o partido a que pertence, se fôr governo, por indicação do sufragio popular Mais na li.

O partido democratico quer vo-

deputados, não os quer feitos no ministerio do interior a Hintze Ribeiro, a José Luciano ou a Pimenta de Castro. Não! Quere-os proclamados na urna, genuinamente, sem avarias. Não os quer mesmo como, parece, estão dispostos a querê-los os outros partidos, nas proximas eleições, pois que ainda não vimos, que a 20 dias da consulta ás urnas, viessem fazer a sua propaganda eleitoral, dizer ao povo o que tencionam fazer. Numa palavra: não quer deputados saídos de chapeladas, das falcatruas, dos roubos cometidos aos outros partidos, que, neste caso, devem ser roubados aos democraticos. E como não os quer assim — elle vem, como o Dr. Alvaro de Castro, o ultimo ministro das finanças e ex-ministro da justiça, que tão nobremente e inteligentemente honrou nas cadeiras ministeriais o partido republicano portuguez, dizer qual o camião que todos os republicanos devem seguir se quizerem salvar a Republica e a Patria.

O TRIUNFO

A Coimbra cabê a honra de provocar a esse governo de ditadores, a publicação do telegrama circular não consentindo mais centros monarchicos onde periguo a ordem

publica. A ordem periga em toda a parte onde appareçam esses traidores com pruridos de força, com intuitos de organização partidaria.

Por conseguinte, onde houver republicanos não ha probabilidades de centros em que se juntem toda essa quadrilha de adeptadores que tinham levado Portugal á ruina.

A todos os nossos correligionarios, a todos os republicanos, compete sacudir essa ignobil e infame corja.

Que todos assim procedam, sem tibiezas, nem desfalecimentos.

A LERTA!

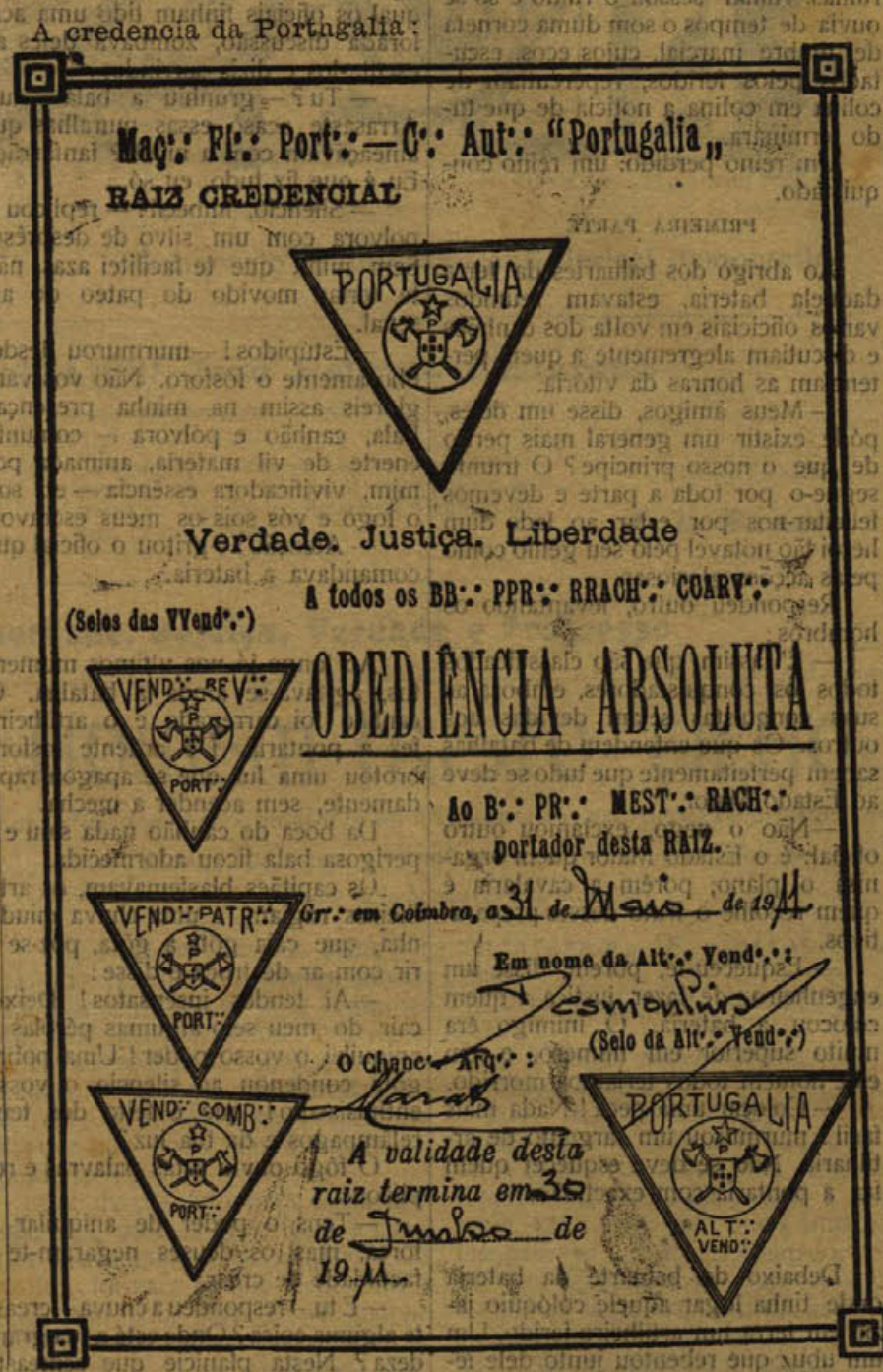
Os conspiradores mexem-se, os conspiradores armam-se os conspiradores tentam o assalto. Em Coimbra está toda a tropa fandangá conspiratoria unida — o Cruz Amante, o Rôxo, os Pessoas, o ex-policia 23, os cabos, etc.

Correligionarios acutelai-vos! Republicanos, todos unidos! Sem um desfalecimento. E' preciso preparar-vos para todas as eventualidades! De semelhantes feras, que fi-

nam no programa da conspiração em Coimbra massacrar, chassinar todos os republicanos — o que foi denunciado no Parlamento pelo sr. dr. Antonio José d'Almeida — o que era absolutamente verdadeiro como se pode ver pelos documentos apreendidos — de semelhantes chacas, diziamos, só nos podemos defender a tiro!

Portanto, preparemo-nos; voltemos a armar-nos, voltemos ás vigilancias, voltemos aos sobresaltos, voltemos aos actos de coragem, á abnegação — defendamos a Republica com todo o nosso ardor, com toda a nossa fé de patriotas, com todos os sacrificios, com o risco das nossas vidas!

De noite e de dia a postos. Em holocausto á Patria, á felicidade futura dos nossos filhos, ofereçamos o derramamento do nosso sangue.



Quem tem razão?

Uma bateria colocada no alto de uma colina contra o flanco do inimigo decidira da sorte do dia.

A retaguarda fugia apressadamente e em desordem; porém a cavalaria precipitando-se com uma fúria, carregada de granizo devastava tudo quanto ia encontrando.

Por toda a parte o incêndio e as ruínas. Afinal cessou o ruído e só se ouvia de tempos o som duma corneta de timbre marcial, cujos ecos, escutados pelos feridos, repercutiam de colina em colina a notícia de que tudo terminara.

Um reino perdido: um reino conquistado.

PRIMEIRA PARTE

Ao abrigo dos baluartes da terra daquela bateria, estavam reunidos varios officiaes em volta dos canhões e discutiam alegremente a quem pertenciam as honras da vitória.

— Meus amigos, disse um deles, póde existir um general mais perito de que o nosso principe? O triunfo segue-o por toda a parte e devemos felicitar-nos por estar ao lado dum herói tão notavel pelo seu gênio como pelas acções gloriosas.

Respondêu outro, levantando os hombros:

— É assim que são classificados todos os conquistadores, embora as suas conquistas sejam devidas aos outros. Os que entendem de batalhas sabem perfeitamente que tudo se deve ao Estado Maior.

— Não o nego, exclamou outro official: é o Estado Maior quem organisa o plano; porém a cavalaria é quem recolhe o fruto desses preparativos.

— Esqueceu-te, porém, disse um engenheiro, de fazer justiça a quem colocou a bateria. O inimigo era muito superior em numero, e sem esse homem todos teriamos morrido.

— Colocar uma peça! Nada mais facil! murmurou um sargento de artilharia. Não se deve esquecer quem faz a pontaria com exactidão.

Debaixo do baluarte da bateria onde tinha logar aquele colóquio jazia em terra um artilheiro ferido. Um um ubuz que rebentou junto dele levava-lhe as pernas: ardia em sede, mas ainda estreitava na mão uma mecha acesa.

Não tinha ouvido uma única palavra da conversação de cima e expirou passados poucos instantes, com o sorriso de triunfo impresso nos labios.

— E de toda a gloria daquele dia já nada resta. Tudo quanto brilhou desapareceu, excepto o nome do

principe, inscrito nas páginas da Historia. Tudo o mais morreu.

SEGUNDA PARTE

O que a Historia despreza com desdenhoso orgulho, recolhe a lenda para enfiar no coração dos povos.

Eis as verdades que a lenda nos revelou.

Referimos em primeiro logar como aquelle tubo de bronze, em volta do qual os officiaes tinham tido uma acalorada discussão, zombava deles ao escuta-los e dizia sorrindo:

— Tu? — grunhiu a bala — tu? Arrasaste acaso essas muralhas que ameaçavam com a morte? fanfarrão? Eu é que fiz tudo, eu só.

— Silêncio, imbecil! — replicou a polvora com um silvo de desprezo. Sem mim, que te facilitei azas, não te terias movido do pateo do arsenal.

— Estúpidos! — murmurou desdenhosamente o fósforo. Não vos vangloreis assim na minha presença! Bala, canhão e pólvora — conjunto enerte de vil materia, animada por mim, vivificadora essência — eu sou o fogo e vós sois os meus escravos.

— Atenção! — gritou o official que comandava a bateria.

Ao longe já nos ultimos momentos, agitava-se ainda a batalha. O canhão foi carregado e o artilheiro fez a pontaria. Do ardente fosforo brotou uma luz que se apagou rapidamente, sem acender a mecha.

Da boca do canhão nada saiu e a perigosa bala ficou adormecida.

Os capitães blasfemavam, os artilheiros riam, e uma chuva miudinha, que caia gota a gota, pôz-se a rir com ar de troça e disse:

— Ai tendes insensatos! Deixei cair do meu seio algumas pérolas e aniquilei o vosso poder! Uma pobre gota condenou ao silencio o vosso entusiasmo! que é feito dos teus relâmpagos e da tua luz?

O fôgo ouviu estas palavras e replicou:

— Tens o poder de aniquilar a força, mas os deuses negaram-te a facultade de crear.

— E tu — respondeu a chuva — creas-te alguma coisa? Onde está a tua grandeza? Nesta planicie que semeaste de cadáveres e ruínas? Ao menos eu vivifico com minhas gotas os campos que tu arrazas! Destro e desvasta tudo quanto quizeres; porém, não chames grandeza ao que é um crime. Do sangue vertido nas batalhas nascem por minha influencia as flôres, a herva e o trigo, e as violetas brotam dos torrões derrubados e que estão destinados a eterno esquecimento.

LORD LYTTON

Deixa a Briosa

Secção literaria

PANTEISMO

Do Fernandes Martins

Madrugada d'Abril... Sons despertando

O sono veludado, o sono brando

Da aldeia adormecida. O céu afaga

A Natureza Mãe, como se um beijo

Tombasse do Infinito. A luz apaga

As fulgidas estrelas,

— Os mundos d'ouro, da amplidão imensa,

Da suavidade azul do firmamento...

— Que a luz mais forte, é vento

Que apaga a outra luz menos intensa!

Acorda vagamente a voz distante

Do longe esmaecido. E num constante

Despertar de rumores, languidamente,

A aldeia acorda, enfim. Na branca ermida,

O sino tange Ave-Marias lentas,

Em mistica plangencia comovida...

Nisto uma Virgem candida e formosa,

De cabelos do ouro Poente,

Surge das claras bandas do Oriente

Sorrindo uma canção harmoniosa,

E suas mãos querubicas, d'aurora.

Vão tangendo na harpa de marfim,

A musica de Deus. E eis enfim

A canção desta Musa inspiradora:

« Manhã primaveril. Levanta-te, Poeta!

A Aurora já desponta! A luz oscula, inquietada,

O cume da montanha e a vastidão do mar.

Os cavadores já vão pra o campo trabalhar.

Vão pelo atulho, além, cantando alegremente,

Os ranchos das ceifeiras. Cantam a luz e a gente,

Uma canção do Amor, um cantico de Aurora

Ha uma alegria branca pelos campos fóra.

A brisa matutina corre, embalsamando

O ar e a suavidade angusta do céu brando.

O perfume das flores. As aves cantam. Olha,

Existe uma oração escrita em cada folha!

E o carne destas aves ledas, pequeninas,

E uma oração também. E o coro das matindas

Nu cathedra angusta e santa da floresta.

A verdadeira Igreja, Poeta, é esta! é esta!

O murmurio das folhas... a canção das fontes;

O marulhar dos rios, entre os verdes montes,

Graniticos gigantes, pobresinhos velhos

Que resam, de mãos postas, mudos, de joelhos;

O cantar duma onda branca que se espalha,

Vindo resar, na mesta solidão da praia,

Tudo isto é uma oração! Aqui é que se resa,

Na Igreja verdadeira, Poeta! — A Natureza!

Coimbra, 12-5-1915.

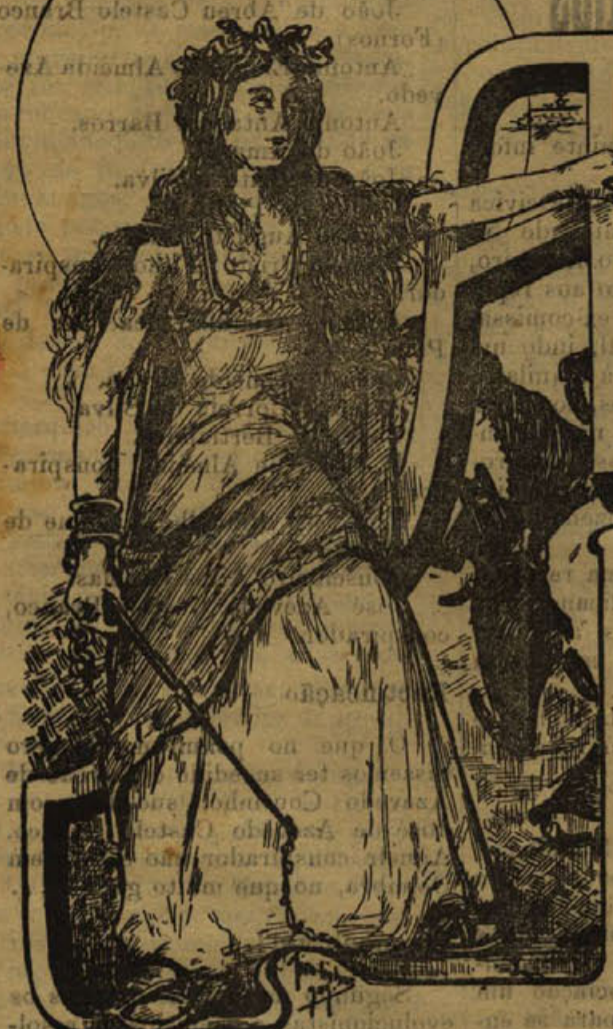
FIGUEIREDO JUNIOR.

TIPOGRAFIA LITERARIA

Rua Candido dos Reis, 17, 19, 21 COIMBRA

* * * * *

Impressões em todos os generos. Executam-se jornais, livros, faturas, relatorios, cartões de visita, etc. Aceitam-se trabalhos de toda a parte do pais.



ALCORÇA

Semanário republicano anti-clerical democratico

Director e editor José Peixoto d'Alarcão

ADMINISTRADOR
Anibal Reis

Redacção, Couraça de Lisboa, 10—Adminis-
tração, R. Dr. João Jacinto, 38—Composto e im-
presso na Tipografia Literaria, R. Candido dos
Reis, 17—Coimbra.

SECRETARIO
J. L. Frazão

Liberdade, Justiça, Verdade e Progresso

ORDEM E TRABALHO

Se não fosse a revolução de 14 do corrente, a Republica proclama da em 5 de outubro de 1910, mesmo que não fosse submergida pela traição do general Pimenta de Castro, ficaria para sempre deshonrada. Todos nós sabemos, que o que apressou a queda da realza foi, ineontestavelmente, a ditadura de João Franco. Como seria possível, portanto, que a Republica ficasse com prestigio, se ella, com a ditadura, representava a negação absoluta de todos os seus principios, do seu principio fundamental—de parlamentar democratica?

Evidentemente que não era possível.

Aquelles que fizeram a Republica ficariam para sempre humilhados, e, perante a historia, o povo republicano portuguez ficaria, deshonrado. Para evitar semelhante labeu, para que na nossa historia não ficasse tão negra mancha, fez-se a Revolução, que foi o batismo de sangue da Republica Portugueza.

Sem Constituição, sem leis, sem Liberdade, sem respeito pelo decoro, pela onra, pelos sentimentos e pelo pensar do povo portuguez não é possível jamais viver-se em Portugal.

Que todos tenham a franqueza das suas opiniões, que todos afirmem o seu modo de pensar, mas que todos respeitem as instituições e se manifestem dentro da lei, com senso, com dignidade, sem pretensões a desrespeitar os sentimentos dos seus concidadãos, eis como se deve proceder.

E que os dirigentes politicos, que muito concorreram para a si-

tução em que nos encontramos antes do dia 14, procedam igualmente para podermos entrar duma vez para sempre num periodo de **Ordem e trabalho.**

DR. AFONSO COSTA

Faleceu a mãe deste eminente estadista, sr.ª D. Ana Costa.

A bondosa senhora não lhe valeram todos os esforços da sciencia, nem os estremos cuidados da familia.

Ao sr. dr. Afonso Costa e a seu irmão, sr. dr. Artur Costa, enviamos a expressão das nossas sinceras condolencias.

A dança

Dizem os jornais que o sr. ministro da guerra teve uma conferencia de mais de quatro horas com o sr. dr. Brito Camacho, a respeito da attitude dos officiaes.

Mas que querem os officiaes? Que têm elles com a politica?

Não foi devido, em parte, á sua lamentavel attitude que se teve de recorrer á revolução?

Temos outra vez dança? Pois o melhor era entregarem agora as espadas e o sr. ministro da guerra aceita-las e promover os aspirantes e sargentos.

Fez-se no Brasil e a Republica consolidou-se e fê-lo Saldanha e foram mantidas.

Ecos da Revolução

URGENTE

Pede-se a todos os cidadãos a quem foi distribuido armamento no dia 14 e 15, para o movimento revolucionario que devia rebentar em Coimbra na madrugada de 16, que o entreguem com toda a urgencia aos seus distribuidores. Se não fôr entregue immediatamente a autoridade terá de intervir directamente no assunto.

HOMEM CRISTO, FILHO

Um artigo deste biltre publicado em Manifesto aos anarquistas e proletariado em abril de 1909 e cujo original se encontra em poder dum com-
panheiro hoje bacharel em direitos.

Em 1 de fevereiro de 1908, vacante já um ano, morreu um rei e um príncipe sob as balas justiceiras de dois revolucionarios audaciosos. E sob as espadas da policia morreram tambem nesse dia memoravel aqueles dois ómens de coração que para libertar um povo não esitaram em perder a vida.

Foi dia de luto para os de sangue azul, para os que vivem á custa dos privilegios desse sangue, e dia de luto foi para os que tem fome e não tem pão, para os que querem ser livres e são escravos.

Assim, á morte abençoada dum tirano, se seguiu a morte eroica de dois mártires da oppressão.

Com D. Carlos a monarchia entrara definitivamente no campo da violencia. O seu reinado foi uma serie ininterrupta de roubos, de iniquidades e de traições. Foi rei. E foi um rei inepto e mau. Além dos defeitos de todos os reis teve porém os defeitos particulares da sua familia e da sua raça. Desde que subiu ao trono seguiu uma politica pessoal e violenta. Dispôs dos portuguezes como dispunha dos seus lacaios. Não respeitou principios, não respeitou convicções, não respeitou ómens. Mandou prender, mandou matar. Deixou roubar e roubar. Riu-se dos que o ameaçavam; vingou-se dos que o combatiam. Quando encontrou um ómem que se tinha notabilisado pelos mais famosos atentados á liberdade, aproveitou-o para a sua politica de repressão e tirania. Redobrou então de audacia. Aliado com esse homem praticou atos só dignos de bandoleiros da peor especie. Suprimiu a liberdade de imprensa, suprimiu a liberdade de reunião, suprimiu a liberdade de pensamento. Reduziu á mais infima miseria os habitantes do seu paiz. Despresou completamente os homens. Quando estes protestaram, D. Carlos riu-se. Quando o

ameaçaram, D. Carlos riu-se ainda.

O mundo, atônito, olhava Portugal.

E Portugal então, tremeu. Preparou-se uma revolução. Mas o povo não tinha educação revolucionaria. Não tinha convicções, não tinha ideias. Sentia-se mal, sentia-se ferido. Mas não sabia pensar e não sabia agir. Quiz sair dessa situação insupportavel. Mas, desorientado, caminhou ao acaso, como um cego. E como um cego, tropeçou no primeiro obstaculo que encontrou e caiu desamparadamente. A revolução, mal organizada, mal dirigida, malograda-se. Os revolucionarios foram presos. A revolução descoberta. Lisboa foi occupada pelas tropas e a liberdade estava morta.

Entretanto, o rei, caçava.

Na noite trajica de 31 de janeiro, quando Lisboa derrotada, esmagada, sem forças para mais, dormia sepulta no silencio funebre da derrota, desbarcava no Terreiro do Paço, entre um esquadrão de guarda municipal, o ministro da justiça trazendo na pasta o decreto assinado pelo rei que enviava talvez para Timór, talvez para a morte, os revolucionarios presos nas yésperas.

Este fôra o ultimo golpe na liberdade! Os tiranos podiam comer tranquilos que ninguém lhes perturbaria a dejestão. Podiam já dormir em socego que ninguém lhes perturbaria o sono descansado.

No dia seguinte o rei chegava a Lisboa. E de facto a liberdade estava morta.

Não se respirava. A atmosfera tornara-se insupportavel. Os portuguezes, ao cruzar-se nas ruas, olhavam-se desconfiados. Os espiões apareciam nos cantos das praças, nas escadas, ao virar das esquinas. Uma palavra ousada era uma vida perdida.

Sofocava-se...
D'ali a pouco o rei e os seus ministros, triunfantes, atravessariam as

ruas da cidade, como que a desafiar o mundo inteiro, numa atitude provocadora, escarnecendo tudo e todos, Cada ómnia duvidava dos outros, duvidava de si proprio. Havia em todas as almas um presentimento trágico. Alguma coisa grandiosa ia passar-se

O'ras depois, o rei e o príncipe real caíam mortos no Terreiro do Paço, varados pelas balas de dois anarquistas.

Estes eram assassinados em seguida pelos agentes da *Ordem*. De dois ómens que tinham sacrificado as suas vidas para libertar um povo restavam somente os corpos mutilados.

Vencera porém a Liberdade. A tirania agonizava

Assim, em poucos minutos, dois ómens só, Manuel dos Reis da Silva Buisa e Alfredo Luis da Costa, sacrificando heroicamente as suas vidas executavam um plano que era fruto da sua grande dor, do seu amor infinito pelos ómens, e elevavam-se sempre mais alto para as regiões calmas da eterna luz.

Os seus nomes viverão para sempre na memória de todos os ómens de coração, jámais serão esquecidos pelos anarquistas revolucionários do mundo inteiro.

Viva a Internacional Vermelha!
Viva a Anarquia!

Hoje, o grupo dos estudantes Comunistas Revolucionários de Portugal, prestando homenagem á memória de Manuel dos Reis da Silva Buisa e Alfredo Luis da Costa, lança também ao proletariado português, aos famintos, aos nus, ás vítimas da exploração burguezá e da canalha aristocrática o seu grito de alarme e de revolta.

Aos párias, aos miseráveis, aos que se arrastam pelas ruas sem pão e sem abrigo, nós enviamos, no aniversário do dia em que a Liberdade por uns momentos triunfou, a expressão do nosso profundo amor de ómens e da nossa solidariedade com os seus sofrimentos e as suas dores.

A's mulheres perdidas, ás vítimas inocentes desta sociedade sem entranhas lançamos igualmente o nosso grito de revolta.

A prostituta miserável é a irmã do proletário. Como a deste a sua história está escrita com lagrimas e sangue.

Numa sociedade baseada sobre o antagonismo do teu e do meu e sobre a famosa lei da oferta e do pedido a prostituição é a regra, a probidade a excessão.

Prostituido é o caçador de dotes, prostituido é o deputado que engana os eleitores, o jornalista que vende a sua pena, os plúmivos reles que escrevem infâmias a tróco de patacos, prostitutas são as jóvens burguezas, sem vida e sem saúde, cheias de desvios sexuaes que deformam o caráter e perturbam a mentalidade, que se entregam sem vontade e sem amor num casamento rico, trocando a sua virgindade pelos confortos duma fortuna ou pela vaidade dum titulo. Prostituida é esta sociedade inteira que vive da rapina e da mentira.

Emfim, a todos os que sofrem, a todos os que sentem, ao povo anónimo, ao grande mártir, ao eterno despresado dos privilegiados e dos intelétuais, ao grande revolucionário de todos os tempos, que destruiu o castelo da feudalidade, que tomou a Bastilha, de quem saiu a grandeza sublime da revolução franceza, que é a alma de todas as revoltas, que se bate na rua como um leão quando, espicado, se resolve a vir reclamar os seus direitos, a esse povo onesto e generoso envia o Grupo dos Estudantes Comunistas Revolucionários Portuguezes o seu abraço fraternal.

E agora que a reacção de novo afia as garras para se lançar sobre nós todos, que os que vivem do nosso trabalho e do nosso sofrimento preparam na sombra o atentado contra a nossa liberdade, é preciso que tu, ó povo, eterno espoliado, eterno escravo, te lembres que precisas defender-te para não ficares aniquilado e perdido, sem liberdade e sem vida.

Proletários de todo o mundo! uni-vos!

A óra vai soar!

Libertários, companheiros! A reacção arma-se até aos dentes, encarcera-nos, persegue-nos numa furia insensata, porque nós prégamos um ideal de amor, porque nós propagamos a Verdade, porque nós alargamos os laços da Solidariedade Humana!

Estão presos em Alcalá del Vale cinco mártires, que são nossos irmãos de ideias, nossos companheiros de lutas, que tem sofrido todas as torturas e todas as violencias. A reacção espanhola ceva neles os seus odios e promete não os largar. Unamo-nos todos num belo exemplo de solidariedade e desde que os sicários que governam em Portugal nos não deixam protestar *legalmente* recorramos á acção revolucionaria.

Libertários, companheiros de Portugal! O anarquista é antes de tudo um revolucionário. Está bem em toda a parte onde se protesta, está bem em toda a parte onde se destrua. O povo português não quer mais sofrer esta monarquia que o tem espoliado, que o tem roubado, que, se existisse muito tempo ainda acabaria por aniquila-lo completamente. Sigamos, amigos, o exemplo dos nossos camaradas russos. Não nos coligando com nenhum partido, não nos deixando absorver por qualquer facção burguesa, ponhamos a nossa força ao lado do povo que já tem sofrido de mais e necessita do nosso auxilio.

Abandonemos os nossos gabinetes de estudo, as nossas visões ideaes, os nossos sonhos encantados e venhamos para a luta revolucionaria, para o meio do povo, sofrer com o povo e trabalhar com o povo.

Suspendamos por um momento o cultivo da nossa inteliencia. Abandonemos algum tempo a nossa propaganda doutrinaria. A reacção abusa da nossa tolerancia e... da nossa paciencia.

Anarquistas portuguezes! Respondamos á união dos exploradores, á Internacional dos reacionários com a união do proletariado que numa óra talvez longiqua, talvez muito próxima, ha-de lançar em todo o mundo as bases do Comunismo Universal.

Vamos, libertários, a óra vai soar!

Ateemos por cima das fronteiras a chama da revolta, poucos nos importando com as ameaças da burguesia que agonisa.

O povo português precisa do auxilio dos revolucionários do mundo inteiro.

Chegou o momento de abandonarmos os nossos gabinetes de estudo para descermos aos nossos laboratórios.

Uma bomba não é um argumento. Mas a Siberia, Alcalá ou Timór, não o são mais.

Ora, como se dizia no *Revanche des Nihilistes*, em face dos nossos argumentos os tiranos nunca opuzeram outros ás reclamações do povo miserável. O raciocínio provoca o raciocínio, mas a força chama a dinamite.

A' dinamite, pois!

Viva a Internacional Vermelha!
Viva a anarquia!

O Grupo de Estudantes Comunistas Revolucionários do Portugal.

Homens & Factos

Olho vé...

Mandam-nos a seguinte informacção:

«O ex-23 e 31 da policia civica e o estudante monarchico do 5.º ano de Sciencias, Amaro Loureiro, andando na perseguição aos republicanos por ordem do ex-comissario major Costa Cabral, indo um dia passar uma busca á alquilaria do sr. Evaristo Camões, contador do juizo desta comarca, não encontrando nada que pudesse comprometer este sr. o 23 subtraio da dita casa uma saca branca, dizendo para os companheiros:

— Ao menos levo uma recordação da casa dum republicano.

Temos mais proezas a contar destes três cavalheiros mas ficam para o proximo numero.

E que tal? Se por lá houvesse alguns cobres também marchavam.

Outra informacção

«O João Pinto de Magalhães, mais conhecido pelo *João Lagoaça dos marmãjões*, sendo socio auxiliar da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra, pediu á dita Associação um piquete de bombeiros para se incorporarem na proeissão aos Entrevados da freguesia da Sé Nova, e como a direcção desta pretimosa Associação não atentasse o *caróla* no seu pedido, vai e solicita a sua demissão de socio.

Ve, a o publico o que tem de benemerito este *marmãjão* e *caróla*.

Mas que magnifico bombeiro para apagar um incendio numa sacristia! Devia ser destemido de agulheta em punho... Safa!

Rebouteinho monarchico

Para edificacção dos leitores resolvemos arquivar nas nossas columnas os comensaes que assistiram á paparóca no Palacio Hotel no dia em que foi inaugurada a chafarica monarchica ali no Sónsa Bastos:

Conselheiro João Matoso, cacique de Soure.

José Peixoto Soares de Carvalho.

Antonio Vieira de Carvalho — já esteve na Penitenciaria como conspirador.

Adriano Mariz.

Francisco Carvalho Soares Victor.

Francisco Pinto Teixeira.

José Jardim, cacique da Figueira.

Sebastião José de Carvalho.

Mario Rego Xavier Pereira.

Antonio Alçada (Pedreira).

Januario Leal Pereira de Macedo.

Fernando Salazar, padre e assistente da Faculdade de Direito.

Alberto Monteiro de Proença.

José Antunes Maia.

Antonio Maria Antunes Maia, sobrinho do cacique dr. Anibal Maia.

Caetano da Costa de Macedo.

José de Sá Coutinho.

Antonio Rodrigues Pinto.

Frederico Perry de Almeida Vidal.

Luis Vieira de Castro.

André Miranda.

Pires de Lima da Fonseca.

Rafael Baptista Nobre Sobrinho.

Francisco de Abreu Castelo Branco (Fornos).

João de Abreu Castelo Branco (Fornos).

Antonio Emilio de Almeida Azevedo.

Antonio Antas de Barros.

João do Amaral.

João de Brito e Silva.

Conde da Ponte.

Afonso Augusto Duarte.

Homem Cristo, Filho, conspirador.

Antonio Godinho, cacique de Poiães.

Luis de Almeida Braga.

Americo Correia da Silva.

Conde de Bertandos.

D. João de Almeida, conspirador.

Francisco Ramalho, cacique de Condeixa.

Conselheiro Aires Ornelas.

José Azevedo Castelo Branco, conspirador.

Rectificacção

O que no penultimo numero dissemos ter succedido com João de Azevedo Coutinho, succedeu com José de Azevedo Castelo Branco. Aquelr conspirador não esteve em Coimbra, no que muito ganhou...

Inconcebivel!

Segundo as ultimas noticias os evolucionistas e camachistas resolveram abster-se do acto eleitoral no proximo dia 6 alegando — não sabem que? — que o praso é insufficiente para a propagação eleitoral.

Não pode haver resolução mais disparatada, mais hipocrita e mais sem pudor!

Então com o governo Pimenta de Castro servia-lhes a data, sem propaganda eleitoral, no que não tinham sequer ainda falado? e agora já lhes não serve, apesar dum governo nacional e de que fazem parte correligionarios seus, dum governo que não quer intervir nas eleições?

O que vale é que toda a gente lhes percebe o jogo. Com os ditadores tinham eles combinado o ronbo dos votos democraticos, tendo resolvido dar-lhes só 15 deputados.

Ponham nisto os olhos os verdadeiros republicanos que sinceramente têm acompanhado evolucionistas e camachistas.

O caminho é só um: votar nos candidatos democraticos.

E ha para ai quem diga a tal gente que tenha juizo. Para que? Já não têm cura.

O que é indispensavel é inter-nal-os em Rilhafoles, sob os cuidados dos drs. Julio de Matos e Sobral Cid.

Vista grossa

Do nosso presado colega *A Voz da Justiça* transcrevemos o seguinte éco dirigido ali aquela *Gazeta* monarchica do Patio da Inquisição:

Não sabemos...

«Segundo o criterio do nosso colega *Gazeta de Coimbra*, a revolução contra a ditadura triunfou porque... assim o quizeram o sr. Pimenta, o sr. Brito Camacho e o sr. Machado dos Santos!!!»

E' divertida a *Gazeta*, com este seu raciocínio, mas, verdade, verdade, ela d'alguema forma havia de ser generosa para com aqueles que lançaram na revolta os sinceros republicanos.

Como quer a *Gazeta de Coimbra*, digamos á historia: os heroes do 14 de Maio foram os ditadores e seus sequazes; os criminosos foram simplesmente os revolucionários... Ora... pois, colega.»

O ditador da justiça

Não é verdade encontrar-se em Coimbra o dr. Guilherme Moreira.

Bandidos!

Na segunda feira que precedeu a revolução, de madrugada, o nosso correligionario Jacinto Neves, que foi sempre um dedicadissimo republicano, e que ha tempos teve a infelicidade de cegar, estando no largo de S. João a conversar com dois amigos, foi covardemente alvejado por um tiro, que partiu, ao que se presume, duma das janelas do predio em que está instalado o Café Suíço, habitado por alguns estudantes monarchicos.

O caso foi entregue á policia.

—No *Jornal da Noite*, órgão monarchico de Lisboa, veio publicada uma ameaça aos operarios de Coimbra, onde se diz que no dia 27, não ficará morto só um futricia.

Esta allusão é infame, porque se refere aos tristes acontecimentos de maio do ano passado, em que os estudantes feriram alguns populares e mataram outro, e ferindo gravemente dois policias, sem que até hoje fossem castigados os agressores e o assassino.

Procura-se, tambem, desviar o fim do protesto do p. vo de Coimbra — meramente politico — para outro que fundamento algum tem.

Os operarios de Coimbra tiveram uma reunião magna, em que foi resolvido protestar e assentar na organização da sua defesa, em vista de parte da policia lhe não merecer confiança.

Por nossa parte, como estudante de direito, declaramos a nossa absoluta solidariedade com os operarios — porque se trata unicamente duma questão politica.

Todos borrados

O pessoal da Imprensa da Universidade resolveu saudar o sr. Luis Deronet por ter recupado o seu lugar. Nada mais natural e nada mais justo.

O que não faz sentido é que dois monarchicos de gema que ali existem — porque todo o mais pessoal é republicano, e bom dizelo — fossem dos primeiros a apressar-se com a sua assinatura! Nem lhes dizemos os nomes para evitar o reclamo. Todos os conhecem e ninguém os compra, porque não valem um caracol.

Queremos Deus...

Mas porque não apareceriam elles por a Avenida naquele memoravel dia?...

Estava um calor...

Visconde do escarro

Aquele visconde do Ameal — a terra das inguias — que foi para a fronteira conspirar contra a Republica e agora se encontra entre nós — perdão! — entre a choldra que por aí ha com basofias monarchicas, apressara-se, logo em seguida á proclamação da Republica, a ir ao Centro Republicano José Falcão jurar a sua fidelidade ás instituições «dizendo que se alguma vez o vissem faltar á sua palavra, dava licença que lhe escarrassem na cara.»

Pois ha dias, um velho republicano que assistiu ao juramento do visconde, encontrando-o, recordou-lhe o escarro e escarrou-lhe na cara.

Atmosfera revolucionaria...

Por mais do que uma vez o sr. Camacho toucou esta ária na *Lucta*: os democraticos pensam fazer uma revolução. As revoluções para triunfar precisam duma atmosfera propicia, e que não acontece na actual situação.

Está provado, afinal, que as taes atmosferas só são precisas para as revoluções... aerias. Para as trovoadas, por exemplo.

Uma frase

Ha dias dizia nos um monarchico, dolorosamente apreensivo: esta absolutamente demonstrado, que só os democraticos os têm no seu lugar.

Ind'o dizes...

Espavorido!

Na madrugada de 15 do corrente, quando nós tinhamos a pele arriscada e os papa-hostias e sacristas de opa e tocha se alapardavam debaixo das camas, transidos de susto, ali o Carriça, «socialista», que tambem se encorporou ha dias nas procissões, ao ouvir aquela monumental explosão da bomba lançada proximo do correio, sai de casa e desata a correr até á baixa, gritando:

— Viva a Revolução! Vivam os redactores d'«A Corja»!

Parecia doído. E assim nos appareceu na baixa, congestionado, transformado de todo.

Aqui ficam os nossos agradecimentos e o conselho de que tenha só uma cara: ou cidadão socialista ou sucrista.

Não levamos nada pelo conselho.

Marquês de Pombal

Fez no dia treze 226 anos que nasceu Sebastião José de Carvalho, depois Marquês de Pombal e ministro do rei D. José, fazendo tambem, no dia oito, 133 anos que foi o seu falecimento.

Como estadista a sua acção civilisadora encheu a historia — reedificou a cidade de Lisboa, deu grande impulso ao commercio, industria e agricultura, deu o primeiro golpe no jesuitismo e levantou o nome de Portugal perante o mundo, contendo em respeito os rompantes da Hespanha.

No proximo numero nos occuparemos da obra monumental de Sebastião José de Carvalho, recomendando a nossos secção «Kalendario», interrompida pela doença do seu colaborador.

Evolucionistas e camachistas

A attitude faciosa destes dois partidos, que tanto têm prejudicado a vida da Republica, talvez dê resultados benéficos, se se pozer em pratica a ideia seguinte: a apresentação de candidaturas independentes.

Em Coimbra, por exemplo, ha cidadãos de categoria que representariam brilhantemente no Parlamento esta cidade.

Aqui têm uma boa lista:

Dr. Luis Viegas, professor da Universidade.

Dr. Marnôco e Sousa, professor da Universidade.

Dr. José Caeiro da Mata, professor da Universidade.

Armando Leal Gonçalves, medico.

Manuel Braga, bacharel e representante da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.

Cassiano Augusto Martins Ribeiro, proprietaria e antigo comerciante.

Eduardo Santos, alferes de infantaria.

E um representante da associação commercial, sem filiação partidaria.

Era, sem duvida, uma escolha honrosa e aceitavel, porque todos os cidadãos indicados não pertencem a qualquer partido e nas camaras fariam uma opposição leal, sem faciosismo e com certeza tratariam a valer dos interesses de Coimbra.

E ninguém seria capaz de afirmar que teriamos então «Solar dos Barrigas».

BOTA-ABAIXO

A limpeza

Foram destituídos os general da divisão, Ivens e o chefe do estado maior, e substituídos pelos republicanos srs. general Brito e Abreu e Maia into.

Foram expulsos os governadores civis Sereno e Mota Guedes, monarchicos, e os commissarios Costa Cabral e Mousinho d'Albuquerque, este commissario durante hora e meia.

Demitidos os policias 87, 23, 51 e 29. Suspensos o chefe Louro e guardas n.º 24, 39, 42, 62, 70, 81, 85, 88, 91 e 109. Ainda vão ser suspensos outros.

No commissariado encontraram-se documentos interessantes, assim como no governo civil, entre elles a lista dos individuos que deviam ser vigiados: Floro Henriques, Costa Ramos, João Favas, Kemp Serrão, etc.; os relatorios do guarda n.º 23, dando conta da sua missão, narrando as voltas que davam aquelles dedicados republicanos; uma historia duma pistola praticada pelo commissario Costa Cabral. A respeito de dinheiro no commissariado nem um centavo.

Parce-nos que já se está procedendo a uma sindicancia.

Somos de opinião que a corporação da policia deve ser dissolvida, reintegrando-se todos os guardas aptos e fieis ás instituições e admitindo-se para as vagas republicanos de absoluta confiança e aumentar-se-lhes os ordenados assim que as condições financeiras do país o permitam.

O Padre Mélo

Diz o nosso colega *O Debate* que o bispo chamou á sua presença este padre jesuita e o proibiu de fazer predicas na capela dos Grilos, recomendando-lhe que as fizesse na Sé Velha, sede da sua paróquia, e que versasse apenas assuntos religiosos.

Isto é simplesmente uma leria, porque esta corja é toda a mesma.

Pois não é este mesmo bispo que na Sé Nova assistiu ao vivório á monarchia, a D. Manoel e aos morras á formiga branca, etc. sem qualquer protesto ou observação?

O que é necessario é que todos os liberaes estejam alerta e não consentam que a corja negra estenda as garras.

Ao sr. Director dos correios

A sua Ex.ª que é um funcionario zeloso, pedimos providencias contra as irregularidades praticadas pelos carteiros.

A nossa redacção tem chegado jornais devolvidos, cujos endereços estão bem nitidos, dando motivo a que os assiantes nos façam reclamações.

Para o facto chamamos a attenção do sr. Antonio Maria Pimenta.

ESCOLA-OFICINA

Devido aos ultimos acontecimentos foi adiado o sarau em beneficio desta instituição, devendo realizar-se no dia 7 do proximo mês. Os bilhetes em poder das pessoas que se dignificam auxiliando esta importante obra da instrução e beneficencia, são validos.

Vai ser exposta numa das vitrines do estabelecimento do sr. Manuel Teixeira, a *Elegancia de Coimbra*, a artistica guitarra que o sr. Armando Neves ofereceu á Escola-Oficina para ser rifada.

Os bilhetes para a rifa vão comecar a ser distribuidos ao publico. O seu preço é apenas de \$10, uma insignificancia, pelo que é de esperar que sejam bem acolhidos por toda a gente.

A acção do governo

Foram infructíferas as «demarches» do sr. dr. José de Castro para estabelecer um acordo entre os partidos.

O sr. dr. José de Castro, presidente interino do governo, procurou conciliar as aspirações de todos os partidos em torno do problema politico. Para alcançar este objectivo empregou esforços persistentes mostrando a sua completa isenção e a mais rigorosa imparcialidade perante os conflitos que tem agitado a vida da Republica. Não conseguiu porém, estabelecer o acordo que procurava, principalmente porque alguns politicos entendem que o governo deve intervir no acto eleitoral por intermedio dos governadores civis.

Contra isso se manifestou o sr. dr. José de Castro, que está dentro dos bons principios democraticos deixando que os partidos disputem livremente os sufragios dos eleitores. A acção do governo, neste ponto, tem de limitar-se a manter a ordem e a garantir a mais ampla liberdade a todos os cidadãos para o exercicio do direito do voto.

É claro que o sr. dr. José de Castro, como chefe dum governo saído duma revolução, podia dispensar-se de querer conciliar os chefes dos partidos, empregando toda a sua energia na realização do mandato que lhe era conferido pelas forças revolucionarias. Mas entendeu s. ex.ª que, para mais completamente realizar esse mandato, devia pacificar a familia republicana, integrando-a na mesma aspiração de legalidade constitucional. E essa a explicação das suas infructíferas demarches para pôr termo a divergencias e solucionar aspirações com as quais este governo nada tem.

Agora, a acção politica do governo concentra-se nestes dois pontos: convocação do parlamento e realização do acto eleitoral. O parlamento determinará as disposições que devem regular o acto eleitoral — determinação tanto mais necessaria quanto é certo que ainda se não fez nenhuma lei que regule as formalidades a observar para a eleição dos senadores.

A tal proposito diz-se que os partidos evolucionista e unionista resolverão não comparecer na proxima sessão do Congresso, mas espera o sr. ds. Jose de Castro que esse boato careça de fundamento. A abertura do Congresso é uma consequencia do triunfo da revolução, visto que ela impôs a todos os partidos o respeito pela lei. Ora, só o parlamento pode introduzir quaisquer alterações na lei eleitoral que estava em vigor quando se constituiu o gabinete da ditadura.

(D'A Capital de ontem)

Estamos alerta!

No artigo de fundo da *Republica*, de hoje, o sr. Antonio José d'Almeida ameaça-nos com um acto revolucionario identico ao de 14 de maio, ao mesmo tempo que elogia o general-ditador Pimenta de Castro.

Percebemos e todos sabemos o caminho a seguir — não desarmarmos.

O actual governo tem obrigação de usar da força que lhe deram os revolucionarios.

Velhos e novos Deuses

O homem primordial, a antiga fera das cavernas, o selvagem habitante das espessas florestas onde rugiam raivosamente as feras primitivas, vivia ainda na inconsciência absoluta da vida humana. (Ah! como ele então era feliz!) Um pequeno raio de luz debil, começou a dissipar a caliginosa nuvem que lhe entenebreia o cerebro. Era ainda a madrugada do seu espirito. O nevoeiro extinguiu-se e a luz falgou mais intensa, mais viva, com vibrações frementes de claridade aureolada. Era o sol da razão que surgira magestosamente, num sorriso casto e angelizante a iluminar-lhe a noite lugubre da alma, como um sol de Maio que de ponta triunfantemente, espargindo a argentea luz do seu sorriso primaveril, sobre a terra palpitante de vida e florescência. Foram então desbaratadas as trevas da sua alma pela aurora da razão!

O homem viu os largos horizontes do seu espirito e julgou-se inferior a si mesmo. Aquela materia vil, aquele imundo tremedal vitalizado por uma centelha misteriosa, julgava-o demasiadamente mesquinho para encerrar a sua nova aurora. Ah! E' que ele ainda não conhecia a beleza candida dos lirios que desabrocham na podridão do lodo!

Ele ignorava ainda que no gesto petrificado dum rochedo inabalavel, havia palpitações ocultas de chama e luz!... Donde viria então a sua consciencia, aquela luz que ele não supunha emanada do seu proprio ser? Volveu os olhos ao azul etéreo, como que para ler nele o insondavel arcano da sua alma, e subitamente caiu na adoração do Sol. Era ele... era ele decerto o ponto principal donde emanava toda a vida universal; era o Astro luminoso o manancial da existencia, a origem da Vida.

O humilde coração do homem rustico, contou então numa fremincia de vago misticismo, hossanas fervorosas de louvor ao luminoso Pai Celeste. E adorou o Sol.

O que era essa adoração, senão a humilhação do seu espirito, perante uma entidade superior e so-

berana?! Mais tarde os povos egipcios, personificaram o sol nascente com o nome de Horus e o sol poente com o de Orus.

Os gregos deram-lhe o nome de Apolo. (Phebo) dizendo que ele todas as manhãs apparecia na argentina porta do Oriente, aberta pelas mãos querúbicas da Aurora radiante, para fazer a sua viagem etravez da abobada azulada, no seu carro aurifero e chamejante puxado por magestosos corseis. O Sol foi ainda adorado pelos assirios, persas, indios e babilonios, recebendo diversos nomes.

Depois, ao lado do culto do Sol, o homem começou a adorar o Fogo. Hoje este Deus é agrilhoado pelo braço humano, para ribombar na boca incendiada dos canhões espalhando o horror e a morte sobre a gieba manchada pelo sangue de miriades de seres humanos.

Oh! Fogo! oh! antigo Deus tornado pavor e morte, agora odiado pelos corações humanitarios! maldito sejas tu!

E tu, Sol! porque não apagas o teu fulgor intenso, deixando imersa nuna noite perenal esta Humanidade barbara e corrupta? Oh! malditos sejam todos os Deuses que a ingenuidade dos antigos povos divinizou na sua adoração, os Deuses de que alguns homens de hoje se aproveitam para sustentaculo da sua grandeza ignobil e para manter a desgraça dos eternos deserdados!

FIGUEIREDO JUNIOR.

De "A Revolta"

ATENÇÃO

A todos os nossos leitores recomendamos a *Tipografia Literaria*, onde é impresso o nosso jornal, que se encarrega da execução de todos os trabalhos tipograficos para toda a parte do pais, por preços bastante commodos e trabalho perfeito. Rapidês em todas as encomendas. **Para grandes obras faz importantes reduções de preços. Executa trabalhos a credito e a prazos determinados.**

E' uma tipografia magnificamente montada, com material todo novo, com uma grande maquina inglesa movida a motor, encontrando-se habilitada a tomar conta de grandes edições, pois que a sua tiragem de impressão é de 3.000 exemplares á hora.

Faz-se todo o trabalho.

Secção literaria

PORTUGAL RESSUSCITADO

Silencio de penumbra... Escumbros velhos

De castela, medievo. A sombra irreal

Dum heroi doutras heras, vai, de joelhos,

Ao tumulto do velho Portugal.

Levanta-te Gigante, pae do Gama

Que desvendou a trepa, o fundo arcano,

Que envolvia a soidão do Mar-Oceano!

Levanta-te o heroi d'antiga fama!

Chama por tua voz da minha Raça,

Meu Portugal antigo! Nisto passa

A cavallo, um intrepido Soldado!

Sombra d'heroi! o almas d'erás!

Abandona o Castelo das quimeras:

Eu sou o Portugal Ressuscitado?...

Coimbra 18 5-915

FIGUEIREDO JUNIOR

CORJA

Publicação semanal

Condições d'assinatura

Pagamentos adeantados

Assinatura trimestral	\$30
mensal	\$10
Numero avulso	\$02

Anuncios contrato especial

Não se restituem originaes

embora não sejam publicados

TIPOGRAFIA LITERARIA

Rua Candido dos Reis, 17, 19, 21 - COIMBRA

Impressões em todos os generos. Executam-se jornais, livros, faturas, relatorios,

cartões de visita, etc.

Acceptam-se trabalhos de toda a parte do pais.



ALCORÇA

Semanario republicano anti-clerical democratico

Director e editor José Peixoto d'Alarcão

ADMINISTRADOR
Anibal Reis

Redacção, Couraça de Lisboa, 10—Administração, R. Dr. João Jacinto, 38—Composto e impresso na Tipografia Literaria, R. Candido dos Reis, 17 — Coimbra.

SECRETARIO
J. L. Frazão

Liberdade, Justiça, Verdade e Progresso

VIDA NOVA

A revolução que no dia 14 de Maio lançou por terra a ignominiosa ditadura, ditadura que afrontava de ha muito o brio nacional, impunha-se ha muito tempo.

Esse punhado de valentes que deu todo o seu sacrificio, todo o seu sangue, muitas das suas vidas, em prol da liberdade e da justiça, esse honrado povo republicano que sabe tão nobremente desafrontar uma Patria, merece o respeito e a admiração de toda a gente! A nossa redacção, descobre-se como vida peralite esse punhado de bravos, tendo para os que pereceram uma lagrima de saudade, para os feidos uma palavra de consoladora fé, e finalmente para os que saíram incolumes da gigantesca luta, apenas temos um abraço de amigos, porque a Republica é que saberá dedicar-lhe todo o seu agradecimento, e a Patria redimida conserva-los ha no seu seio como uma reliquia preciosa.

O movimento revolucionario de 14 de maio ficará gravado em letras de ouro nas paginas brilhantes da nossa historia! Ele refulgirá nessas paginas como o maior feito que ella encerra e mostrará aos vindouros que Portugal soube sempre ser um paiz livre, honrado e altivo.

Mostrará que no seu seio existem aimas de verdadeiros patriotas que sabem sacudir sempre um jugo infamante toda a vez que um miseravel pretenda impor-lho!

Quando lá fora o nome Portugal era acolhido com uma gargalhada de escarneo, quando a nossa terra era considerada uma multidão de cobardes Portugal, o nobre Portugal de sempre, levanta a sua frente, austera aos olhos de todo o mundo e

expulsa pela força os traidores à Patria, aqueles que queriam impudicamente vender a terra que lhes serviu de berço!

Foi assim dada uma satisfação ao mundo inteiro e á consciencia nacional! Foi cara e dolorosa essa satisfação? Certamente. Muito sangue corren, mas esse sangue vai germinar, vai frutificar, vai fazer nascer uma vida nova, em que predomina a justiça, a lei, o direito, o respeito pelo diploma que encerra as nossas garantias, o trabalho, a ordem, a liberdade e a legalidade! É uma vida nova que começa para Portugal! D'ora avante os traidores atascados no charco da ignominia que crearam, não mais voltarão a encetar a sua obra criminosa porque receberam a lição que mereciam. O saneamento vai fazer-se e oxalá que desta vez seja um facto! Chegou o momento de acabarem as transigencias e a vergonhosa indulgencia com que eram tratados os nossos inimigos.

Aqueles que quiserem cooperar lealmente na obra da Republica, ella lá estará para lhe abrir francamente os seus braços!

Os outros, os traidores, a peles que abancados á mesa do orçamento, são manifestamente hostis ás instituições vigentes, nada tem que fazer entre um povo que quer a Republica intangivel e a sua patria dignificada.

Esses devem ser lançados á margem, para serem olhados pelo velho Portugal com o olhar que se lançou a um traidor á Patria! Mas Portugal vive hoje uma vida nova, cheia de fé, cheia de esperança no regimen que implantou com o seu sangue, — a nobre e altiva Republica Portuguesa!

PEIXOTO D'ALARCÃO.

DR. TEOFILO BRAGA

O grande sabio foi eleito por 93 votos contra 1, presidente da Republica Portuguesa. No seu nome austero, cheio dum passado derepublicano intransigente, saudamos a nova



vida de Liberdade e Gloria que desponta para a Patria e para a Republica.

Temos a certeza de que a sua mensagem á Nação será integralmente cumprida.
Viva a Republica!
Viva Teofilo Braga!

Um caso patologico

Quando depois das Constituintes se realizou a eleição do presidente da Republica, nós não esperavamos que vingasse a candidatura Arriaga. Suposemos sempre, que á parte o idealismo do sr. Antonio José de Almeida, o sr. Brito Camacho, como era natural que succedesse, votasse no sr. Dr. Bernardino Machado.

Não succedeu assim, e, infelizmente, vimos que um capricho do sr. Antonio José de Almeida, originado numa sua promessa que, quando foi feita, não representava mais que uma mera fantasia, levou ao alto cargo de chefe do Estado o sr. Manuel de Arriaga.

Os leitores conhecem a historia: o sr. Antonio José de Almeida, quando estudante em Coimbra, escreveu no *Portugal* um artigo com o titulo «Bragança, o ultimo», que caiu na alçada da lei das rolhas.

O sr. Arriaga, que foi sempre um advogado sem clientela, veio ao tribunal defendê-lo, o que conseguiu com exito. Como paga á gentileza de seu trabalho gratuito, o sr. Antonio José, agradecendo, disse-lhe: «considerar-me-hei feliz no dia em que lhe der o meu voto para presidente da Republica.»

Assim succedeu. Desde esse momento, nós que presenciamos a passagem do sr. Arriaga pela reitoria da Universidade, previmos toda a desastrosa situação politica que se tem desenrolado.

Quando chegou a Coimbra a noticia da sua eleição apenas soltamos esta frase: *um verdadeiro desastre*. E, ao mesmo tempo que assim nos pronunciavamos, um cidadão de alta categoria que muito bem conhece na intimidade o sr. Arriaga, bradou: «vamos ter uma monarchia de barrete frigio».

Esta profecia estava a realizar-se quando rebentou a revolução de 14 de maio.

Toda a gente sabe que o ex-presidente da Republica foi um verdadeiro republicano, que teve um lugar de destaque contra o regime deposto; mas tambem todos sabem que foi sempre um idealista, como se pode ver não só pelos seus discursos e artigos, como em todos os seus trabalhos de caracter politico. Para o comprovar basta o seu livro *Harmonias Sociais*.

Mas apesar de todo este seu passado, que não era sufficiente a recomenda-lo para exercer o alto cargo de Presidente da Republica, o sr. Arriaga poderia sofrivelmente desempenhar as suas altas funções? Talvez.

Para nós que vimos a triste figura que s. ex.ª fez numas conferencias realizadas no salão nobre da Universidade de Coimbra o que uma vez lhe falamos na reitoria, tinhamos a convicção de que o desempenho das suas funções não corresponderia, especialmente, ás necessidades do momento. E assim

Velhos e novos

Todos os dimanados das recordações do seu cérebro, foram precisamente identicos ás suas conferencias na Universidade. Revelaram nada mais nada menos, que desequilíbrio das suas faculdades mentais, devido, decerto, á sua avançada idade.

Homens & Factos

A proposito

Noutro lugar publicamos alguns versos extrahidos do poema *O grande Marquês* do distinto poeta que foi Macedo Papança, depois Conde de Monsaraz

Como vêem é a condenação formal da realza, do jesuitismo e da nobreza, em que mais tarde se inscreveu Macedo Papança, sem se importar com as suas anteriores afirmações liberais e anti-realistas.

Só 200?

Em alguns jornais lemos que uma comissão de revolucionarios civis de Coimbra, apresentada pelo sr. dr. Pires de Carvalho, entregou ao sr. Ministro do Interior uma lista de duzentos funcionarios publicos hostis á Republica, solicitando a sua demissão. Ahamos pouco. Em todo o distrito de Coimbra—é convicção nossa—não existem trezentos funcionarios que sejam republicanos.

Mas parece-nos que não de fazer a coisa por menos, apesar de ser de toda a justiça suspender e demitir toda essa choldra monarchica.

Todos podem pensar conforme as suas ideias, mas não faz sentido que sendo funcionarios do Estado o hostiliseem.

Alguns, pouco antes da Republica proclamada, diziam-nos que se ela um dia fosse um facto, que se demitiriam, «por ue tinham medo que o dinheiro do Estado lhe quei masse as mãos». Mas não o fizeram e continuam a lambar-se com a massa e até a meter empenhos para melhoria de situações.

Monarchicos na Republica

Convem lembrar aqui a attitude do Barão do Rio Branco, que sendo monarchico até morrer, foi por muito tempo ministro da Republica Brasileira.

Mas era um homem honrado que nunca conspirou e que sempre serviu o regimen com a maior lealdade.

Cá não há dèsses.

Sempre de aeroplano

Depois de varias evoluções aérias cairam afinal em si os evolucionistas e sempre resolveram ir á urna. Pudera! Pois se eles viam que os camachistas abichavam todas as minorias e... era uma vês evolucionismo.

No circulo de Coimbra devem perder a maioria. Antes das adoesões que do evolucionismo têm sido feitas ao Partido Democratico, eles tinham a maioria assegurada, mas agora *viste-la*.

Caso notavel

Não sabem quê? Adivinhem? Encontrarem-se hospedados no Hotel Avenida os srs. José Maria de Alpoim e Chabi Pinheiro.

Não ha por ora noticia de qual quer desabamento no hotel; entre tanto será bom que os bombeiros se encontrem de prevenção.

Esta não é nossa, apanhámo-la ao dr. Quim. Mas é verdadeira.

Desrespeitando a lei

Ha em Coimbra escolas officias e particulares onde se ministra ensino religioso, o que é absolutamente contrario á lei.

Em algumas sabemos que se obriga os alunos a benzer-se e se mandam á doutrina.

Tambem sabemos que em dias santificados pela egreja se não tem dado aula nessas escolas. Ainda na chamada segunda feira do Espirito Santo isso succedeu, chegando os alunos a ir bater á porta da Escola e respondendo-se lhe que não havia aulas.

Colégio de Santa Izabel

Neste collegio, que é sem duvida um daqueles onde se pratica ensino contra a Republica, deu-se ha dias um facto que comprova até certo ponto a nossa afirmação. Defronte é a séde do Centro Catolico Monarquico Académico e na noite do dia seguinte aos acontecimentos provocados pela visita dos conspiradores monarchicos a Coimbra, os meninos do Centro, cheios de medo, andaram numa azafama mudando a mobilia da chafarica para aquele collegio.

Chamamos a attenção destes factos para a autoridade competente.

A doutrina

Nas egrejas de Coimbra está-se praticando um dos actos mais funestos para a Republica. E' a educação religiosa á infancia, havendo nas escolas, como noutro lugar dizemos, quem imite as creanças a ir para os templos catholicos, verdadeiros antros de deformação de caracteres.

A todos os pais e mães que têm por obrigação educar seus filhos nos verdadeiros principios da Liberdade, do Bem, da Honra e da Justiça, lembramos que cometem um crime de lesa patriotismo consentindo que elles ali vão, a receber as lições dos tonsurados, que têm como unica missão explorar, brutecer e amoldar os ternos espiritos infantis ás suas miseraveis doutrinas.

Os padres têm como *isca*, para aqueles espiritos fracos, o seguinte estratagemma: distribuem umas senhas de cortolina, numeradas, de que depois fazem sorteio, calhando a certas e determinadas creanças objectos sem utilidade, estampas, canivetes, rosarios, bonecas, etc.

Egualmente fazem distribuição gratuita dum pequeno pasquim intitulado *O Mensageiro*, onde se faz a mais desenfreada propaganda jesuitica.

Tudo isto dá em resultado as creanças apparecerem nas escolas com os referidos objectos e o tal pasquim, atraindo desta forma *engenhosa* quasi todos os alunos ás egrejas.

Chamamos a attenção do sr. inspetor escolar e outras autoridades, porque tal propaganda não pode continuar.

Quem não deve não teme

O nosso presado correligionario sr. Kemp Serrão pediu ao sr. ministro da instrução para que continue a sindicancia aos seus actos ordenada pelo governo da ditadura. Assim é que é.

Bom seria que o sr. Kemp Serrão ordenasse tambem uma sindicancia a um *Calcinhas* e outros que se acoitam na inspecção escolar, sob as suas ordens, e cuja attitude contra o regimen é manifesta.

E' preciso que a limpeza se faça.

Assombroso!

O sr. Antonio José d'Almeida entrevistado per um redactor do *El Imparcial*, de Madrid, fartou-se de dizer coisas e loisas muito proprias do aeronauta que é.

Mas nós destacamos para aqui o seguinte:

«Não posso de nenhum modo—afirmou o sr. Antonio Zé—dar a minha cooperação ao governo actual. Fui e continuo sendo solidario com o governo de Pimenta de Castro. Sem abdicar, pois, das minhas ideias, sem me atraioçar, não poderia prestar assentimento nem auxilio aos que violentamente, por meio duma revolução, muito mais violenta que a de 5 de outubro, derrubaram o suposto (sic) ditador.

«Ditador! Assim chamavam aqui e assim chamaram na Europa ó general Pimenta de Castro, esse homem bom, republicano lealissimo, liberal, tolerante e generoso...»

Não é preciso mais. Arre! que é dasaforo! Só se pode suportar perto da lua!

Vejam, vejam os republicanos sinceros! E é este homem chefe dum partido!

Vá bugiar, vá bugiar e vá de aero plano. Siga o caminho de Belchior.

O sr. Camacho

Nós não temos espaço, nem vagar, para transcrever da *Lucta* os artigos do sr. Brito Camacho sobre a situação politica durante a ditadura. Mas basta que lhes digamos, presados leitores, que aquilo tem sido «porrada e agua á jarra» nos ex-ministros, como escreveria o corneo Homem Cristo.

E' um processo especial do sr. Camacho—bater nos homens depois de vencidos.

O distinto jornalista e grande intriguista só consegue desmascarar-se. Mais nada.

O sr. Arriaga

Acabamos de ler a mensagem que o sr. dr. Manuel d'Arriaga enviou ao Congresso, pedindo a demissão de Presidente da Republica. Só corrobora o que dizemos em artigo de fundo.

Ha nela estas duas passagens assombrosas: «que a ditadura quasi que não existiu!!! (aqui tinham cabimento quantos pontos de admiração existem nos caixotins) e a confissão de que Pimenta de Castro não é mprim o que lhe disse na celebre carta de 25 de Janeiro.

Noutra parte ainda diz que a opinião publica estava com os ditadores, para logo em seguida afirmar que ela fez a revolução, etc.

E era este grande sabio presidente da Republica.

Dr. Artur Leitão

Este nosso amigo, que foi em todos os tempos um dos mais destemidos combatentes a favor do ideal republicano, tem demonstrado a maior actividade em defesa dos interesses de Coimbra.

Ultimamente tem conferenciado com os ministros solicitando-lhes melhoramentos e reparações para esta cidade, de que é um dos mais illustres filhos.

Capitão José Rodrigues Bástista

Foi nomeado governador civil de Viana do Castelo este nosso presado assinante e brioso official, que quando da entrega das espadas, nobremente se recusou a solidarizar-se com a lamentavel attitude dos seus colegas, censervando-se fiel aos deveres da disciplina e aos principios republicanos.

Ao nosso amigo endereçamos as nossas felicitações.

A FORMIGA

Ha diversas especies deste animal *feroz*; porem as principais são:—A preta, a azul e branca e a branca.

A preta:

Hymenoptero (Formica vulgaris)

E' a mais vulgar e toda a gente a conhece; constroe os formigueiros perto das eiras e algumas vezes tambem nas solas dos pés; raras vezes ataca o homem, mas ataca com grande furia os celeiros.

Esta formiga é de origem remota e consta que já no tempo do pai Adão lhe atacaram a prateleira do boião... da alpista.

Mata-se facilmente com a applicação de sol... irmão.

A azul e branca:

Orthoptero (Mantis religiosa L.)

E' de origem recente; foi descoberta pelo sabio Caldeira Scavola, o qual, com o uso de umas pequenas pastilhas, esteve a ponto de a exterminar.

E' uma familia bastante ordinaria e pouco numerosa.

Vive ordinariamente nos monturos e nas sacristias e sustenta-se de aparas de hostias, calunias e azeite das lampadas.

Morre facilmente com a applicação do *Fructus Auranti ferri*.

A branca:

Ortonevoptero (Termos, L.)

E' a mais temivel de todas. Ataca a realza, bandidos, traidores e outros animais da mesma especie.

Desde ha muito tempo que se tem procurado exterminá-la, tendo-se procurado para isso diversas substancias, tais como o Pó de Keating, campanhas venenosas, etc., etc., sem que todavia se tenha conseguido esse fim.

Resiste a altas temperaturas e ás espadas... dos seus inimigos.

Ataca de preferencia a formiga azul e branca e os ratos de sacristia

Ha pouco o celebre Dr. K. Viril aconselhou o uso dos *pozes* de Castre Piper para o seu exterminio, sem que se tenham conseguido resultados apreciaveis.

Vive onde menos se espera e sempre á custa do seu trabalho.

Hiberna, parecendo morta, mas é durante esse periodo que mais se desenvolve e prolifera.

Os ultimos estudos revelaram que esta ultima especie póde viver na neve, e tem-se visto passar sobre brazas, sem ser atingida na sua integridade; mas

Deus super omnia.

Alcobaça, Março de 1915.

Não ha duvida; a branca acaton por engulir as outras... E ainda ha de engulir outros bichos.

Coronel Bandeira

Reassumiu o comando do regimento de infantaria 23 este nosso amigo e presado correligionario, que o ditador Pimenta de Castro havia colocado no estado maior.

Cumprimentamos sua excellencia.

Rectificação

No nosso ultimo numero, a proposito do jantar monarchico que ha tempos se realiso, dissemos por lapsos ou má informação que o sr. Fernando Salazar era padre e assistente da Faculdade de Direito. Não é exacto. O sr. Fernando Salazar, nem é padre nem assistente. E' apenas aluno do 4.º ano de Direito. Julgamos da nossa lealdade desfazer o equivoço.

O grande Marquês

I

Dois seculos cruéis dum fanatismo bruto
Encarnaram num rei carola e dissoluto.
E o mundo viu então o quadro lastimoso
Dum povo que foi grande, heróico e generoso,
Quebrada a tradição do seu valor potente,
Passivo, idiota e máu rojar-se imbecilmente
Sobre os degraus dum trono esfacelado e morto...

Foi el-rei D. João V esse piedoso aborto.

II

Sobre a grande montanha olimpica da Historia
Brilha como um farol aquela imensa gloria
Que exaltou Portugal, fazendo-o subjugar
Os fremitos da terra e as convulsões do mar,
E que mostra os perfis, à multidão que passa,
Dum principe de sangue e dum poeta de raça
—O infante D. Henrique e Luis de Camões.

Vão descendo a ladeira as longas procissões
De povos e de reis, humildes e curvados,
A frente decaída, os pulsos algemados,
Sonambulos, seguindo automaticamente,
Sem vontade, sem luz, uma sombra crescente,
Fantastica e cruel, que os guia pelo abismo.

A sombra é Santo Ignacio — a treva o Jesuitismo!

Condensa-se de todo a noite escura e fria
Em Alcacer-Quibir, na tragedia sombria,
Onde o corpo de um rei desamparado e novo
Morreu e se enterrou no coração dum povo.

Depois como um sarcasmo horrível e fatal
Assenta-se no trono um velho cardeal,
Cachetico, imbecil, cuja loucura extranha
Convertiu Portugal num carcere de Hespanha,
Num carcere sem luz, pestifero e profundo,
Onde, ao ver-nos sofrer, nos desprezava o mundo!
Foi ali, foi ali no escuro captivo
Que, humilhados á voz dum despota estrangeiro,
Nós sentimos passar, altivos mas poltrões,
Do cruel Duque d'Alba os negros esquadrões,
Levando a ferro e fogo às tristezas do Oceano
Um principe real de sangue lusitano.

Vai decaindo tudo em podridão e em lodo:
Toda a nossa grandeza, o nosso orgulho todo,
Os mais largos ideais, a mais luzida fama,
Os feitos varonis d'Albuquerque e do Gama,
As conquistas d'Ormuz, de Malaca e de Goa,
Prodigios de valor que o Universo apregoa,
O pendão nacional a tremular fremente,
Provocando os Rajhas e as rajadas do Oriente.
Tudo se apaga emfim dos fastos da memoria.
Trajaram-se de luto as paginas da Historia,
Quebrou-se a tradição, a dignidade e o brio,
A consciencia tem medo e o coração tem frio.
A alma popular desnordeada geme
Num mar de escraavidão, sem bussola, nem leme,
Sufocam-nos de horror dois monstros singulares:
São o Duque de Lerma e o Duque de Olivares.

Entre as garras da fé chora a razão captiva,
Jesus morre outra vez, e o espectro de Acquaviva
E' que resurge então, sereno e omnipotente,
Da campa solitaria ao espaço transparente!...

Continúa a descer o livido cortejo
De povos e de reis... Um ultimo lampejo
Esclarece um momento o escancarado abismo...
Solta-se a rija voz do antigo patriotismo
Vibrante de paixão nas solidões da noite,
E assim como do Sul o tenebroso açoite
Agita e convulsiona um pantano maldito,
Tambem esse febril, nervoso e estranho grito
Nos abala e revolve o intimo do peito.

Realizou-se afinal o velho preconceito,
A constante visão desse funesto somno:
—Um cão faminto e magro a estrangular o dono...
A Hespanha errou, caiu. — Tiram-lhe a prova real
Num dia a Catalunha e no outro Portugal.
Somos livres!...

Porém a decadencia avança

De Filipe III ao Duque de Bragança,
Sanguinaria e cruel no seu caminho escuro.
A liberdade aumenta o putrido monturo,
Onde a guerra despreza esburacado e velho
Aos vendavais da morte o seu pendão vermelho,
Como nodoa de sangue a flutuar no espaço.
Sob o mesmo docel vivem no mesmo paço,
Confundidos num só despotico e traidor,
Dois monarcas fatais — o Rei e o Inquisidor,
A estupidez e o ardil, o cúmplice e o assassino,
O tirano passivo e o despota leonino;
E na consumação desse medonho pacto
Jesus reina de nome e Satanaz de facto.

O sceptro cai nas mãos dum rei devasso e rude,
Desvairado e plebeu, sem força nem saúde,

Mentecapto infeliz apodreceu de medo
No abandono cruel dum miser, degredo,
Imagem lastimosa, ou simbolo dorido
Dum reino sem vigor, estúpido e perdido!...

Sobe em seguida ao trono o fraticida odiento
Que vem marcar na historia um tragico momento:
Abateu-nos enfão pela primeira vez
O pulso rijo e são do despotismo inglês,
Que inda hoje brutalmente o peito nos esmaga:
Methwen foi um punhal, e abriu a eterna chaga
Que verte o sangue e o fel das nossas agonias!
E não de morrer assim as ricas tradições
Do velho Portugal austero e denodado?!
São pois uma chimera as glorias do passado
E a fama singular que o mundo inteiro admira?
E' um sonho o Brazil e a India uma mentira?!...

Depois o grande poeta desferiu a sua Iyra cantando
em versos sublimes, sangrentos, que são como setas
afiadas sobre a realza e o jesuitismo, toda essa historia
ignominosa e devassa de D. João V, o dominio inglês, os
horrores da inquisição, os vícios da nobreza e do clero,
até á morte do monarca. Prosegue descrevendo brilhante-
mente o terramoto de 57, o arrazamento de Lisboa, a
ferocidade dos jesuitas, as lagrimas dos portugueses e
de entre as ruínas o poeta levanta esta sublime invocação:

... «Ainda não é tarde!...»
— Gritou d'entre o estertor dos broncos escarceus
Uma voz semelhante á colera dum Deus —
«Ainda não é tarde...»

Se em Portugal houver um genio destemido
Que o faça levantar o corpo desvalido,
Ensanguentado e nu, do abismo que o contem,
Portugal nesse caso ha de viver tambem ...

Lisboa não será como as cidades mortas,
Memphys, Tyro, Carthago e Thebas das cem portas
Que exibem tristemente, alvas e descarnadas,
Nas penumbras da historia as lividas ossadas!...

Mas esse genio emfim, altivo e omnipotente,
Necessita de ser um colosso e um crente...
Se acaso para dar um formidando exemplo
Tiver de apelar um Deus ou de arrasar um templo,
Não deve estremeecer nem vacilar, senão
A espada da vingança ha de cortar-lhe a mão,
E tudo volverá aos pantanos da morte!
Despotico, cruel, intransigente e forte,
Embora o coração lhe sangre entre os abrolhos,
Que lhe não veja alguém brilhar á flor dos olhos
As lagrimas da dôr... o bronze de que é feito
Deve-lhe endurecer o coração no peito.
Vencerá, se tiver um cerebro possante,
As entranhas dum tigre e a força dum gigante!...

Mas depois, quando houver cumprido o seu dever,
E a patria viva e sã entre as nações se erguer,
O genio vencedor em paga de tudo isto
Ha de ter por mortalha a tunica do Cristo,
E, prestes a exalar o ultimo gemido,
Será amaldiçoado, apedrejado, arguido
De assassino e ladrão, de infame e de falsario...
Todo o genio sublime expira num calvario!...

Tranquilo, o vulto heroico apenas respondeu:
Portugal viverá!...

Esse homem screi eu!...

V

Esse homem foi Pombal!

Traçou o enorme plano

E foi justo e cruel e grande e deshumano...
Com o pulso de bronze e a intensa claridade
Dum genio prodigioso ergueu uma cidade;
Mas redobrando o esforço e a intrepidez, então
Fez ainda muito mais — ergueu uma nação!...
Tratou pois de esmagar uma influencia mixta:
O palacio dos reis era guardado á vista
Por dois monstros fatais, rudes como Cerbero,
Fanaticos e maus — era a Nobreza e o Clero! —
Se alguém se aproximava, os dois altivamente
Gritavam: — «Quem vem lá?» — Se era fidalgo ou crente,
Podia entrar; não sendo, os dois em tom amargo
Rugiam praguejando: «Enfão passe de largo!...»
A realza dormia entre estes dois tiranos,
E essa guarda fiel durou duzentos anos!
Mas Pombal, que vê nela o seu medonho espectro,
Quer libertar o povo emancipando o sceptro,
E antes que a velha guarda o surpreenda e esmague,
Numa das mãos um gladio e na outra um azorrague,
Subjuga-a, dando ao mundo um pavoroso exemplo,
E expulsando depois os vendilhões do templo!...

Macedo Papança, Conde de Monsaraz.

CARTEIRA

Consocei-se ha dias na capi-
tal o nosso amigo sr. dr. João de
Deus Ramos, illustre publicista e
deputado, com a ex.^{ma} sr.^a D. Car-
men Sydner.

— Tem passado bastante en-
comodado de saúde o nosso amigo
sr. dr. Hermano de Carvalho.

— Tambem se encontra muito
doente o sr. dr. Batista Loureiro,
tendo experimentado algumas me-
lhoras.

Desejamos o pronto restabeleci-
mento dos enfermos.

— Regressaram de Lisboa os
nossos amigos e correligionarios,
Dr. Umberto Fernandes Costa, e
Abilio Lagôas.

— O nosso presado correligio-
nario Antonio Garcia Regencio en-
contra-se restabelecido do grave
desastre de que foi vitima.

— Recolheu ao hospital da
Universidade o nosso amigo e pre-
sado correligionario Viriato Tei-
xeira, afim de sofrer uma melindro-
sa operação.

Fazemos votos para que o seu
restabelecimento seja breve.

— Encontra-se quasi restabele-
cido da grave doença que o acomet-
teu o nosso amigo e correligionario
sr. João Oliveira.

Eleições

Realizam-se no dia 13. A todos
os verdadeiros republicanos está
naturalmente indicado o caminho a
seguir — votar nas candidaturas do
partido democratico. E' assim que
os que não estiverem obsecados
pelo faciosismo, ou agarrados por
quaisquer interesses (que aliás não
podem conscientemente existir) de-
vem proceder. Só assim cumprem
os seus deveres de cidadãos livres
e independentes, de cidadãos que
desejem que a Republica eleve e
dignifique a sua Patria.

A' urna pelos candidatos do
Partido Republicano Português!

Unionistas

São candidatos deste partido
pelo circulo de Coimbra os srs.
dr. José Rodrigues de Oliveira, a
senador, e capitão Belizario Pi-
menta, a deputado.

Continuamos a enviar «A Cor-
ja» a diversas pessoas que julga-
mos nas condições de a assinarem.
Caso não queiram pedimos a fineza
da sua immediata devolução.

A absoluta falta de espaço obri-
ga-nos a retirar a secção «Kalen-
dario», comemorando o anniversario
do falecimento do Marquês de Pom-
bal, aliás perpetuado nos versos
sublimes de Macedo Papança que
hoje publicamos.

A secção «Kalendario» recomeça
no proximo numero.

ATENÇÃO

A todos os nossos leitores reco-
mendamos a *Tipografia Literaria*,
onde é impresso o nosso jornal,
que se encarrega da execução de
todos os trabalhos tipograficos para
toda a parte do país, por preços
bastante commodos e trabalho per-
feito. Rapidês em todas as enco-
mendas. **Para grandes
obras faz importantes
reduções de preços.
Executa trabalhos a
credito e a prazos de-
terminados.**

E' uma tipografia magnifica-
mente montada, com material todo
novo, com uma grande maquina in-
glesa movida a motor, encontran-
do-se habilitada a tomar conta de
grandes edições, pois qua a sua ti-
ragem de impressão é de 3.000
exemplares á hora.

Faz-se todo o trabalho.

A PESTE RELIGIOSA

Não é em vão que os padres — isto é, os negros soldados do despotismo — se têm esforçado para *conter a toda a força a decadência religiosa*; ainda que, como se sabe, eles fartam-se de rir uns com os outros ao considerarem as tolices que pregam com remuneração magnífica.

Ha seculos que esses desorganizadores de cerebros governam as massas pelo terror. Se não fosse isso ha muito que a folia religiosa teria desaparecido.

Os carcereiros e os grillhões, o veneno e o punhal, a forca e o entelo, a cilada e o assassino, em nome do seu Deus e da justiça, tem sido os meios empregados para manutenção dessa folia, que será uma macula na historia da humanidade.

Milhares de individuos foram levados á fogueira em nome de Deus, por terem ousado pôr em duvida o conteúdo da Biblia.

Milhões de homens foram lançados durante longos anos, a matarem-se uns aos outros, e a devastarem paizes inteiros, e a deixarem esses paizes a braços com a peste, depois de os terem saqueado e incendiado, para se manter a religião.

Os mais atrozes supplicios foram inventados pelos padres seus acólitos, quando se tratava de fazer voltar á religião aqueles que haviam perdido o temor de Deus, chamava-se criminoso um homem que estropia os pés ou as pernas do seu semelhante. Como ha de chamar-se aquele que atrofia o cerebro dum outro e que, quando isso o não conduz ao fim desejado, lhe mata o corpo a fogo lento com uma crueldade refinada?

Hoje esses seres não se entregam ao seu mister de bandidos, embora as blasfemias abundem; pelo contrario introduzem-se nas familias, influenciam as mulheres, conquistam as crianças e abusam do ensino ministrado nas escolas. A sua hipocrisia tem aumentado antes que diminuído. Apoderaram-se da imprensa quando viram que era impossivel fazer desaparecer a tipografia.

Diz um antigo proverbio: «Por onde um padre passa uma vez, a terra não cresce dez anos» — o que vem a ser, quando um homem vem a cair nas garras dum padre, perde o seu cerebro, as faculdades mentais e toda a sua ação, servindo o seu organismo para habitação de aranhas. Assemelha-se a um carneiro acometido de delirio. Perde a noção da vida, e o que é mais triste ajuda a formar a maior parte dos antagonistas da sciencia e da luz, da revolução e da liberdade.

Encontra-se sempre pronto na sua obtusa estupidez, a auxiliar os que pretendem fazer novas cadeias para a humanidade, ou os que pretendem pôr entaves ao progresso sempre crescente.

Ora, pois, procurando curar estes doentes, não só se pratica uma boa obra com eles, mas ainda está em via de arrancar um cancro que corroe o povo e que deve ser inteiramente destruído, se se quer tornar a terra habitação de homens, e não campo de manobras para os deuses e para o diabo como até aqui.

Por consequencia tiremos do cerebro as ideias religiosas.

Abaixo os padres!
Estes tem o costume de dizer «que o fim justifica os meios».

Ben! Empreguemos tambem nós este axioma, mas contra eles!

O nosso fim é libertar a humanidade de toda a escravidão, tira-la do jugo da servidão social e dos ferros da tirania politica e faz-la sair das trevas religiosas. Todo o qualquer meio para realização deste alto fim deve ser reconhecido como justo por todos os verdadeiros amigos da humanidade e deve ser posto em pratica a todo o momento proprio.

Todo o homem anti-religioso falta aos seus deveres quando não faz tudo o que pôde, dia a dia, hora a hora, para suprimir a religião.

Todo o homem emancipado da «fê» que deixa de combater a padralhada o de a quando pôde, é um traidor. Por toda a parte guerra, guerra a todo o transe contra a seita negra.

Excitemos contra os corretores e esclareçamos os cegos, os pobres de espirito. Que todas as armas sejam uteis á nossa causa, a acerba ironia tanto como o facho da sciencia; o onde estas não produzam efeito, então empregaremos argumentos mais sensiveis.

Não se deixe passar sem reparo, nas assembleias onde se discutem os interesses do proletariado, nenhuma illusã a Deus e á religião.

Asim como o principio da propriedade e a sua sanção arvorada — o Estado não pode encontrar misericordia no campo da revolução social — o que está fóra deste campo é naturalmente reacionario, assim a religião e tudo a que ella respeita não pôde ali ter logar.

E note-se bem que muito embora tenham um ar respeitavel e uma reputação boa, são personagens perigosas que pretendem misturar o palanfrório religioso com as aspirações dos trabalhadores.

Todo a quele que prega a religião, sob não importa que fórma, ou é tolo ou velhaco.

Estas duas especies de individuos não tem valor nenhum para o avanço dessa causa que não pôde atingir o seu fim, se não está segura da sinceridade de todos os seus combatentes.

Most.

(Continua)

Secção literaria

Tempestade na aldeia

(A' minha tia Maria Delfina de Figueiredo)

Bate o granizo na vidraça.
A chuva cai sobre os telhados.
O vento geme, ulula e passa,
Como prenúncio da desgraça,
Nos arvoredos desgrenhados!

E uivam, lugubres, gementes,
Os pinheirões a soluçar.
Marullham rios e torrentes,
Que como indômitas serpentes,
Avançam, correm para o mar.

Nisto, um relampago ilumina
A velha casa do Pastor.
«Poder de Deus! força divina!...
Ai, ó Maria, chama a nina!
Reza a Magnifica ao Senhor!»

Forte, o trovão, ribomba estala;
E o Ti Pastor, põe-se a tremer...
Então a velha e a zagala,
A vela benta vão busca-la,
Ou alicrim para acender.

E, naquele tom lacrimatorio,
Numa expressão rude, beatifica,
De rosto triste e melencorico,
Ajoelham ante um oratorio,
E rezam todos a Magnifica...

«Valha-nos Virgem, o teu Filho,
«Que manda em cima e manda em baixo»...
Ai como o raio espalha o brilho!
«Ai, como chove! ai, o meu milho,
«Todo me vai por auga abaixo!»

A tempestade, uiva lá fóra.
Brame o trovão, raivoso, em furia!
Já nas montanhas rompe a aurora;
E o povo brada; o povo chora,
Numa monotona lamuria!

Coimbra, 2-5 1915.

FIGUEIREDO JUNIOR.

TIPOGRAFIA LITERARIA

Rua Candido dos Reis, 17, 19, 21 — COIMBRA

* * * * *

Impressões em todos os generos. Executam-se jornais, livros, faturas, relatorios, cartões de visita, etc.

Aceitam-se trabalhos de toda a parte do país.



A URNA



Semanario republicano anti-clerical democratico

Director e editor José Peixoto d'Alarcão

ADMINISTRADOR
Anibal Reis

Redacção, Couraça de Lisboa, 10 — Adminis-
tração, R. Dr. João Jacinto, 38 — Composto e im-
presso na Tipografia Literaria, R. Cantão dos
Reis, 17 — Coimbra.

SECRETARIO
J. L. Frazão

Liberdade, Justiça, Verdade e Progresso

A' Urna pelo Partido Democratico!

E' no proximo domingo que os eleitores vão firmar perante as urnas os seus principios liberais e republicanos. Todo o cidadão que desejar que o Progresso, a Verdade, a Honra, o Direito, a Justiça e a Liberdade triunfem, devem votar nos candidatos do partido democratico! Se o não fizerem a deshonra e a opressão, a mentira e a ignominia, voltarão a reinar por sobre a terra portuguesa. Os jesuitas, a seita negra, com todos os seus horrores, novamente virá envenenar, protegida pelos traidores, a terra bemdita de Portugal.

Votai na seguinte lista:

- Luis Antonio Vasconcelos Dias, tenente-coronel, senador
- Antonio Artur Baldaque da Silva, engenheiro, senador
- Evaristo de Carvalho, notario, deputado
- Artur Leitão, medico, deputado
- Antonio Pires de Carvalho, medico, deputado

VIVA A REPUBLICA DEMOCRATICA!

VIVA A LIBERDADE!

AO POVO REPUBLICANO

A atitude dos funcionarios do Estado —
O Paixão — O sr. governador civil —
As leis da defesa da Republica.

Não é o Paixão do diamante. É o archeiro, creado do Dr. Costa Lobo, e que na Univeridade se tem farto de fazer propaganda monarchica e insultado as instituições. Uma das suas ultimas proezas foi o seguinte: substituiu alguns botões da farda pelos usados no regimen deposto, que como se sabe têm a corôa real, fazendo depois grandes predicas realistas pelos Gerais e por todas as dependencias universitarias; a tal ponto que o guarda-mór, sr. Donato, teve de intervir e mandar-lhe arrancar os tais botões. Ao mesmo tempo arranjara uma caixa de rapé e exhibiu-a, batendo-lhe, cheirando a sua pitada, espirrando com grande estrepito e bradando:

— A pimenta é forte! Mas isto vai... isto vai... Esta quasi...

E trauteava o bino da carta, com grande gaudio de muitos dos seus colegas que são da mesma força.

Final não sabemos para que foia tal lei de defesa da Republica, ultimamente votada no Parlamento, como não sabemos para que o nosso colega *O Mundo* veio ha dias a procurar explicação da forma a adoçar a *pitada*, antes de ser engulida por nenhum... Francamente não sabemos! Ela ainda não foi applicada; os inimigos da Republica continuam desafortadamente a atacar a nas proprias repartições do Estado e a rirem-se... Francamente, repetimos, não sabemos para que se votaram essas leis que nada defendem. Claro que não queremos precipi ações, não queremos injustiças, mas não queremos fraquezas, transigencias que rebaixam e só comprometem a Republica. E isto tem-se feito! E está-se a fazer!

Assim, perguntamos: para que se fez a revolução?

Nós estamos fartos de palavrada e essa trêta de circulares dimanadas dos ministerios já sabemos o resultado que dão. O que toda a gente também sabe...

E' absolutamente indispensavel que as autoridades as cumpram.

O sr. governador civil, ao tomar posse, declarou que não admitia perseguições. Para que fez s. ex.ª esta declaração? Estas declarações não se fazem! A Republica não persegue ninguém, defende-se! O regimen nunca perseguiu! Pelo contrario, tem sido duma criminosa benevolencia!

E nós que antes, naturalmente, de sua ex.ª ser republicano já por aí andavamos nas alfurjas a conspirar de bandeirinha verde e vermelha e de pistolão aperrado, e aos pontapés de todo o lixo monarchico, não podemos suportar, sem protesto, semelhante declaração. A Republica, regimen de justiça, de tolerancia, de Liberdade, não precisa de declarar que não persegue. Por ela fala bem alto a sua Cons-

tituição parlamentar democratica. Deixemo-nos de nos pôrmos de côcoras. Levantemo-nos, levantemo-nos de cabeça erguida perante essa escuria abjecta de sendeiros monarchicos que trabalham, á ontrance, para prejudicar a Republica, já que a não podem derrubar.

Os delegados da Republica só têm a fazer uma declaração: não consentimos que os funcionarios publicos combatam as instituições. Em caso contrario serão demittidos.

Mais nada. E esta declaração é se a quizerem fazer, porque nós achamo-la desnecessaria. Os governadores civis mandam cumprir as leis e essas são bem claras. Se são feitas só para ficar no papel, passamos adiante: a Republica assim não nos serve.

Nós não conhecemos pessoalmente o sr. governador civil, nem precisamos. Corre para aí que s. ex.ª é evolucionista, outros dizem que é independente e não sabemos se haverá quem lhe chame democratico ou camachista. O que estamos convencidos é de que s. ex.ª é republicano, delegado dum governo imposto por uma revolução e por consequencia daqueles que se revoltaram, principalmente, contra o perigo monarchico. O governo que o colocou neste logar é porque tem em si absoluta confiança. Por consequente s. ex.ª tem um caminho a seguir e que naturalmente sabe muito bem: **Não é perseguir. Não é deixar perseguir. É fazer justiça. É para a fazer tem de demittir muitos funcionarios publicos. Mande proceder immediatamente a um inquerito e verá s. ex.ª que tem de demittir muitos funcionarios que não são de confiança. Assim o esperamos.**

A Republica fez-se para todos os portugueses, mas o Estado fez-se para os Republicanos.

E assim se têm de cumprir — **custe o que custar.**

Temos quasi a certeza de que a declaração de s. ex.ª não foi feita com intuito de hostilizar republicanos. Mas nós é que não podemos deixar de fazer estas observações.

No proximo numero continuaremos a apontar o perigo dos funcionarios publicos monarchicos.

E não venham para cá com a eterna lèria da demagogia, porque a esses responder-lhe-hemos com a frase de Cambrone.

Se em 5 de Outubro tivesse havido o perigo demagogico... a Republica já teria chegado a realizar a maior parte do seu magnifico programa.

Assim o tempo mal tem chegado para nos defendermos dos monarchicos.

Esta é a dura verdade.

MUITA ATENÇÃO

A todos os nossos correligionarios lembramos que é absolutamente indispensavel comparecerem á porta das assembleias eleitorais no proximo domingo logo de manhã, ás sete horas, afim de que nas mesas fique devidamente representado o Partido Republicano Português. Nas povoações rurais é de grande utilidade o auxilio de

delegados das cidades e vilas, munidos dos respectivos bilhetes de identidade, para auxiliar a fiscalisação das urnas e evitar as chapeladas.

No concelho de Coimbra não devem faltar os delegados nas assembleias de Ceira, Souzelas, S. João do Campo, S. Martinho, Cernache e Ameal.

O Partido Republicano Português tem a maioria garantida no

circulo de Coimbra. Se assim não succederé por que haverá chapeladas. Nos concelhos da Figueira, Mira, Soure, Montemor, Cantanhede e Coimbra (cidade) tem uma maioria esmagadora.

A fiscalisação do acto eleitoral em Montemor tem de ser feita rigorosamente.

A todos os correligionarios do concelho recomendamos que vão devidamente preparados para todas as eventualidades, afim de defenderem a legalidade do acto eleitoral por todos os meios!

Importante—Os candidatos devem percorrer as assembleias eleitorais.

Todas as listas devem ser votadas de chapa.

A' URNA PELO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS!

N. B. Se á hora da constituição das mesas não aparecerem os individuos previamente nomeados para esse fim, devem os nossos correligionarios indicar nessa ocasião, de entre os presentes, outros que os substituem.

A todos os nossos correligionarios estudantes, que costumam dormir a manhã e parte da tarde, (sem ofensa) pedimos que façam um sacrificiosinho e se levantam cedo, aparecendo nas assembleias eleitorais.

Local das assembleias de Coimbra:

Sé Nova, no edificio da escola official do sexo feminino, Largo da Feira.

Almedina, (Sé Velha), no edificio da Escola Normal.

S. Bartolomeu, Escola Central, Rua da Madalena.

Santa Cruz, na Camara Municipal.

ESCOLA-OFICINA

O nosso presado amigo sr. Armando Neves ofereceu á Escola Oficina, como já tivemos occasião de noticiar, uma guitarra, que é mais um trabalho distinto, como todos os que saem da sua habil manufatura. A guitarra é simples, em sabugueiro, com vivos pretos e chapas brancas e encontra-se exposta numa das vitrines do Chiado onde tem sido muito apreciada.

Armando Neves ofereceu á Escola-Oficina, a essa bela obra em que andam empenhados meia duzia de verdadeiros amigos da instrucção, e esta vai proceder á sua rifa, distribuindo pelo publico bilhetes ao preço de \$10, que é uma insignificancia, e que decerto todos adquirirão aproveitando o ensejo de, por uma forma suave, auxiliar aquela benevolencia iniciativa.

Ao sr. Neves endereçamos as nossas felicitações pelo seu habil trabalho.

CARTEIRA

Encontra-se em Lisboa o nosso amigo e presado director.

— Tem passado bastante doente o sr. João Antonio da Cunha, um dos mais illustres industriais desta cidade.

— Também tem passado muito doente o nosso amigo Anibal Reis, digno administrador d'A GORJA e o nosso correligionario Francisco Maria da Fonseca. A todos desejamos pronto restabelecimento.

Homens & Factos

Circular

O sr. ministro da instrucção fez expedir uma circular recomendando que o ensino nas escolas seja neutro.

Como dizemos hoje e dissemos no nosso ultimo numero, esta circular não é respeitada, deixando-se que em algumas escolas se faça propaganda catolica e jesuitica.

O sr. Pelico d'Oliveira

Este illustre cavalheiro, que pretendeu de qualquer forma evidenciar-se na politica, expõe ideias jesuiticas, a ponto de ir para o Congresso evolucionista dissertar, em linguagem bunda, sobre a igreja e os estado, disse tanta asneira e teve tanta falta de senso, que os assistentes deram-lhe tamanha sóya, podendo bem dizer-se que foi uma corrida em pélo.

Como sabem aquilo foi um escandalo.

Depois andou distribuindo pelos diarios da capital cartinhas, em que faltando ás mais elementares regras de cortezia, pretendeu atingir o sr. Antonio José d'Almeida.

Afim de os leitores se rirem um pouco, desopilando o figado a esquecer-lhes por instantes as agruras da vida, resolvemos transcrever aqui parte duma carta que o grande sabio (que devora as sebetas de direito de tal forma que vem reproduzi-las *ipso facto* nos periodicos politicos), fez publicar na *Nação*, órgão-mór dos jesuitas portugueses. Ei-la:

«Esse partido politico catolico — e emprego a palavra politico, no sentido de governamental, apto portanto a tomar de um momento para outro as redes do poder — deve perante o regimen republicano ou o regimen monarchico, fazer sentir a sua força e o seu poder, na adoção ou restabelecimento immediato da seguinte plataforma: primo: Uma nova lei de Separação do Estado e das Igrejas, feita sob a forma concordataria, isto é, de acordo com a Curia Romana; secundo: Regulamentação das Ordens e Congregações Religiosas nos de acordo também com a Curia Romana; secundo: Regulamentação das Ordens e Congregações Religiosas mas de acordo também com a Curia Romana; tercio: Liberdade de Educação e Instrucção, não abdicando o Estado do direito de intervir, mas apenas como poder civil e não intervindo em materia de competencia religiosa; quatuor: Liberdade de cultos, com garantias especiais se fôr possível, para a religião catolica; quinque: Reatamento das relações com a Curia Romana pelo reconhecimento de um embaixador portuguez junto da Santa Sé.»

Os leitores estão a rir-se?

Não se riam mais, porque o homem ainda ha de ser lento da Univeridade de Coimbra. Ah! Ah! Mas riam-se, riam-se que foi efetivamente para isso que fizemos a transcrição.

Mas que grande maduro!

Um catavento

Um advogado qualquer sem clientela que ali existe para a rua Bordado Pinheiro, assim que subiu ao poder o ditador Pimenta de Castro, deixou de ser socio do Centro Republicano José Falcão desligando-se do partido democratico.

Egualmente procedeu outro individuo que por entre serras e silvas se meteu de tal forma, que não sabemos se já conseguiu sair incolume do meio daqueles instrumentos contundentes.

Gostariamos de ter visto a cara dos dois desertores logo a seguir á revolução de 14 de maio. Devia ser ótima!

Jesuitas

Alem do *Mensageiro*, a que nos referimos no nosso ultimo numero e que tem sido largamente distribuido nas igrejas, ha outro pasquim com o titulo *Boletim Parochial*, que igualmente é distribuido ás creanças e adultos, levando-o a aquellas tambem para as escolas.

No passado numero chamamos a atenção do sr. Inspector Escolar, não sabendo se sua ex.^a tomou algumas providencias. Hoje novamente chamamos a atenção do sr. Nunes Paes, esperando que sua ex.^a se procurará informar procedendo como fôr de justiça.

Na nossa redação encontram-se senhas de cartolina, estampas e outros objectos apreendidos as creanças das escolas e do que falamos no nosso ultimo numero e que pomos á disposição das auctoridades competentes

Deixe-se disso!

Ali o sr. Amaral, reitor da Sé, que nunca hostilizou a Republica. — Não é verdade? — (Bem sei que não! diz o Caganeta) não estava resolvido a acompanhar um cadaver cujo enterro se fez logo a seguir á revolução de 14 de maio.

O illustre sacerdote confessava medo e foi necessario que o Horta instasse muito com elle, terminando por lhe dizer:

— Vá sr. reitor, vá ganhar o seu dinheiro, que ninguem lhe faz mal! O o santissimo sacerdote sempre foi ganhar o seu dinheiro...

Mas não seria melhor o sr. reitor deixar-se dessas coisas? Sempre a fingir que tem medo, quando sabe perfeitamente que ninguem lhe faz mal?

Continue sua ex.^a descansado a ganhar o seu dinheiro, enquanto os papalvos lho forem dando. Porque eles um dia chegam a abrir os olhos!...

Então sim, então é que são elas.

Ecos da Revolução

Brevemente começaremos a publicar um relatório sobre o papel de alguns elementos civis de Coimbra no ultimo movimento revolucionario, entre os quaes o do corpo redactorial d' *A Corja*, todo ele iniciado em nucleos destinados á revolução.

Será o tal?

O sr. Mario Ramos, que indicou o administrador do concelho de Góes e que é um pobre monarchico-catholico-jesuita, vae, ao que se diz, propor a sua candidatura por Arganil. Nós já sabiamos, mas por outra forma ser o sr. Domingos Pinto Coelho o candidato.

No entanto transcrevemos da «Lucta» a seguinte noticia:

«Arganil», 6 — alem das candidaturas de republicanos de todos os partidos, o sr. dr. Mario Ramos apresentou hoje a sua candidatura de character catholico regional.

Mas será este o tal a quem «O Debate» ha tempo chamava o «Pateta Alegre»?

Governador Civil

Tomou posse do seu cargo de governador civil o sr. dr. Carlos José Barata Pinto Feio, nomeado em substituição do sr. Mendes Gois que renunciou

Da Gazeta de Coimbra transcrevemos, com a devida venia, parte da noticia relativa á posse.

«O sr. dr. Feio proferiu uma allocução, prometendo tratar dos factos com imparcialidade, pois declarou-se independente. Disse mais que não admitia perseguições.»

O italico é nosso.

A Armada

Diz-se por aí e o proprio sr. Fernandes Costa o insinuou numas entrevistas, que o sr. Leote do Rego, quasi que impôs ao sr. dr. Fernandes Costa a sua estada no ministerio como independente.

Não sabemos se é verdade: se o é, muito naturalmente chamamos a atenção do distinto official para os nossos artigos *Do povo republicano* onde está bem patente a independencia do Sr. Costa.

Ha mais

Alem dos motivos por que veio para Coimbra o sr. Barata como governador civil, e expostos no nosso artigo *Do Povo Republicano*, ha outros que nós sabemos e de que falaremos no proximo numero.

Por agora é preciso que saibam os srs. Fernandes Costa, o sr. Napoleo, o sr. Angelo Fonseca, etc., quo nós sabemos tudo muito bem.

Resta-nos, porém, a consolação de que a tal coisa foi-se.

Ali Cantanhede e Vila Viçosa! Por cá bebe-se do fino...

Pela lei

Dizem-nos que a Camara Municipal prefere ser demetida a fazer a regulamentação das horas de trabalho.

Pois nesse caso não espere que a demitam: demita-se já, porque a lei tem de ser cumprida...

Dura lex sed lex

O S. Jorge

Na passada quinta feira costumava exhibir-se em Coimbra uma procissão que dava sempre azo a grande risota, pelo aparato belico e ridiculo quo tudo aquilo representava.

Aparte os irmãos de opa e tocha e a padralhada com palio e custodia que se incorporavam no pandego cortejo, havia um môno de pau que acompanhado duma pagem seguia ao centro, em cavalos ricamente ajaezados. O môno tazia cortésias, acompanhando num ritmo solene as cortésias da cavalgada que montava; o pagem, muito sério, montava com ar de gravidade, o que lhe era imposto pelos festeiros, sob pena de perder a esportula caso se risse. Esta era constituída por uma libra e um par de botas. Claro que a passagem dos fantoches toda a gente procurava fazer rir o pobre homem, o que difficilmente se conseguia. Por toda a parte eram o gáudio da multidão o S. Jorge e o Pagem e de tal maneira o escandalo se generalizou que o bispo entendeu prohibir a fantochada.

Tudo isto confirma a sem razão, a mentira e a estupidez que representam as procissões. Ainda assim esta tinha uma utilidade — divertir o respeitavel publico.

Note-se que a acompanhar esta cégada costumava ir toda a gnarnição militar de Coimbra disponivel, havendo no fim, depois do môno de pau fazer uma cerimonia de revista ás tropas, tres descargas!

Era para isto que a monarchia de adeptadores e jesuitas utilisava o exercito portuguez!

A procissão de Santa Cruz

A falta de espaço só agora nos permite occupar-nos da procissão dos entrevados de Santa Cruz, em que o *Chico Espanhol* brilhou como um catita.

Nela se incorporou toda a troupe do *Café Piolho*, sendo um dos que envergon opa e tocha aquêl Mota, que passados poucos dias, assassinou em Santo Antonio dos Olivais um desgraçado operario.

E de tal forma ora a sua devo-

ção nas doutrinas dos padres, que segundo diz uma testemunha o assassino, depois de enterrar a navalha no peito da sua vitima, como ella imperrase numa costela, ainda se fartou de a agitar para todos os lados afim de que a lamina se fôsse cravar no coração. E gritava: nem deus nem o diabo te valem!

Claro que os padres a estes lamentaveis acontecimentos costumam dar a seguinte desculpa: foi tentação do diabo. Vá de retro.

Que maldita corja!

O sr. Alpoim

Este illustre orador e publicista recommçou as suas cartas no *Janeiro*.

Depois de explicar que não esteve preso, mas apenas passou uns dias em casa do seu velho e querido amigo de mocidade, sr. dr. Bernardino Machado, diz:

«Não procurem, pois, os leitores, nestas cronicas, noticias politicas. Vem agora o verão: a doença força-me a sair, hoje, para termas onde banhos de lama me amolecam os emperamentos das articulações, acabando o tratamento por britar, a goladas d'aguas do Gerez, os pedraços do figado.»

Banhos de lama! O distinto cronista não os precisa; deve em contrar-se atascado nela até ás orelhas.

Os pedraços do figado sim, isso sim, sr. conselheiro, tire cá para fóra esses malditos, porque desejamos muito a sua illustre e preciosa saúde. Os apertos são dum sofrimento doloroso, sr. conselheiro! E oxalá que os pedraços se não demorem na figadeira, pois V. Ex.^a tem um grave cumprimento d'honra — marchar para a guerra.

E as divisões — duas, nada menos — estão a mobilisar-se... sr. conselheiro...

Pum!

O sr. Costa e o sr. Napoles

Quando rebentou a revolução de 14 de maio encontrava-se o sr. dr. Fernandes Costa em casa do sr. Napoles em Alfaiates. Daqui onde soube da sua nomeação de ministro pelos revolucionarios, partiu para Lisboa.

Dias antes tambem ali estivera mais o sr. Dr. Angelo Fonseca.

A independencia do sr. Costa é as eleições ganhas para elle. Olé!

AOS CAIXEIROS

E' no proximo dia 13 que se realisam a eleições A regulamentação das horas de trabalho foi decretada pelo partido democratico e defendida no Parlamento, com unhas e dentes, pelo senador democratico Faustino da Fonseca, contra a attitudé dos partidos evolucionista e camachista, que queriam votar contra o projecto de lei. E a tal ponto levou o sr. Faustino da Fonseca a sua defesa, que teve de fazer obstrução, discursando toda a hora durante tres dias, até apparecer numero de democraticos para se poder votar. Recordam-se?

Por isso é de esperar que todos os caixeiros votem na lista democratica, porque se estes não tiverem maioria no parlamento, será lei posta de parte.

EXPEDIENTE

Encontram-se no correio os recibos da assinatura d' *A Corja*.

A todos os nossos presados assinantes pedimos o seu immediato pagamento para nos evitarem trans-torno na administração.

Do Povo Republicano

O Sr. Governador Civil — As eleições no circulo de Coimbra roubadas aos republicanos democraticos?

Autoridades monarchicas. — Saia sr. Fernandes Costa!

Depois de escrito o que dizemos na pagina anterior, lêmos o *Mundo* e *O Debate*.

Pelo visto não sabemos se o sr. governador civil é republicano ou monarchico.

Transcrevemos de *O Debate*:

A' ultima hora

O governador civil de Coimbra, Dr. Carlos Barata Pinto Feio, para demonstrar os seus propósitos de se manter independente perante o acto eleitoral, inicia o seu governo com a demissão pura e simples de todos os administradores do concelho.

A' hora a que escrevemos foram já exonerados os administradores de Coimbra, Soure e Montemor-o-Velho.

Em Montemor foi collocado o Fernando Barbosa, que ainda ha poucos dias assistiu ao chá do conselheiro.

E' edificante. S. ex.^a, apregoando-se independente, fe-lo para melhor ludibriar a opinião republicana, iludindo o espirito da revolução de 14 de maio.

Alerta!!

Transcrevemos do *Mundo*:

«MONTEMÓR-O-VELHO, 5.»

O concelho de Montemor-o-Velho está de novo entregue aos monarchicos. Sem a mais leve consideração por quem estava a administrar desde a revolução de 14 de maio nem pelos republicanos, o atual governador civil de Coimbra, um desconhecido, que ontem tomou posse, exonerou immediatamente, sem uma explicação, o administrador dr. Armando de Carvalho, velho republicano aqui estimadissimo e que havia sido nomeado pelo sr. dr. Pires de Carvalho quando governador civil do distrito. Uma vez á frente da administração do concelho e depois de anular as tolices da ditadura, os seus actos foram da mais estrita imparcialidade, fazendo politica genuinamente republicana, sem magoar nem perseguir ninguem.

Pois, um dos primeiros actos do actual governador civil foi exonerar quem assim procedia, substituindo-o pelo monarchico filiado no centro de Coimbra Fernando Barbosa, de quem os jornais falaram ha bem pouco ainda a proposito da sua profissão de fé monarchica oito dias depois de se ter apresentado no congresso evolucionista. O povo está indignadissimo, temendo-se desordens e manifestações de desagrado. Os republicanos, vexados com a attitudé da primeira autoridade do distrito, vão protestar ante o sr. ministro do interior. O dr. Armando de Carvalho tem sido muito cumprimentado, manifestando-lhe inumeras pessoas a sua solidariedade.

Na Figueira da Foz aconteceu caso identico.

Em Góes idem e em Arganil e nos mais o mesmo.

O que aí fica é assombroso.

Com que autoridade nomeia o sr. governador civil administradores de concelho monarchicos?

Foi esse o mandato que lhe conferiu o governo?

Ou foi-lhe isso recomendado especialmente pelo sr. Fernandes Costa?

Secção literaria

INVEJA

Tu nunca viste uma estrela a chorar, ó minha Amada? Poisa bem os olhos nela que logo a vês desolada...

Olha-a bem, ó minha querida que a verás tremeluzindo numa expressão dolorida a mirar teu rosto lindo

Como terna inocentinha que chora se alguém lhe chama mais feia do que a vizinha

Assim a estrela derrama seu pranto de magua bela por ser mais linda do que ela.

Coimbra 6-5-915.

José FIGUEIREDO JUNIOR.

CORJA

Publicação semanal

Condições d'assinatura

Pagamentos adiantados

Table with subscription rates: Assinatura trimestral \$30, mensal \$10, Numero avulso \$02

Anuncios contrato especial

Não se restituem originaes

embora não sejam publicados

Não pôde ser! Protestamos contra semelhante afronta. O administrador do concelho de Montemor é monarquico filiado e assistiu ao chá do conselheiro Costa Alenão onde se lançaram as bases do centro monarquico de Coimbra.

Tudo isto obedece, decerto, a uma manobra do sr. dr. Fernandes Costa, ministro da marinha que quer, á força — é este o verdadeiro termo! — fazer triunfar as candidaturas evolucionistas. Correligionarios! Nós ainda não desarmamos.

O sr. dr. Fernandes Costa só tem um caminho a seguir — demittir-se de ministro. O sr. governador civil de Coimbra a proceder igualmente! Mas já!

Se o não fizer, os verdadeiros republicanos devem immediatamente tomar posições e proceder como os nossos correligionarios de Evora para com o ditador Castro.

Entre republicanos e monarquicos não pode haver qualquer conluio.

Nunca mais!

Ou se é monarquico ou republicano!

Demitta-se sr. governador civil! V. ex.ª não pode nem mais um minuto conservar-se á frente do distrito!

Chamamos a atenção do sr. Ministro do Interior e do Directorio do Partido Republicano Português.

Hontem foi profusamente distribuido um manifesto que passamos a reproduzir:

Alerta cidadãos republicanos!

Para derrubar a ditadura teve de se fazer um movimento revolucionario, que, á custa de muito sangue, nos reconduziu á legalidade constitucional. Pois esse sangue generoso dos republicanos que correu pela Constituição parece que se perdeu inutilmente.

O governo saído duma revolução nomeou para Coimbra Governador Civil um cidadão que se diz independente, mas que logo que tomou posse, telegrafou ao dr. Lnzitano Brites — evolucionista — para se apresentar no Governo Civil. Para que? Então s. Ex.ª não é independente? Para que cham'ou logo, ao tomar posse, um marechal evolucionista para o orientar?

Mas isto que é muito é ainda pouco para o que S. Ex.ª fez quando chamou para administradores de concelho alguns monarquicos, como Mario de Almeida, Fernando Barbosa, Garção e Mario Ramos! Monarquicos!!

Então a ditadura ainda vive? S. Ex.ª quer demettir o sr. dr. Julio Fonseca para o substituir por um administrador retintamente monarquico?

Não pôde ser!

S. Ex.ª o Governador Civil, que tire a mascara ou que se ausente! Já!

Ainda ontem era 1 hora da manhã quando S. Ex.ª saiu de automovel na companhia de José de Napoleos, de Alfarelos.

Conhecem o Napoles?

E' um passaporte para o Sr. Governador Civil se ir embora. E vá, sem demora, senhor, deixe-nos em paz, que foi para isso que se fez a Revolução de 14 de maio.

Povo Republicano, Alerta! Abaixo as mascaras! Viva a Republica!

Com todo este procedimento não nos admira que no domingo as eleições, que estão garantidas para os democraticos, apareçam ganhas pelos evolucionistas.

Gralhas

O ultimo numero do nosso jornal saiu cheio de gralhas. A parte mais atingida foi o artigo Um caso patologico e que a inteligencia do leitor decerto corrigiu com facilidade. Tambem a noticia sobre a nomeação de governador civil do nosso presado amigo capitão dr. João Rodrigues Baptista saiu estropeada, havendo quem lhe trocasse o nome de João por José.

Pedimos desculpa aos nossos presados assinantes.

Tanto os tipografos como o revisor cá do periodico precisam de usar oculos...

A' ULTIMA HORA

De Lisboa mandam-nos, pelo telefone, copia do seguinte telegrama, que o sr. dr. Fernandes Costa para ali enviou de Coimbra:

Ministro Interior — Lisboa — Circulo Coimbra sob enorme pressão democratica; autoridades não democraticas apodadas monarquicas; democraticos disseram governador civil revolução feita por eles exigé autoridades suas. Partido evolucionista não vai urnas; muitas assembleias falam garantias. Não assegurada liberdade eleitoral. V. Ex.ª e seu gabinete não conhece estas verdades. Certamente assim todo o país.

FERNANDES COSTA

Este telegrama não é a expressão da verdade. As autoridades a que se refere não são apodadas de monarquicas — são declaradamente monarquicas. Os administradores de Montemor, Goes, Arganil e Soure são monarquicos!

O sr. dr. Fernandes Costa está mal informado...

Sua excelencia, ministro dum governo que se declarou imparcial nas eleições, e demais a mais candidato por este circulo, não devia estar no gabinete do governador civil a tratar de eleições! E ontem ali esteve algumas horas mais o tal Garção, administrador da Figueira, e lá mesmo redigiu o telegrama que deixamos reproduzido.

TIPOGRAFIA LITERARIA

Rua Candido dos Reis, 17, 19, 21 — COIMBRA



Impressões em todos os generos. Executam-se jornais, livros, faturas, relatorios, cartões de visita, etc.

Aceitam-se trabalhos de toda a parte do país.



A CORLA

Semanario republicano anti-clerical democratico

Director e editor José Peixoto d'Alarcão

ADMINISTRADOR
Anibal Reis

Redacção, Couraça de Lisboa, 10—Administração, R. Dr. João Leal, 38—Composto e impresso na Tipographia Literaria, R. Cândido dos Reis, 17—Coimbra.

SECRETARIO
J. L. Frazão

Liberdade, Justiça, Verdade e Progresso

O TRIUNFO

Não procuraremos frases para justificar o grande triunfo obtido em todo o distrito de Coimbra sobre os nossos adversarios. Os numeros falam mais alto que todas as palavras. Os mapas que publicamos a seguir demonstram eloquentemente que Coimbra já não é o feudo evolucionista e que apesar de todas as vis campanhas feitas contra o partido democratico, a cidade de Coimbra, o seu concelho, todo o distrito, reconhecem que o partido evolucionista não tem capacidade politica para tratar dos seus interesses. A victoria que esse partido teve quando da eleição camararia, obteve-a á custa do truce ignobil da questão de Coimbra, em que a maior parte dos cidadãos colaboraram de boa fé, mas em que muitos que sedizem dirigentes do partido da evolução apenas fizeram politica.

Coimbra reconheceu já que entre os cursos livres e o desdobraimento da faculdade de direito, aqueles é que feriram os seus interesses, e que o desdobraimento foi a sequencia logica daquelle acto do sr. Antonio José d'Almeida. E reconheceu mais que o sr. dr. Afonso Costa procurou atenuar tanto quanto possível o mal dos cursos livres, mandando pôr em execução os trabalhos praticos, com apontamento das faltas, o que fez com que a estabilidade dos estudantes em Coimbra seja relativamente numerosa.

Se assim não procedesse os alunos da universidade vi-

riam aqui apenas fazer os seus actos. E' esta a verdade!

Coimbra foi sempre de convicções democraticas e acaba-o de provar, não só com as ultimas eleições, como com a recepção feita aos monarchicos conspiradores que um mês antes tiveram a audacia de vir afrontar os seus sentimentos republicanos.

Viva a Cidade de Coimbra!

Viva o Partido Democratico!

O sr. dr. Afonso Costa, assim que teve conhecimento do resultado da eleição em Coimbra, dirigiu ao nosso amigo sr. dr. Artur de Almeida Leitão o seguinte telegrama:

Ao deputado Artur Leitão — Abraço-te affectuosamente, estimando muito que Coimbra tenha dado ao nosso partido esta solene e grandiosa prova de confiança em que podem assentar os nossos serviços á bela capital universitaria e trabalhadora.

CAUTERIO

O *Genesis*, que é o primeiro livro da *Biblia*, tratando da criação do homem, diz: «E creou ele o homem á sua imagem, e macho e fema o creou.»

E' uma afirmação categorica de hermafroditismo primitivo, do qual os exemplares actuaes, tão raros, serão, como os invertidos sexuaes, reproduções atavicas.

Esta afirmação deve ser tida, porém, por Deus, na conta de heterodoxa, porque, logo a seguir, o Espirito Santo, arrependido, emenda assim; no versiculo 18 do ca-

CIRCULO E DISTRITO DE COIMBRA

SENADORES

Baldaque da Silva, democratico	10:952 votos
Vasconcelos Dias, democratico	10:842 "
M. Fernandes Costa, evolucionista	7:152 "
Baeta Neves, evolucionista	6:644 "
Belisario Pimenta, unionista	337 "

DEPUTADOS

Pires de Carvalho, democratico	7:164
Artur Leitão, democratico	7:267
Evaristo de Carvalho, democratico	6:862
F. Fernandes Costa, evolucionista	6:654
João Bacelar, evolucionista	3:585
Cerqueira da Rocha, evolucionista	3:392
José Rodrigues, unionista	875
Adriano Fernandes, socialista	56

ARGANIL

Fernandes Rego, democratico	3:479
Peres Trancoso, democratico	3:117
Moura Pinto, unionista	2:497
J. Cardoso, evolucionista	2:415
Alves dos Santos, evolucionista	1:674

pitulo II do *Genesis*: — «E disse o que de per Si existe (Deus); Não é bom que o homem esteja só. E enviou-lhe um sono, durante o qual lhe tirou uma costela, da qual fez a mulher.»

Primeiro, fez o homem macho e fema; depois fez primeiro o homem, e, tendo-lhe tirado uma costela, faz então a mulher

Como conciliar essas duas versões?

Quando trata do diluvio, os homens pensaram em resistir a qualquer novo atentado semelhante da parte de Deus, edificando como precaução a *torre de Babel*, diz o *Genesis*, capitulo XI, XV. 5-7:

O Senhor, porém desceu para vêr a cidade e a torre que os filhos de Adão edificavam, e disse: Eis aqui um só povo e uma só lingua- gem de todos, e pois que eles co-

meçaram esta obra, não desistirão do seu intento, a menos que o não tenham de todo executado. Vindes, pois, e desçamos e confundamos de tal sor e a sua linguagem, que não entenda cada um a voz do que lhe está próximo.»

Não falemos, por agora, na absurda concepção aí feita de um Deus que desce a vêr a cidade, exactamente como um castelão que vem lá do alto do seu paço senhorial, a visitar os povos da planicie. Limitemo nos a pôr em confronto as palavras do cronista; o *Senhor desceu* com as palavras postas na boca do Senhor, o qual apesar de já ter descido, diz ainda, *desçamos*, não se sabendo bem com quem falla, pois que o Deus cristão é um deus monotheico.

AO POVO REPUBLICANO

Os funcionarios do Estado - Propaganda monarquica nas Repartições - O odio á Republica - Os maus republicanos - Apliquem-se as leis da defesa da Republica! - Urge fazer o que se não fez em 5 d'outubro - Ainda o Paixão archeiro - O Perdigão, bedel - O Marques, archeiro e o Fernando do Muzen.

Quando no nosso ultimo numero escrevemos os dois artigos com o mesmo titulo que hoje nos serve de epigrafe, não sabiamos ainda que o sr. Fernandes Costa mais outro seu colega do ministerio, o sr. Jorge Pereira, se opunham a assinar o decreto que afasta dos seus logares os funcionarios publicos monarchicos, que nas repartições do Estado combatem as instituições e que até se recusam a executar algumas ordens ditadas do governo da Republica. E' inacreditavel! O sr. Fernandes Costa, que é um cidadão inteligente e velho republicano, recusa-se a cumprir um mandato imperativo dos revolucionarios! Com que direito? Nenhum: absolutamente nenhum! Porque é preciso notar, que o sr. Fernandes Costa, que accitou fazer parte dum governo que tinha fatalmente de estar sob a pressão da junta revolucionaria, nada objectou de principio para vir depois discordar - e de quê, oh velhos republicanos! - precisamente duma lei que tinha como unico fim defender as instituições!!

Se o sr. Fernandes Costa estava na disposição de seguir na estrada aerea do sr. dr. Antonio José d'Almeida, se continua na disposição de subsistir numa situação dubia de evolucionista soldado, como declaram nos periodicos, mas escalando os altos logares de *marchal* com a mesma facilidade com que qualquer Fregolinuda de casaco, então meu amigo!... melhor seria juntar-se pela cabeça e pelos pés ao seu adoravel chefe e timonarem ambos o mesmo aeroplano que vão percorrendo os espaços aereos e insondaveis!

Porque a verdade é que o sr. Fernandes Costa, sendo um velho e honrado republicano, como o é tambem o sr. dr. Antonio José d'Almeida, a seguir na mesma orientação que até aqui, só prejudica a Republica.

A nós, que desde os tempos da propaganda conhecemos o sr. dr. Fernandes Costa, que aqui na Lusitânia trabalhamos ao lado de sua ex.^a, conhecemo-lo perfeitamente e algumas vezes discordamos da sua orientação politica.

E' bom recordarmos esse tempo em que o nosso entusiasmo por um ideal, que depois de proclamado algumas desilusões nos trouxe, exatamente porque a conduta de alguns republicanos, como a do sr. Fernandes Costa, nos não agrada por a considerarmos absolutamente oposta as nossas justas aspirações.

Mas deixemo-nos deste tema, que nos levaria a divagações muito longas e recordemos, sucintamente, alguns factos desses aureos tempos da propaganda em que nós seguindo passo a passo os trabalhos revolucionarios, a tatica politica e, humildemente, modestamente, sem basofias de dirigentes das massas, alguma coisa faziamos pela causa.

Um belo dia, segundo a orientação, aliaz esplendida do Directorio, de disputarmos e nos introduzirmos por todos os meios nas comissões administrativas, Municipios, Juntas de Paroquia, etc. - surgiu a ideia de, por accordo entre

alguns chefes monarchicos, termos representação na Camara Municipal de Coimbra. O sr. dr. Fernandes Costa e Angelo Fonseca tiveram varias conferencias com os srs. drs. Luis Pereira e Antonio de Padua, já falecido, e, com a habilitação que estes dois chefes monarchicos evidenciaram, e por outras circunstancias que entendemos calar, não só não ficámos com representação na Camara, como fomos cogitados e votados um candidato monarchico, que obteve sobre os seus colegas uma maioria de cerca de oitocentos votos!

A tatica politica do sr. dr. Fernandes Costa deu nesta monumental aberração!

Convem esclarecer que nós (o autor destas linhas) não se prestou a semelhante papel, que sempre considerou, em obediencia aos principios, humilhante, assim como bom será dizer que o candidato monarchico referido era o sr. dr. Almeida, distinto professor da Universidade de Coimbra, de sentimentos liberais, que se adherisse á Republica quer dizer, se se integrasse na vida politica da nação, ao lado de qualquer partido, fosse qual fosse, muito concorreria para o brilhante futuro reservado ás novas instituições.

Esperanças temos, porém, de que ele virá um dia colaborar com aquelles que sobretudo trabalham para o rejuvenescimento da Patria. Este illustre cidadão é o sr. dr. Marques, e Sousa, que saiu limpo, sem qualquer mancha das secretarias do Estado do regimen dos adiantamentos.

E se vier, se um dia sua excellencia se resolver a reentrar na politica, ninguém terá o direito de lhe fazer qualquer referencia ao seu passado. Ninguém!

Pois é verdade, o sr. Fernandes Costa, recusando-se a assinar as leis de defesa das instituições só prestou um mau serviço á Republica.

Nas repartições publicas continua a fazer-se propaganda contra o regime. Já no passado numero apresentamos factos, que estamos prontos a provar com testemunho idonico e hoje continuamos a apontar outros que igualmente provamos. Todo o cidadão tem o direito a seguir a politica que quizer, o que não pode o que se não consentirá jámais - é que continuem, como funcionarios do Estado, a fazer propaganda monarchica, a combater a Republica, a deprimila.

On as autoridades tomam todas as providencias que os factos requerem, não teremos de assistir, não tardará muito, a confusão pessoal dentro das proprias repartições do Estado.

No ultimo numero occupamos do Paixão archeiro, que pelos Gerais e outras dependencias universitarias se tem farto de insultar as instituições e todos os republicanos.

Hoje vamos nos occupar de outros seus colegas, reservando ainda para o proximo numero, diversos

conciliabulos que na poucos dias se têm efectuado nos Geraes.

Começaremos pelo Marques, archeiro, que conhecemos do tempo da monarchia e que foi sempre um digno e merito monarchico ás ordens do dr. Bernardo Albuquerque, que foi no concellio de Coimbra um dos magnates do progressismo dos Navegantes.

Depois da proclamação da Republica este Marques tem-se portado sempre duma forma irritante, continuando a ser monarchico, com o que nada temos, mas a hostilizar o regime com o que temos alguma coisa.

Por toda a parte ele tem dito que a Republica é um regime de bandoleiros e por diversas vezes na Universidade, o tem repetido, o que podemos provar com o depoimento feito na nossa redacção por alguns dos seus colegas que são republicanos.

Ainda há pouco, quando da ditadura Pimenta de Castro, ele refinou de tal modo, que se não passava um dia que os seus insultos ao regime e aos republicanos não saíssem ferozmente da sua guela com os respectivos perdigotos.

Poucos dias antes da queda do Pimenta, o impagavel Marques, appareceu no Pateo da Universidade com uma folha de papel almeico onde se lia uma extensa lista de republicanos que, dizia ele, seriam perrotados. E acrescentava: «não tenham vocês devidas que qualquer dia, o grande general Pimenta de Castro, coloca no Paço das Necessidades D. Manoel e com todas as honras»...

Os colegas ouviram e... aplaudiram... com exceção de dois que são os unicos republicanos da corporação.

Tomou agora o celebre Perdigão este o seu passaro, que não tendo o bico amarelado um preto, é daquelles que conta a valer.

Aí vai uma historia, quando o Pimenta de Castro subiu ao poder e começou a perseguir os republicanos, o grande homem entrou em casa do Costa, continuou, e depois de dizer o que lhe veio á cabeça contra os republicanos, concluiu:

«E' verdade, estamos livres dessa maldizagação do Perdigão branco; que o vão ganhar, que trahem em nome do povo»

Foi na presença dum archeiro e outras pessoas que estão prontas a declará-lo e que vieram á nossa redacção trazer a informação.

No proximo numero continuaremos falando das proezas deste passaro, assim como as dum analphabeto que ali no Muzen está a recabar ilegalmente, ha muito tempo, o ordenado dum logar a que não tem direito. - E' o Fernando do Muzen!

ALFREDO FILIPE DE MATOS

Visitou-nos este nosso amigo, velho republicano e um dos perseguidos da ditadura de João Franco.

Filipe de Matos é um dedicadissimo apostolo da instrução popular, tendo exercido o logar de amanuense na Inspeção Escolar de Coimbra, donde saiu para o Brazil, a tentar fortuna e tendo já ali uma importante casa comercial.

Veio a Portugal visitar a sua familia, devendo num dos proximos mezes voltar para a grande Republica.

Ao nosso velho amigo que acaba de filiar-se no partido republicano democratico, agradecemos a sua honrosa visita, ao mesmo tempo que o felicitamos por ingressar no unico partido capaz de engrandecer a Patria.

Homens & Factos

Coerencia

O partido evolucionista disputou a eleição em todo o circulo de Coimbra, nomeando para todas as assembleias delegados seus. A sua derrota foi, como todos já sabem, monumental.

Agora o evolucionismo aereo está lançando mão de todos os *trucs* para justificar a derrota.

E de todos os mais em evidencia, são os seguintes: a falta de coerencia da cidade perante o desdobraimento da faculdade de direito e a abstenção.

Quanto ao primeiro faremos ligeiras mas indispensaveis referencias, para que aquelles que se possam influenciar com o canto da sereia... os mandem aquela parte. Ellas: no grande comicio que se effectuou para protestar contra o desdobraimento da faculdade foi aprovada uma moção cuja doutrina era a seguinte: não eleger deputados politicos e não receber quaisquer chefes politicos com caracter partidario.

O presidente deste comicio foi o director do orgão evolucionista, que declarou solemnemente abandonar a direcção do periodico.

Todos ficaram muito contentes e a cidade julgou, que depois de tanto trafego - greves, protestos, discursos, comissões, etc, etc, se fosse tratar a valer dos seus interesses. Mas qual historia ou qual carapuça! Passados poucos dias o director da *Provincia* volta a dirigir a o sr. dr. Antonio José d'Almeida visita esta cidade em propaganda partidaria e todos caem de novo a recebe-lo com vivas, musica, jantar no Avenida em sua honra, allocuções politicas, foguetes, o diabo a sete. Vem a eleição da Camara e zas - uma edilidade evolucionista, etc.

Perguntamos-lhe que razão ha para que os evolucionistas perguntem pela coerencia?

Com respeito á abstenção, temos conversado - os abstencionistas foram muito menos que nas ultimas eleições democraticas e a cidade de Coimbra o seu concellio foi Di accord.

Do sr. José Barbosa em artigo editorial da *Luz* sob o titulo *Diante dos factos*:

«A nossa organização é insufficiente e deficiente. A acção do Directorio, ainda agora o podemos verificar varias vezes e em casos diversos, não se pode exercer sem comissões locais em todos os concelhos do país. Podemos constituir, por meio desses organismos, a força politica actuante e disciplinada que tem de ser um partido».

Se não sabemos, não queremos ou não podemos realizar o insignificante trabalho de organica politica a que acabo de me referir, somos realmente e somos para sempre uma associação de homens, porventura muito uteis, com lealdade muito honestos e respeitaveis, mas falta-nos a massa eleitoral, que não é impossivel adquirir, e a vontade e capacidade de conquistar eleitores, o que representa uma fraqueza insanavel para um partido que deseja governar e não apela para a revolução como processo de alcançar o poder.

«Nesta hora em que as urnas falaram contra nós, não nos preoccupa a facil e vã tarefa de atenuar o significado da victoria democratica pela demonstração da influencia que nesse resultado teve a abstenção».

«Votou quem quiz votar. Se houve unionistas que deixaram de votar, mais cidadãos e pessimos».

unionistas se afirmaram. Se houve candidatos que, procurando ganhar a propria eleicao, entraram em conchavos com adversarios e des-sairam ludibriados, sirva-lhes de ensinamento a derrota e aproveite-lhes ao menos a lição, para que saibam, para o futuro, compreender as vantagens da disciplina partidaria.

Sim senhor: di acordo, sr. Barbosa. Assim é que é. Parece-nos que é a primeira vez que não estamos em desacordo.

O beijo

Ha por ai de todos os tamanhos. Desde o Algarve ao Minho é uma abundancia extraordinaria. E não é beijo de porco, é de bufalo.

Eles já dizem que o havemos de pagar caro...

Aqui na Lusa! o grande, o indestrutivel baluarte!

E' caso para o sr. Antonio Zé andar toda a vida de beijo.

Sáfa!

Chora agora...

A Republica, orgão evolucionista dirigido pelo sr. Antonio José d'Almeida, vem agora em quasi todos os numeros com lamentações, protestos, queixas, etc. Um choro que é capaz de internecer algum coração impedernido.

A nós, que temos cabelos no dito, chega-nos vontade de cantar esta canção tão conhecida:

Chora agora Joséito, chora...

Coitado!

A Suécia e as barbaridades alemãs

Carta de protesto contra os metodos guerreiros dos inimigos

AO REDACTOR DO "DAILY GRAPHIC."

AMIGO E SENHOR — O povo inglez sabe que a Nação Sueca está praticamente unanimes no apoio de seu proprio Governo na sua attitude de extricta neutralidade. Ainda assim grande parte da sua gente, maioria ou não, é nos impossivel dizelo está bem pouco neutra nos seus sentimentos á vista dos metodos belligerantes adotados nesta guerra terrivel culminam na afundagem do vapor Lusitania.

A crença falsa que a guerra suspende todas as Leis da humanidade deve provar-se fatal ao futuro da civilização e desastrosa a solidariedade que com especialida-

interessa tão vitalmente as pequenas ações.

De V. S. At. Venres. e Cr. SVANTE ARRHENIUS Professor. BARON ADLSWARD. VICTOR ALMSSQUIT, Director-mór das Cadeias do Estado. W. LECS, Professor. KNUT KJELLBERG, professor. JULES AKERMAN, Professor. TORGNY LEGERSTEDT, Professor. ISRAEL HOBMGREN, Professor. G. KOBBERG, Professor. OTTOR R OSEMBERG, Professor. GUNAR ANDERSON, Professor. GERHARD DE EER, Professor. OLOF KINBERG, Doutor de Medicina. ALFR ED PETREN, Doutor de Medicina. JOGN TJERNELD, Advogado. TOR HEDBERG, Auctor literario. HJALMAR SODERBERG, Auctor literario. G. STJERNSTEDT, Advogado. IVAM HE-DQUIST, Auctor do Theatro Real. IVAN BRATT, Doutor de Medicina. T. FOGE LQIST, Rettor. Sñr. EMILIA BROOM. Sñr. SIGNE HEBRA. CHRISTIAN ERIKSEN, escultor. LUDVIG MOBERG, doutor de Medecina. KARL NORDSTROM, artista. ARNOLD JOSEFSON, mestre cirurgião. CARL ECDH, escultor. Sñr. ALMA SUNCQUIST, doutora ds medicina.

Stockolmo, 10 de Maio de 1915.

Peixoto d'Alarcão

No seu regresso de Lisboa adoeceu este nosso amigo e presado director, encontrando-se ha oito dias de cama.

E' seu medico assistente o sr. dr. Julio da Fonseca.

Ao nosso amigo desejamos pronto restabelecimento, para que volte a dirigir e a colaborar conosco na Corja.

CARTEIRA

No domingo passado um filhinho do nosso presado correligionario, sr. Adriano Brandão, foi vítima dum desastre de que lhe resultou uma luxação num dos braços. O desastre deu-se no quintal do Centro José Falcão, sendo a criança immediatamente socorrida por varios amigos e correligionarios do sr. Brandão, que o conduziram ao hospital aonde lhe foram prestados os devidos curativos.

Fazemos votos por o seu pronto restabelecimento.

Continua doente o nosso amigo e administrador d'«A Corja», sr. Anibal Reis.

— Consorciou-se num dos dias da semana passada o sr. José Sebastião d'Almeida, nosso presado assinante.

caminham tres homens embuçados! Nem uma palavra, nem um gesto, nem sequer uma inclinação que não tendesse a sustentar a regularidade dos passos. Parecem estatuas negras forçadas á sujeição dos resultados fataes duma maquina em movimento.

A meio quilometro da cidade pararam, e ovuiu-se então casar com o melancolico cantico da noite a voz simpatica dum deles.

— Até que enfim vou possuir-te, craneo querido!

Assentaram-se. Naquelle ambiente, parando-lhes nos labios um sorriso misterioso, embala-se o anjo do silencio.

— Que noite! Carlos, repara na atmosfera; daquellas nuyens negras não tarda a surgir o genio das revoluções. Depois...

— Depois!... luta-se com esse genio; por mais terrivel que ele venha, hei de ter um momento para poder tirar o segundo craneo dessa formosa criança.

O negro do ven que se es-



Ralendario

13-5-1915

13-5-1915

Para falarmos da obra monumental do grande ministro de D. José não nos chegaria o estreito espaço de todo o nosso modesto jornal, mesmo que nos limitassemos a reproduzir, sem quaesquer comentarios, a sua brilhantissima acção reformadora.

Notificaremos por conseguinte, sucintamente, alguns dos seus factos mais notaveis e que influíram de tal forma na sociedade portugueza que bem se pode afirmar ser a sua obra a base politica e social de todos os progressos até hoje realizados.

Atesta-o duma forma insofismavel a reforma da universidade que nessa época ficou não só equiparada ás mais adeantadas do universo, mas ainda hoje muito acima dalgumas. E mais acima estaria se o espirito jesuitico se não infiltrasse depois, pouco a pouco, no professorado universitario.

Para corroborar os nossos despretenciosos comentarios bastariam as inumeras brochuras — discursos, memorias, dissertações, etc., escritas sobre o assunto por professores e alunos, por escriptores nacionais e estrangeiros, e que se encontram arquivados na sua suntuosa biblioteca.

E mesmo que assim não fosse, os seus proprios estatutos nos revelam toda a grandeza dessa assombrosa obra, num tempo em que o jesuitismo e a inquisição dominavam Portugal.

Ao comercio, industria e agricultura ligou o grande estadista a sua valiosa attenção, dando-lhe tão grande impulso que partiu para todo o mundo o nome de Portugal agricolo e comercial, o inicio de todo o nosso desenvolvimento industrial.

A acção politica do grande ministro, fixou-se principalmente, no levantamento da nossa dignidade como pais livre, na nossa emancipação para com as nações, para com a Curia e para com a Companhia de Jesus.

O ataque ao jesuitismo que minava desde D. João III a terra portugueza, foi formidavel: a sua alta enver-

gadura, a sua energia e a sua audacia jugaram de tal forma a sua obra, que esta teve de lançar mão de toda a sua força espalhada por todos os países, para poder conseguir voltar a reinar em Portugal.

Para isso teve de recorrer ás maiores infamias, a todas as baixezas e ignominias, inclusive ao assassinio do príncipe D. José devidamente educado por Sebastião de Carvalho para continuar a sua monumental obra politica e social, em vista da impossibilidade de lhe soceder sua mãe, D. Maria Francisca Isabel, que enquanto príncipeza demonstrou tendências para a loucura em que veio a cair pelo fanatismo religioso que lhe insuflaram os jesuitas e de quem eram mandatarios os arcebispo de Thessalonica e Bispo do Algarve, seus directores espirituas que a acompanharam durante o seu desastrado reinado.

Sebastião José de Carvalho quando em setembro de 1758 os jesuitas tentaram contra a vida do rei, foi duma energia extraordinaria e duma bravura indomavel.

Arroston com todos os perigos, venceu os mais temiveis obstaculos e com uma justiça rigida, inflexivel, implacavel, mandou enforcar e garrotear o bando em que estavam envolvidos os fidalgos da maior estirpe desse tempo, os Tavoras, o duque de Aveiro, o conde d'Atouguia etc., comandados pelo abominavel jesuita padre Gabriel Malagrida.

Seguidamente os jesuitas tentaram organizar outras conspirações a que deu lugar a um decreto de 8 de setembro de 1759 abolindo a ordem da companhia de Jesus em Portugal e seus dominios e declarando seus membros bandidos por serem revolucionarios e inimigos da Patria. Numa determinada manha os seus conventos foram todos cercados, os frades presos e os seus bens confiscados.

A titulo de curiosidade transcrevemos as conclusões do decreto que extinguiu a companhia de Jesus e expulsou os jesuitas.

Os jesuitas são acusados:

1.º De quererem usurpar o estado do Brazil, incitando os índios (in-

amor muito mais ardente que a lava dum vulcão: nada temas pois, o encontro de dois olhares voluptuosos produz sempre um fruto mais poderoso que o encontro de duas electricidades contrarias. Hoje hei de possuir o craneo da minha amada.

— Silencio, fechou-se a janela do quarto de Eugenia; olhae, um vulto, lá trepa para aquela arvore.

— Não faças caso, é o macaco com quem a minha alia coquette costuma entreter-se á meia noite. Agora vai já deitar-se. Deixem-a dormir, e esperemos que o conteúdo da sua cabeça passe no seio do misterio para esta redoma celafolada. Entretanto fumemos um cigarro.

— Mas... Carlos, não tens visto, e não viste agora á luz do relampago que aquilo é uma simples bola que só serve para ornar o camaranchão?

(Continua)

Fomeim d'A CORJA

1

O CRANEO DA MINHA AMADA

Agora mesmo as onze horas de uma noite de 18, acabam de perder-se no sepulcro infinito do tempo.

Texas as mais profundas involvem Coimbra, o delicioso paraíso do amor, o formosissimo berço da sciencia, o tesouro esperançoso do povo portuguez.

A cidade dorme; só de vez em quando, a voz rouca dalgum desgraçado, que procura o esquecimento na horrivel taça da prostituição, fere o silencio da noite, similhando-se ao pio da ave agoureira, quando amaldiçoa a fatalidade na cruz de um cemiterio.

Pelo principio da Estrada Beira

digenas do Brazil) á rebelião e constituindo com elles exercitos para extinguirem naquelle continente o poder do rei de Portugal;

2.º De haverem repellido todos os meios brandos e snasorios, empregados pela jurisdicção pontificia e regia para os conter na observancia do seu instituto, reforma o a instancia de el-rei (D. José) pelo papa Benedito XIV;

3.º De estarem contaminados da idropica sede dos governos profanos, das aquisições de terras, de estados e dos interesses mercantis;

4.º De haverem induzido o Duque de Aveiro, os Marquezes de Tavora e outros a tentarem em a noite de 3 de setem bro de 1758 contra a vida do rei;

5.º De haverem com os seus socios, estabelecidos noutros paizes, difundido por toda a Europa desformes e infames imposturas contra D. José;

6.º de perturbarem o bem comum dos cidadãos;

Pelo que diz a lei:

«Declaro os sobreitos regulares na referida forma corrompidos, deploravelmente alienados do seu santo instituto, e manifestamente indispostos, com tantos tão abomináveis vicios para voltarem á observancia de elle; por notorios rebeldes, traidores, adversarios e agressores, que tem sido e são atualmente contra a minha real pessoa e estados, contra a paz publica dos meus reinos e dominios e contra o bem comum dos meus vassallos; ordenando que como taes, sejam tidos, havidos e reputados: e os hei desde logo em effeito de esta presente lei por desnaturalizados, proscriptos e exterminados. Mando que efectivamente sejam expulsos de todos os meus reinos e dominios, para neles mais não poderem entrar. E estabelecendo debaixo de pena de morte natural e irremissivel e de confiscacção de todos os bens para o meu fisco é camara real que nenhuma pessoa de qualquer estado e condição que seja dê nos mesmos reinos e dominios entrada aos sobreitos regulares, ou que com qualquer de elles junta ou separadamente tenha qualquer correspondencia verbal ou por escrito, ainda que haja saído da referida sociedade...»

Para com a Inglaterra foi o grande estadista duma energia formidavel. Eis o que diz um historiador:

«Em 1759 o almirante inglez Boscowen, quebrando em deshonra de Portugal os principios de neutralidade, perseguiu e queimou alguns navios francezes sobre as aguas portuguezas da bahia de Lagos.

O Marquez de Pombal pediu immediata satisfacção á Inglaterra; os inglezes recusavam-na, alegando a fiel amizade e mutuos auxilios que pelos tratados as duas nações se deviam. Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquez de Pombal, sabendo que a amizade e auxilio inglez não passavam de uma hipocrisia, á sombra da qual a Inglaterra se havia engrandecido, depredando os portuguezes, lembrou ao ministro inglez quanto a Inglaterra devia a Portugal; e concluiu esta pendencia pela forma seguinte:

Muito melhor podemos nós passar sem vós, do que vós podéis passar sem nós: uma só lei pode transformar vosso imperio.

Não temos mais que proibir com pena de morte a sahida do nosso ouro; e ele não sahirá. Verdade é que a isto podeis responder-me que apesar de todas as proibições elle sempre sairá, como tem saído, porque vossos navios de guerra tem o privilegio de não serem revistados na sua saída; mas não vos enganais com isso; se eu fiz que se degollasse um duque de Aveiro, porque atentou contra a vida d'El-rei, mais facilmente farei enforcar um

dos vossos capitães por levar sua Effigie contra o determinado por lei.

«Ha tempos em que nas monarchias um só homem pode muito.

«Vós sabeis que Cromwell, em qualidade de protector da Republica Ingleza, fez morrer o irmão do embaixador d'El-rei fidelissimo; sem ser Cromwell, eu sinto-me tambem com poder de imitar o seu exemplo, em qualidade de ministro protector de Portugal.

«Fazei logo o que deveis, que eu não farei tudo quanto posso.»

A ameaça do Conde de Oeiras (Marquês de Pombal) não era uma tantumsonada; fundava-se nos recursos que elle havia criado para o Paiz, de que era realmente protector, e na colligação que lhe era facil estabelecer com a Franca e com a Hispanha contra o poderio sempre crescente e destruidor de Inglaterra.

Entretanto a Franca e Hispanha sofriam os maiores danos dos inglezes, que se iam assenhorando traidora e insolentemente de toda a exploração e commercio da India e da America, e ajustaram colligar-se contra aquelles poderios absorventes e devoradores.

Convocado a guerra, o Marquez de Pombal recusou-se terminantemente, collocado se ao lado de Inglaterra.

Elevou o exercito portuguez de 20 mil a 50 mil homens, e deu o seu comando ao Conde de Lipé que veio de Inglaterra com 6 mil inglezes defender Portugal da invasão hispano-franca.

As hostilidades rebentaram em Abril de 1762; mas o triunfo das forças anglo-portuguezas foi tão rapido, que a tres de Novembro de esse mesmo ano se assignavam em Fontainebleau os preliminares de paz ratificada em Paris pelo tratado de 10 de Fevereiro de 1763.

E' preciso notar que logo de principio da sua administração Sebastião de Carvalho teve a maior difficuldade que lhe podia surgir — o arrazamento de Lisboa. O terremoto de 57 foi uma horriavel calamidade. E perante as ruinas da grande cidade, no meio dos incendios, de muitos milhares de cadaveres, de sobreviventes sem abrigo, de mutilados, de todas as desgraças enfim, o grande marquês, serenamente, com decisão, teve para com o rei D. José que apavorado lhe perguntava: «que fazer agora?» a seguinte resposta:

«Cuidar dos vivos e enterrar os mortos.»

E com tal firmeza e resolução pronunciou esta frase que o rei daí para o futuro sancionava tudo o que lhe dizia o grande ministro.

Daquellas pavorosas ruinas se ergueu a linda cidade de Lisboa que ficou sendo naquelle epoca a primeira capital do mundo.

A obra financeira do Marquês resume-se, como diz João Bonança, em duas palavras: «quando entrou no poder achou o tesouro publico exausto e individado; quando saiu, deixou no mesmo tesouro 88 milhões de cruzados ou 35:200.000 reis.

Quando D. Maria subiu ao poder deu livre entrada aos jesuitas, mandou processar e condenar o Marquês de Pombal e arrancar do pedestal da estatua equestre de D. José o busto do grande estadista, substituindo o por um navio de vela, o que levou Pombal a dizer:

— «Agora é que Portugal se vae á vela.»

E teve razão: com o reinado de D. Maria I agravaram-se todas as condições de vida dos portuguezes, desencandeando-se todas as calamidades.

Secção literaria

QUEM ANDA AO SOL...

Tinhas tu em pequenidade

Fazes da branca açucena!

Tua côr hoje dá pena

Ar, dá-me pena, menino!

Tua tez d'abaxo, tua

Incejada p'la morena,

Porque a deixaste, pequena,

Para seres tão vermelha?

Eu te conto, Ao pôr do sol,

Atrai-me um rouxinol

Ao centro duma silva,

E lá dentro o sol de Deus

Deu-me um beijinho dos seus

E fiquei ruborizada!

A. MARQUES DA SILVA

HORA CREPUSCULAR

Hora crepuscular, O sol desmaia

Ao longe, muito ao longe, sobre o mar

O seu último raio beija a praia,

Onde veem as vagas soluçar.

Hora crepuscular, Já sonolentos

Baloiçam os pinhais a ramaria,

A terra adormeceu e por momentos

O mar repousa em funda calma.

Hora crepuscular, Que de illusões

Nos acodem então ao pensamento

A essa hora sardosá do sol-pôr

A tarde fala aos nossos corações,

E parece lembrar-nos num momento

Todo o tempo feliz do nosso amor.

Porto, maio 1915.

ALFREDO MOTTA

Depois da derrota...

A «Provincia» tenta achincalhar o nosso dedicado correligionario Antonio Viana, sobre um insignificante incidente que se deu na assembleia eleitoral da Sé Nova e, para o fazer, mente descaradamente.

O facto deu-se da seguinte forma: o tal cocheiro que não é mais do q' e um ébrio, que quasi sempre anda como um vm ôdre, o Murcela, conhecem? — entrou na assembleia com uma canuêca e tanto e começou a fazer disparates.

Por ordem do presidente da mesa o sr. Antonio Viana, que é o regeder da Sé Nova, convidou o Murcela a retirar-se, começando elle, então, por esse motivo, a bravejar emitando os cavalos que costumá limpar...

Em face disso o sr. Viana prendeu-o curto, puxou-o para o Largo da Feira e ali o deixou, retirando-se em seguida com medo de algum coize.

A policia procurou intrevir mas o Murcela deu ás de Vila Diogo. Foi assim e não houve mais nada.

Artistas de Coimbra

O nosso amigo sr. Francisco Antonio dos Santos, Filho foi encarregado da construcção da porta principal do edificio destinado no Museu de Antropologia. E' um magnifico trabalho de arquitetura classica e já começaram a ser assentes as colunas laterais.

Deve ficar uma bela frontaria que muito concorrerá para embelezar a rua Candido dos Reis.

A' ULTIMA HORA

Não sabemos porque, mas naturalmente devido a má redacção de qualquer acta, e segundo acabam de nos dizer, na assembleia de apramento, hontem realisada, apparece o sr. Manuel Fernandes Costa com menos 70 votos de que o sr. Bacta Neves, ficando por consequencia, como senador da minoria este ultimo.



ALFA A

Semanario republicano anti-clerical-democratico

Director e editor FERNANDES MARTINS

ADMINISTRADOR
Anibal Reis

Redacção, Couraça de Lisboa, 10—Administração, R. Dr. João Jacinto, 33—Composto e impresso na Tipographia Literaria, R. Candido dos Reis, 17—Coimbra.

SECRETARIO
J. L. Frazão

Liberdade, Justiça, Verdade e Progresso

DR. AFONSO COSTA

Victima dum grave desastre — Entre a vida e a morte — Consternação em todo o país — O eminente estadista resiste aos graves ferimentos e salva-se, ficando na posse de todas as suas faculdades — O Congresso pela voz de todos os partidos, incluindo monarchicos-catholicos e socialistas, presta homenagem ao illustre homem publico.

Na madrugada de domingo vieram acordar-nos dum sono reparador, abruptamente, sobresaltadamente, batendo-nos com um vigor desordenado ao ferrólho da porta, para nos atirarem com esta brutal e estúpida noticia: — O Dr. Afonso Costa está a morrer!

Devemos confessar que ficamos assombrados, prepeleados, como que sobre nós tivesse caído qualquer coisa de formidável peso. O que? Podia lá ser? Como? E atabalhoadamente pediamos informes.

Algun atentado?

E o nosso solícito informador que tambem se encontrava atropalhadamente comovido, falando e gesticulando com calor, começou a contar-nos o sucedido. — O que todos os leitores já devem saber pelos jornais diários: num electrico que seguia com vertiginosa velocidade e em que ia Afonso Costa e alguns amigos heouvera uma violenta explosão, atirando-se por uma das janelas no intuito de se salvar, o eminente estadista que ficou com o cráneo fracturado.

Dolorosamente surpreendidos com a triste noticia até hoje não deixamos de saber por todos os meios, da marcha da doença.

Felizmente Afonso Costa está salvo e as melhoras proseguem de forma animadora. O seu restabelecimento será

relativamente breve e o seu cerebro ficará intacto, na posse de todas as suas faculdades; para bem da Patria e da Republica, que precisam ainda por largo tempo da sua indispensavel cooperação.

Se Afonso Costa falecesse no actual momento, seria uma perda irreparavel e a sua falta viria abalar profundamente a Republica. Todos o reconhecem. Reconhece-o o Povo, seja qual for a sua categoria, reconhecem-o os politicos, seja qual for o seu partido. Assim, na Camara dos Deputados e no Senado, todos os congressistas prestaram homenagem ao illustre homem publico. Desde o partido evolucionista ao partido monarchico-catholico, todos os seus illustres representantes se pronunciaram altamente, evidenciando bem a falta que a Republica e a Patria faria Afonso Costa.

Transcrevemos para aqui o resumo dos discursos dos illustres parlamentares:

Da Camara dos Deputados

O sr. presidente: — A triste noticia do lamentavel desastre succedido a um dos membros desta camara, sr. dr. Afonso Costa, trouxe a todos os bons portuguezes, aquelles que amam devotadamente a sua patria, um sobresalto de quem ia sofrendo uma perda nacional, difficilmente reparavel no momento angustioso que o pais atravessa. Tem a fatalidade, infelizmente para to-

dos nos, nos ultimos tempos atingido vultos dos mais prestigiosos da Republica. Não ha dois meses que o sr. João Chagas sofreu um atentado pessoal: agora é o sr. dr. Afonso Costa que sofreu um desastre que todos lamentam. O sr. dr. Afonso Costa é dentro da politica nacional uma figura de tal destaque, são tantos e tao valiosos os servicos prestados a causa republicana que, ele, presidente, julga traduzir o sentir dos seus colegas propondo que na acta daquella sessão se consigne um voto de profundo pesar por esse lamentavel desastre, exprimindo-se o desejo de prontas melhoras para que possamos, em breve, tê-lo entre nós, occupando aquele lugar que os republicanos lhe marcaram naquella mesma sala do Parlamento, desde os tempos remotos da propaganda em que ele mostrou os seus sacrificios pela Patria e pela Republica.

O sr. Barbosa de Magalhães, em nome da maioria parlamentar daquella Casa do Congresso associou-se com todo o coração aos votos que o sr. presidente acaba de expressar. O lamentavel desastre que se produziu no sabado á noite causou em todos os companheiros na Camara, em toda a cidade de Lisboa e do norte ao sul do pais, um frisson de angustia e de terror, mas que felizmente se tem atenuado, tendo todos já as melhores esperanças de que esse desastre não terá as terribes consequências que poderiam supor-se. Essa forte e viva emoção que prepassou pelo pais inteiro, foi a manifestação mais evidente, a prova mais provada de que não ha ninguém que não considere e que não estime esse homem que, acima de todas as suas qualidades pessoais, acima de todas as suas qualidades politicas, é um grande portuguez,

(Muitos apoiados). E porque todos o sentem e porque todos reconhecem que o dr. Afonso Costa pelas suas grandes qualidades de jurista-consulto, e principalmente de estadista, que ele, pela grande força politica que representa, consubstancia hoje o regime em que vivemos e queremos viver, foi grande, foi intensa a commoção produzida por esse grande e terrivel desastre. Mas ainda bem que as noticias que, hora a hora, nos chegam são consoladoras e ainda bem que nós todos podemos ter a esperança de, em breve, o termos ao nosso lado e de o vermos colaborar mais uma vez, na vida politica da nação onde a sua falta seria, podemos dizê-lo, irreparavel.

(Muitos apoiados). Já o sr. presidente pôs em destaque os servicos de Afonso Costa e as suas qualidades notaveis, e ele, orador, só quer naquele momento, em nome da maioria parlamentar, associar-se nos votos e dizer que, se bastassem os nossos desejos, não haveria a menor duvida de que, dentro em pouco, Afonso Costa ali estivesse, porquanto precisamos e devemos tê-lo, porque o pais e a Republica precisa dele. (Muitos apoiados).

O sr. Simas Machado, em nome daquella lado da Camara, associou-se ao voto de pesar, proposto pela presidencia, para se consignar na acta da sessão um voto de sentimento pelo desastre succedido a um membro daquella casa. Podemos nós divergir a dentro de campo politico das opiniões, das ideias, dos principios e dos pareceres do Partido Republicano Portuguez, mas certo é, e ingontestavelmente, que naquele momento, tão doloroso para ele, nós, impressionados na sua grande magna, no seu gracante pesar, pelo desastre que sofreu o seu illustre chefe, o ex.º sr. dr.

Afonso Costa, o acompanhamos do coração, lamentando esse desastre, fazendo, ao mesmo tempo, veemente e sinceros votos para que, dentro em breve, s. ex.ª completamente restabelecido, volte a ocupar o seu lugar de deputado, para servir bem a Republica e para continuar prestigiando com as fulgurações do seu talento e da sua eloquencia a Camara dos Deputados. (Apoiados).

O sr. *Aresta Branco*: — Poucas palavras, porque elas não são precisas, nem para enaltecer as qualidades do chefe do Partido Republicano Português, nem para exprimir o nosso sentimento. Basta dizer que, em nome da União Republicana se associa, com sentimento, ao pesar que compunge a maioria, fazendo ardentes votos para que, e nisto se exprime tudo, no mais curto prazo possível, o sr. dr. Afonso Costa seja restituído, com saúde ao seio da familia, ao seio do Parlamento. (Apoiados).

O sr. *Costa Junior*, tambem em nome da minoria socialista, se associa ao voto de pesar proposto pelo sr. presidente, em virtude do desastre que sucedeu a um dos membros mais prestimosos do Partido Republicano Português, anelando que o sr. dr. Afonso Costa, que considera a figura mais eminente da Republica Portuguesa, retome depressa o seu lugar de deputado, a fim de, com a sua boa vontade, com o seu conhecimento e com as suas luzes, nos encaminhe nos debates politicos, para o bem da Patria e da Republica. (Muitos apoiados).

O sr. *ministro da justiça*: — Sente que a sua modesta palavra não possa revestir as scintillações e o brilho necessario para manifestar o seu profundo pesar e, em nome do governo, se associa a manifestação unanime que a Camara acaba de tributar ao dr. Afonso Costa. Todos sabem, e parece que nisto todos estarão de acordo, que o dr. Afonso Costa é uma fortissima individualidade. Por qualquer dos aspectos que o encaremos, a sua figura impõe-se como a de um grande homem. Como jurisculto, como politico, como patriota, é digno da nossa admiração. Como jurisculto é respetabilissimo no fóro; as suas alegações escritas, as suas alegações orais, a maneira como dirige as causas, são de um verdadeiro mestre. Nunca o tivemos tão notavel, tão inteligente, tão argucioso, tão subtil, tão dedicado as causas que defende. Como politico é o que está escrito na consciencia de todos. É distinto, de uma excepcional envergadura, de uma tenacidade que é qualidade, de uma condição, de

uma energia que todos, absolutamente todos, lhe reconhecem. Como patriota, o que poderá dizer? Que tem sacrificado tudo; um homem daquela capacidade que podia, no remanso do seu gabinete de advogado, acumular uma grande fortuna, como outros tem feito, tem preferido expor a sua vida, o futuro dos seus filhos e da sua familia, a causa da Patria (Prolongados apoiados). Acima de tudo ha uma causa que éle adora: é o seu pais, pelo qual tudo tem sacrificado, e figura-se-lhe que naquele momento todas as consciencias republicanas, todos aqueles que amam verdadeiramente a sua Patria, sem outra preocupação que não seja o interesse do seu pais, deviam prestar-lhe uma homenagem como a que acaba de ser feita naquela casa e que já se manifestou nas ruas, por uma maneira estrondosa, e que, a seu ver, foi a maior manifestação, mais simpatica e mais demonstrativa do apreço em que o povo tem aquele alto espirito (Apoiados). O governo associa-se, pois, a esse voto de sentimento, tanto mais que o dr. Afonso Costa consubstanciando a Republica Portuguesa, consubstancia, por si só, este regime que foi implantado á custa de tantos sacrificios e por que tanto se debatem, com uma coragem extraordinaria, com uma abnegação sem limite e com um desprendimento que todos devem elogiar. O governo associa-se a esse voto, com toda a sua alma e faz votos para que brevemente venha á Camara a noticia consoladora e animadora de que o seu estado já não inspira cuidados. Assim como estes ultimos dias tem sido de luto, aquelle em que vier á Camara essa noticia ha de ser um dia de alegria nacional. Esses são os votos do governo. (Muitos e continuados apoiados).

O sr. *Castro Meireles*: — O acontecimento lutozo que todos, nesta hora, lamentam, obriga-o tambem a tomar a palavra para se associar aos votos ardentes da Camara pelo pronto restabelecimento do sr. dr. Afonso Costa. Sendo um deputado catolico é, porventura, inimigo politico do dr. Afonso Costa, mas o que é certo é que reconhece em s. ex.ª grandes qualidades de combatividade, qualidades de energia e qualidades de talento e de abnegação invulgares. Alem disso no seu coração, como em todos os corações catolicos, não podem haver ressentimentos, antes pelo contrario, tem que haver compaixão, tem que haver piedade. Faz portanto, muito sinceramente, votos pelo rapido restabelecimento do illustre chefe do Partido Republicano Português (Apoiados).

No Senado igualmente todos os partidos prestaram homenagem ao illustre estadista, salientando o sr. dr. Pedro Martins que se não tratava dum praxe banal, mas dum verdadeira e sincera homenagem.

Toda a verdade

Aquella *Cazeta do Patio da Inquisição* diz, com respeito ás festas, o seguinte:

«Mas é bem que se registre que das 60.000 pessoas que assistiram á passagem do cortejo religioso, apenas foram vistas, quando muito, umas vinte que não se descobriram.

Isto só prova que a percentagem de livres pensadores é pequenissima.

Este facto deve pezar ao sr. João de Deus, que na Associação do Registo Civil, em Lisboa, tanto se preocupou com os receios de que pudesse vir a sêr alterada aqui a ordem publica com as procissões insistindo sempre pela prohibição deste acto, que se fez como raras vezes se tem feito, pela imponencia e pela ordem.

E' pena que o sr. João de Deus não viesse tambem assistir a este espectáculo que a população de Coimbra e os seus 40.000 forasteiros presenciaram no domingo.

Em abono da verdade temos a dizer:

1.º que os livres pensadores e ateus se não contam pelos que se conservaram de chapéu na cabeça, se atendermos a que a sua grande maioria é de opinião, e assim o resolvem, de que perante a intolerancia dos catolicos e para que a ordem não fosse alterada, se conservassem descobertos e fossem os proprios a fiscalisar e a manter a ordem; assim se resolveu nos seus respectivos nucleos e assim se procedeu, vendo-os muita gente a ajudar as autoridades na manutenção da ordem. Por consequencia isto não prova que a percentagem de livres pensadores seja pequenissima, mas que estes são muito mais tolerantes e inteligentes que a maioria dos catolicos, constituida por crentes, fanaticos e ignorantes.

2.º Este facto não deve pezar nada ao sr. João de Deus, cidadão ponderado e inteligente, porque se éle aduziu o recio da alteração da ordem — foi unica e exclusiva-

mente por saber de quanto é capaz a estupidez e intolerancia religiosas.

E este caso evidenciou-se no começo dum conflito que houve no domingo á entrada da ponte de Santa Clara, em que um palerma qualquer que ia no cortejo, vendo um cidadão de chapéu na cabeça, no uso pleno dum direitito, investiu com éle, o que, se não fosse a intervenção dos republicanos encarregados de fiscalisar a ordem, daria lugar a grandes desgraças pessoas e prejuizos materiais.

3.º Que sobre a imponencia do prestito religioso a afirmativa é destituida de todo o fundamento, e todas as pessoas honestas o podem comprovar, pois que as procissões de quinta feira e domingo foram muito menos concorridas do que nos ános antecedentes, havendo, todavia, grande concorrência de anjinhos com azas e sem azas, alguns já de desoito e vinte ános (estes de côto na mão acompanhados da sr.ª D. Carmo Roxanes, e em que nos ficaram os olhos...), o que se explica, pelo motivo de a procissão se não fazer ha cinco ános.

Com respeito á concorrência de forasteiros devemos dizer que foi muito grande a presenca o espectáculo, como a *Gazeta* diz, e se o sr. João de Deus não veio a Coimbra presenca-lo é porque em Lisboa tem muitos e variados teatros e cinematografos.

Para concluirmos é-nos grato registrar que a *Gazeta* presta homenagem ao partido democratico pela ordem e correção que houve, o que prova bem á evidencia que este partido é constituido por cidadãos ordeiros e respeitadores de todas as crenças, exaurtando assim aquêles monarquicos e catolicos — incluindo á *Gazeta* — que pouco antes — ainda não vai longe o dia — barafustavam e acusavam, com os epithetos mais indecorozos e degradantes, os cidadãos do partido republicano português.

La resa o ditado: não ha como o tempo para curar as meadas...

AO POVO REPUBLICANO

A absoluta falta de espaço obriga-nos a deixar para o proximo numero a continuação destes artigos. Desde já, porém, dizemos aos leitores que agucem o apetite, por que ha coisas sensacionais, o que podem prover pelos seguintes subtítulos: *O nosso director chamado á reitoria* — *Um inquerito* — *O Marques archeiro* — *O vice-reitor José Alberto dos Reis* — *O Fernando do Muzeu* (o Manso), etc.

Carlos atravessou em seguida a estrada, collocou a capa na margem e subiu ao jardim. Dali examinou o firmamento, e a luz do relampago vimos a sua magestade; parecia querer desafiar a alma do universo. Subiu ao caramanchão e tirou a bola; embrulhou-a no frak que despiu, e, segurando as mangas com os dentes, desceu.

— Até que enfim! Que ha de novo?

— Nada.

— Então, allons.

Passado meia hora entraram no quarto de Carlos, molhados, fatigados, mas satisfeitos. Tiraram as capas, atiraram para longe compridas mocas que os acompanhavam. Pareciam os heróis de um romance hespanhol.

— Carlos, vamos ver essa preciosidade que aí trazes, parece que pregada ao coração.

(Continua)

2 Folhetim d'A CORJA

C. M.

O CRANEO DA MINHA AMADA

Como te enganas criança! Já viste aquella bola com os olhos do espirito? não; já a viste á luz penetrante do fogo que carbonisa os corações? não; então para que falas? Que vale a velha luz do sol, que vale a luz momentanea do relampago, comparadas com a luz intensa de um amor imensamente fulgurante! Convence-te, Alfredo, naquela bola dorme o encefalo da minha amada. O genio das trevas, envolvido no manto do misterio, vem todas as noites prostrar-se diante dela a adorar o meu amor. Esta noite não veio porque temeu a tempestade. Então eu que dava

mil cabeças, se as tivesse, para apertar um só momento contra o peito aquele olimpico craneo, aproveitei a ocasião para o tirar. Daqui a uma hora serei o homem mais feliz do mundo.

Durante alguns minutos estabeleceu-se um silencio profundo. Cada um dos tres embuçados saboreava pensativo um *Miguel Augusto*.

Subitamente rebentou um trovão fortissimo; os tres embuçados levantaram-se como que impellidos pela mola que sujeita o universo. Doze badaladas tremulas de susto soaram logo na torre da Universidade. Então Carlos levantou a cabeça, e com uma voz baixa e solemne disse:

— Amigos, este trovão magestoso, casado com a timida meia-noite, foi um aviso da natureza de que devo dar já começo á empresa. Oxalá não haja precipitação. Vêdes aqellá nm vulto deitado? é o cerbera da minha amada. Ali entre o leite e a bola é o seu posto noturno; ao mais leve barulho ladra.

Ela levantou-se então, e para acordar a visinhança corre nervosa, semi-nua, a tocar no piano as *Rocas de Cristal*.

De manhã, quando aquella janelinha aparece a minha *stella matutina* com os cabelos em desalinho a occultarem-lhe a garganta de jaspe; com as mãosinhas a esconderem ainda os voluptuosos ninhos do amor; com os olhos languidos, tristes pela impressão pura do ultimo beijo do palido Morfeu; com as negras franjas das palpebras cheias de florinhas amarelas, criadas nos jardins daquelle predilecto amante; com as faces palidas como os lirios e avelludadas e perfumadas ainda pelo pó de arroz que na vespera serviu para o ensaio dum *soirée*; o fiel e audaz guardador levanta-se tremulo, e aproxima-se como Romeu se aproximava da varanda de Julieta, parecendo dizer-lhe, num olhar dum a idealidade sensual: «ninguem, e desgraçado daquelle que te tocar... sem tua ordem. Tende pois a maxima cautela.

CIRCULAR

FRAGMENTO

Deus & Filho. Bazar da fé. Venda forçada.
 Pela barca de Pedro, a Judas consignada,
 Chegou um rico sortido em modas da estação.
 Vê para crêr! Surpreza! Atenção, ocasião
 Única! Aproveitai, comprai! Pechincha certa!
 Ao bazar do calvario! Ao Nazareno! Alerta,
 Cristãos! E' o desfazer da feira. Ultimo dia!
 Toda a casta de objeto ou de quinquilharia
 Que esteja em relação com negocios de igreja.
 Velas especiaes para quando troveja,
 Aplacando de pronto a colera divina.
 Sem cheiro e sem mistura alguma de steaína.
 Santa Barbara, a quem a fé cristã se roja,
 Quando atroa, não gasta as velas d'outra loja,
 Nem outras recomenda o concilio de Trento.
 Em pacotes de seis. Por junto abatimento.

Agua de Lourdes, fresca. Em pipas, ao quartilho
 E em garrafa. Exigir a marca—Deus & Filho—
 Na etiqueta, e na rôlha, a fogo—Providencia
 Genuina só a ha a venda nesta agência.
 Dez anos de successo e mil milhões de curas!
 Eficaz contra a caspa e contra as mordeduras
 De cobra cascavel ou cão danado ou pulga
 Ou precevejo. Faz, Tartufo assim o julga,
 Nascer ao mesmo tempo o apetite e o cabelo.
 Boa no hemorroidal e útil no serampelo,
 Reumatismos, terças e outras molestias varias
 Cura-as n'um pronto. Expulsa as bixas solitarias

E expulsa o Demo. Purga os ventres desentupidos.
 Sem colicas, com tres ou quatro semicupios.
 Em cegos de nascença e tísicos de peito
 Isso então é instantaneo, é certo o seu efeito.
 Uma perna amputada unta-se, e em dois instantes
 Torna a crescer e fica inda maior que d'antes.

Em leicções não falha. Em dôr de dentes, isso
 E' bebel-a e ficar sem dôr. Não ha feitiço
 Que resista. Uma vez uma morta tomou-a,
 Espirrou e ficou inteiramente boa!
 Prevenimos no entanto o publico defuncto.
 Que casos d'estes ha uns trinta e dois por junto
 Apenas. Endireita a espinhela caída,
 Extrae calos, reduz fleimões, prolonga a vida.
 Marca a roupa, e sem dano algum e sem fedor
 Torna o cabelo e a barba á primitiva cor.

Reliquias. Sortimento a capricho. Em ossadas
 Dos apóstolos, hoje as mais acreditadas
 No mercado, chegou variedade infinita.
 Cabeças de S. João, só vendo se acredita,
 Onze mil onze mil, e damo-las sem ganho!
 Os pregos é segundo o feitiço e o tamanho.
 E convem declarar e advertir desde já
 (Que ossos de imitação não se encontram por cá,
 Atestados legaes e autenticos o provam.)
 Ha um monumental e rico S. Cristóvão,
 Oito metros de largo e uns oitenta de altura,
 Que, como não tem tido até hoje procura,
 Decidimos vender para liquidação.

POETISA

(A' memoria de D. C. M.)

Onde escondeste a Lira? Dormirás agora?
 Porque não vibras já as cordas lacrimantes
 D'essa alma sonhadora?!...
 Sói d'esse tremedal! desperta do letargo
 Em que dormes ha muito!... Os meus braços amantes
 Aguardam com saudade o regresso ditoso
 Do seu anjo perdido!...
 Esse antro cavernoso
 Em que dormes, é pleito frio do Esquecido!...
 Porque escolheste agora o negro esconderijo
 Que serve de triclínio ao carrasco da Vida?
 Recordas-te, sequer, d'um amante feliz
 A quem roubaste a alma e que muito te quiz?
 Oh! não!... Tudo esquecê-te, flor estremecida!
 Emquanto me sorrias,
 Eu via toda a terra coberta de flores!
 Mas tu partiste, e então, entregue a cruas dôres,
 Senti fugir tambem esses alegres dias!
 Chorei por muito tempo, aqui, as minhas maguas!
 Reguei piedosamente, além, as duras fraguas!
 Passei noites inteiras
 A beijar as roseiras
 A quem tu descobriste o nosso casto amor!...
 E, coitadinhas... hoje, nem uma só flor
 Vejo em seus ramos tristes, amarelcidos!
 Pedi por ti ao Céu, no cume d'aquel monte,
 Escuro, solitario!
 E, um dia, os meus pedidos,

A retalho. E' de graça: o kilo a meio tostão.
 O publico achará sempre neste bazar
 De qualquer santo, ainda o mais particular,
 Um esqueleto ou dois continuamente á venda.
 Desejando porção, fazem-se de encomenda.
 Desconto extraordinario em transações por grosso.
 Garante-se o fabrico e a solidez do osso
 Que empregamos. A todo o esqueleto montado
 N'esta casa vae junto, e em forma um atestado
 Escrito sobre a pel' e pela própria mão
 Do proprio santo, a quem a carcassa em questão
 Pertencera, e que diz:— Eu juro á fé de Deus
 Que estes ossos, tal qual estão, eram os meus.—
 Aviso: é bom comprar peças sobreceletes:
 Pelo menos um sacro, um nariz e alguns dentes.

Encontram-se tambem avulso qualquer delas:
 Coxixs, peroneus, omoplatas, costelas,
 Tibias, tarsos, enfim tudo o que uma alma pia
 Pôssa achar no manual cristão de osteologia.
 Em dedos do Destino ha um soberbo exemplar
 E' o mesmo que escreveu outr'ora a Balthasar
 No salão do festim a tragica sentença.
 Da-se por dez tostões essa caneta imensa.
 Do Destino ha tambem o olho verdadeiro,
 Em vidro ou em cristal, por duzia ou por milheiro,
 Negros, verdes, azues, obra muito barata,
 Engastados em ouro, em níquel ou em lata.
 E' hoje a grande moda, e são dum belo efeito
 Para botões de punho e alfinete de peito.
 Ha, enfim mais de dez milhões de toneladas,
 De craneos sem valor, e de antigas ossadas
 Que o caruncho roei e converteu em cisco,
 Como são vinte mil braços de S. Francisco.
 Et cet'ra... Esse calcareo (inutil nesta casa),
 Vende-se para esterco a tres vintens a raza.

Vera-cruz. Qualidade esplendida, extra fina!
 Autentica; a melhor que vem da Palestina.
 Em pó, em serradura, em lascas, aos bocados,
 E posta em obra—desde a cama de casados,
 Desde o piano d'Erard ou da credencia até
 Ao baculo do bispo e ao steek do crevé.
 Trabalhada á primor e em mil objectos varios:
 Em facas de cortar papel ou em rosarios,
 Em imagens do papa ou em boquilhas, em
 Cabides, castiças, prezepes de Bethlem,
 Bandejas para chá, aguns-Dei, cruxifixos,
 Lavatorios, etc. Ao rabais. Preços fixos.
 Nos nossos armazens com serras a vapor
 Vende-se a igualmente, a cruz do redentor,
 Em ripas, em pranchões e em traves colossaes
 Para marcenaria e construções navaes.

Como hoje o negocio está muito bicudo,
 Trespassa-se o armazem do Calvario com tudo
 Que tem dentro. Escrever para o nosso bazar

Guerra Junqueiro

Indo falar a Deus, caiam no Horizonte

Em negro veu mortuario!...
 Rezei na sua campá fervorosas preces
 De prantos orvalhados!...
 Mostrei-te o coração, para que dentro lêssees
 A frase que escoreveste: «O nosso amor é eterno»
 Mal disse a minha sorte,
 O meu fêlico averno!
 Chorei, gritando, a morte...
 Mas ela, a impiedosa, em risada sarcastica,
 Logo desappareu ceu como sombra fantastica
 Ofereci meu pranto á branca Estrela d'Alva.
 E ela sorrindo, afim, por sob a argentea salva,
 Mandou-me em troca um beijo, um beijo tumulento,
 Para adoçar o fel do meu longo tormento!
 Solicitei o termo da minha rotina
 A' Lua, n'uma noite clara, diamantina;
 E ela, a triste Selene, como lampadario,
 Alumiu-me aqui a porta d'um sacratio!
 E sobre a lousa triste que vela o teu sono,
 Que eu venho carpir em tragico abandono,
 A dôr pungente e amarga de eternas saudades!
 E sobre a pedra inerte, a pedra sepulcral
 Que ensombra a tua face branca, virginal,
 Que eu venho hoje orvalhar, sem fé, sem esperança,
 Com lagrimas ardentes, a tua lembrança!...
 E sobre o negro ceu do teu leito gelado
 Que eu venho perguntar-te, louco, desvairado:

Onde escondeste a Lira? Dormirás agora?
 Porque não vibras já as cordas lacrimantes
 D'essa alma sonhadora?!...

Coimbra, 8-4-915

BATISTA RAMA

CAUTERIO

O Livro dos Juizes começa a narrativa por estas palavras: «Depois da morte de Josué...» Não obstante, no cap. II, dá-nos conta duma assembleia geral presidida por esse mesmo Josué já falecido!

No capítulo XIII dos Actos dos Apostolos, dando-se conta de uma missão de S. Paulo em Antiochia de Pisidia, põem-se na boca do apóstolo estas palavras: «Depois que Deus entregou a nossos paes o paiz de Canaan deu-lhes juizes por 450 anos; e depois de Samuel deu-lhes Saul por 40 anos. Total 490 anos.»

Se formos porém consultar o livro dos Reis, veremos que ali se diz ser apenas de 480 anos o espaço decorrido desde a saída do Egipto, muito antes da conquista de Canaan até á fundação do Templo por Salomão, muito depois de Saul.

Parece que, desde a redacção dos Reis até á redacção dos Actos deixou o Espirito Santo esquecer as suas ligeiras noções de cronologia!

Quando nos dá conta da sagração de Saul para fundador da primeira dinastia heloraica, diz-nos Samuel que Deus escolheu Saul para sempre. Passados tempos, usurpa Saul as funções sacerdotais, fazendo por sua mão um sacrificio propiciatorio, no piedoso intuito de chamar em seu auxilio o Deus dos exercitos. Samuel, então, irritado e esquecido (oh! armadilhas do Espirito Santo!) de que Deus o elegera para sempre, vem anunciar-lhe da parte de Deus, que este procurara para rei o outro homem, segundo o seu coração, e o estabelecera chefe sobre o seu povo!... Esse novo eleito foi David. Quando este, já conhecedor das complacencias do Altissimo a seu respeito, e a fim de ir conquistando a popularidade, que lhe facultasse a usurpação do trono, se apresentou a querer combater em combate singular contra o gigantesco Goliath, mostra Saul muitos desejos de vê-lo e leva-lo David a sua presença, enche-o o rei de perguntas acerca da sua procedencia, filiação, naturalidade, idade, occupação, etc.

Nada mais natural, não é verdade? O diabo é que, já antes desse episodio, a Biblia nos apresentou David tocando harpa, afim de afugentarem maus espiritos que, de quando em vez, se apossavam do rei Saul...

Para combater as amalecitas, diz o texto hebreu que Saul organizou um exercito de 10.000 homens de Judá e 200.000 peões (das outras tribus?). O texto grego dá-nos 100.000 homens a um lado e 30.000 a outro. Por sua parte o texto alexandrino (unico compativel com a importancia da nação judaica) põe 10.000 homens a cada banda. Qual dos tres textos conserva mais o cunho da autentica revelação divina?

Pelo quarto livro dos Reis, cap. XIV, V 23, Jeroboão II sobe ao trono de Israel no decimo quinto ano do reinado de Amasias, rei de Judá. Pois no versiculo 17 tinha-se acabado de afirmar que no ano decimo quinto do reinado deste mesmo Jeroboão terminava Amasias um reinado de vinte e nove anos! Talvez, segundo o Espirito Santo 15 mais 15 sejam 29.

Osias, filho de Amasias, sobe ao trono quando Jeroboão II já já no decimo sexto ano do reinado; pois, no V 1 do cap. XV, diz-se que foi no ano 27 desse reinado! Alguns cronologistas, catolicos e protestantes, quizeram acudir á contradicção resultante do confronto dos dois textos, aventando um interregno, que teria retardado a coacção de Osias. Mas o que se lê

no capitulo XIV, V. 21, é terminante.

«Tendo morrido Amasias, o povo pegou em Osias, cognominado Asarias, seu filho, da idade de 16 anos, e aclamou-o rei.»

Em vista disto, foram as responsabilidades da contradição lançadas sobre o copista que terá escrito 27 em vez de 15. Mas, tendo Jeroboão II reinado 41 anos, 15 dos quais, no tempo de Amasias, restam-lhe 26 para o reinado de Osias, devendo Zacaria filho de Jeroboão subir ao trono no ano 27 de Osias.

Entretanto, no quarto livro dos Reis, cap. XV, V. 8, o texto fala-nos em 38 anos em vez de esses 27!...

Nunca se viu trapalhada assim arranjada pelo Espirito Santo! Chega a parecer a trapalhada dos patetas da Travessa!...

Encontram-se também em

Cantina Escolar Dr. Bernardino Machado

Realison-se no dia 20 do mês passado a eleição para os corpos gerentes desta instituição de beneficencia, dando o escrutinio o seguinte resultado:

Assembleia geral: Presidente, José Ernesto Marques Donato; vice-presidente, Cesar Caldeira; 1.º secretario, Antonio Indio; 2.º secretario, Antonio Viana; 1.º vice-secretario, Eugenio Antunes Ramos; 2.º vice-secretario, Antonio Maria Correia

Conselho de administração: Presidente, Adriano do Nascimento; vice-presidente, Joaquim dos Santos; 1.º secretario, Mario Simões Pereira de Brito; 2.º secretario, João Ramos; tesoureiro, Antonio Henriques; vogais: Luiz Augusto da Fonseca, Alberto Ferreira de Moraes, Sergio Domingos e Alfredo da Costa Pinto.

Conselho fiscal: Dr. Hermano José Ferreira de Carvalho, dr. Francisco Ribeiro Nobre e Adriano Monteiro Marques da Silva, effectivos; Manuel Bernardes Ferreira, Francisco Maria Rego e Eliseu da Silva, suplentes

Na sua primeira sessão o Conselho administrativo resolveu cumprir o sr. Governador Civil, as Juntas de Paroquia desta cidade e todas as colectividades que têm auxiliado a Cantina; organizar as colonias maritimas de creanças á Figueira da Foz; alterar o regulamento do refeitório e organizar grupos dramaticos infantis, suprimindo os espectáculos de adultos no teatro da Cantina, de outubro proximo em diante.

Peixoto d'Alarcão

Este nosso presado amigo interrompe hoje a sua colaboração n' A Corja, devido aos seus estudos que não lhe permitem dedicar-se convenientemente ao jornalismo. Os exames já principiarão e as colicas a todos apouquentam.

Será substituído no seu impedimento pelo nosso colega de redacção Fernandes Martins, que até outubro dirigirá A Corja.

PELA IMPRENSA

O Debate

Este nosso colega local acaba de instalar a sua redacção na rua Visconde da Luz, ficando admiravelmente montada.

Sabemos que O Debate aumenta dia a dia as suas prosperidades com o que muito folgamos, pois que é um colega que defende brilhantemente o partido republicano português.

Gazeta de Coimbra

Entrou no seu 5.º anniversario este nosso colega, que tem como director o sr. João Ribeiro Arrobas.

Embora não concordemos, por vezes, com a Gazeta, não podemos deixar de reconhecer que ela representa o esforço incansavel do seu director e proprietario, que encontra na nossa redacção verdadeiros admiradores das suas facultades de trabalho. Igualmente reconhecemos que ela defende com desvelado interesse a cidade de Coimbra, que todos nós queremos progressiva e dignificada.

Ao colega desejamos a continuacão duma vida prospera.

A Brioza

Tambem o nosso colega A Brioza entrou no seu 6.º anniversario.

E' o jornal academico mais antigo do pais e é caso para admirar a sua tão longa existencia porque, em geral, os jornais de estudantes duram tanto como as rosas de Malherbe.

Ao seu director e nosso presado amigo enviamos felicitações.

Jornal de Coimbra

Igualmente completou cinco annos de existencia o nosso colega A Brioza, bi-semanario republicano, pelo que o felicitamos, desejando-lhe muitas prosperidades.

ESCOLA-OFICINA

Encontra-se exposta na vitrine do sr. Manuel Teixeira a artistica guitarra que o nosso amigo sr. Armando Neves ofereceu a esta instituição, afim de ser rifada em seu beneficio.

Os bilhetes já se encontram á venda nos seguintes locais, Armazens do Chiado, rua Ferreira Borges e Elegancia de Coimbra, Manuel Teixeira, na rua Candido dos Reis.

O preço de cada bilhete é de dez centavos (100 reis).

Continuamos a enviar A CORJA a todas as pessoas que julgamos em condições de assinar. Caso não queiram presntar-nos a sua cooperacão, pedimos a fineza de a devolverem imediatamente.

A' ultima hora

Republicanos, alerta!

Republicanos, a postos!

Republicanos, armai-vos!

Sabemos, por informações absolutamente fidedignas, que os monarchicos e reaccionarios, concluidos com alguns falsos republicanos, preparam uma contra-revolução, e que se dispunham aproveitar-se da occasião do desastre acontecido ao dr. Afonso Costa para tentarem o assalto.

O governo, porém, encontra-se alerta. No entanto é absolutamente necessario que os verdadeiros republicanos, e especialmente os nucleos revolucionarios organizados para o 14 de maio, se conservem preparados para o combate, prontos a primeira voz.

As melhoras do sr. dr. Afonso Costa proseguem, se bem que o seu estado ainda inspire serios cuidados. A temperatura elevou-se um pouco a seguir ás primeiras melhoras, para tornar a baixar, sendo á hora em que escrevemos de 38,2.

Os medicos são de opinião que o illustre enfermo resistirá ao grave desastre de que foi vitima.

Por decreto de 19 do mês passado ficou constituído da seguinte forma o novo ministerio:

Presidencia, Guerra e interinamente na Marinha—JOSÉ DE CASTRO

Interior—JOSE AUGUSTO FERREIRA DA SILVA.

Justiça—JOÃO CATHO DE MENEZES.

Finanças—VITORINO MAXIMO DE CARVALHO GUMARÃES.

Estrangeiros—AUGUSTO LUIZ VIEIRA SOARES.

Fomento—MANOEL JOAQUIM RODRIGUES MONTEIRO.

Colonias—JOSE MENDES RIBEIRO NORTON DE MATOS.

Instrução—JOAO LOPES DA SILVA MARTINS JUNIOR.

Todos são velhos e dedicados republicanos e patriotas. Nesta hora grave da politica portuguesa muito ha a esperar do seu comprovado talento e do seu amor á Patria e á Republica.



Revista do Corja

OS POETAS E DEUS



CORJA

Semanario republicano anti-clerical democratico

Director e editor FERNANDES MARTINS

ADMINISTRADOR
M. Simões

Redacção, e administração, R. Ferrer 7, 2.º
Composto e impresso na Tipografia Literaria,
R. Cândido dos Reis, 17—Coimbra.

SECRETARIO

J. L. Frazão

Liberdade, Justiça, Verdade e Progresso

AO POVO REPUBLICANO

A defeza da Republica — A lei dos funcionarios publicos — Os perturbadores — O nosso director na reitoria e o vice-reitor José Alberto dos Reis — O Marques, archeiro e o "Fernando do Museu,"

Poucos dias depois de no Parlamento o deputado Pestana Junior ter denunciado as manobras dos monarchicos e dos republicanos monarchicados, para a tentativa duma contrarrevolução, os evolucionistas e camachistas votaram na Camara dos Deputados contra o parecer do illustre parlamentar e distinto jurisconsulto Barbosa de Magalhães para a applicação da lei que afasta das repartições os empregados publicos monarchicos. Nada nos admira da attitude do sr. Antonio Jose d'Almeida e dos seus correligionarios; estão dentro da logica de aeroplano desde que o seu chefe entrou no gabinete do Governo Provisorio, empreendendo uma viagem pelas regiões etéreas, até hoje não conseguiu uma definitiva *atterrissage*, andando aos tombos com o balão e não se sabendo já se este é dirigivel, se tem ou não algum governo ou se é um aerostato como os do Ferramenta. Oxalá que lhe não aconteça o que aconteceu a este arrojado aeronauta. Oxalá! Portugal está a precisar neste momento de cidadãos aptos para a aviação, e o que nos admira, é que depois das resoluções do sr. presidente do Ministerio, estabelecendo uma escola de aviadores, ainda lá não esteja o grande Demostenes e aeronauta eximio.

O que é facto, porem, é que muitos se deixam ir no balão do sr. Antonio Zé para gaudio deste alegre povo sempre a espera de divertimentos sensacionais. Mas, emfim, nós passaríamos a vida a rir-nos das evoluções do illustre caudilho, se, a par d'ele, pretendendo pescar nas aguas turvas, não andasse uma caterva de desordeiros, alguns que se apropriaram do titulo de republicanos para mais facilmente vibrarem o golpe, perturbadores irreprimiveis, verdadeiros *apaches* e *fadistas*, que não podendo com uma gata pelo rabo só pensam, a toda a hora, perturbar o socêgo do país a vêr se no meio da confusão os verdadeiros republicanos se deixam ir na *fitá*. Puro engano! Os verdadeiros republicanos, e não só estes, mas os verdadeiros patriotas, os que querem o socêgo e o bem de Portugal, encontram-se alerta para estrangular ao primeiro salto, essa bicha desordeira e comica de sete cabeças que se está formando nos cerebros patológicos dalguns bandidos a soldo de conhecidos e ambiciosos *tubardes*.

Entretanto o que nos causa alguma estranhese — não muita — é a attitude dos camachos contra o parecer. O ministro camachista assinou o decreto de lei contra os fun-

cionarios publicos, precisamente um diploma que dava certa liberdade ao governo na sua applicação, e se não fossem os escrupulos do sr. presidente do ministerio trazendo o assunto ao congresso para ser devidamente interpretado, naturalmente não appareceria esta reviravolta camachista. A estas attitudes costumava o *Mundo* chamar politica de capoeira do sr. José Barbosa.

Agora não sabemos como as classificará. Aquele entendimento do Conselho Superior da Administração Financeira do Estado... Emfim, a maioria parlamentar nobremente aprouvou o parecer do sr. Barbosa de Magalhães e o que é absolutamente indispensavel, é que a lei comece a ser applicada com toda a justiça.

O Marques, archeiro, dirigiu-se ao vice-reitor Dr. José Alberto dos Reis a solicitar-lhe um inquerito aos seus actos. Percebem os leitores... um inquerito presidido pelo sr. dr. José Alberto dos Reis, que aqui temos accusado, devia dar uma coisa muito imparcial. Estão a ver

O nosso director foi chamado á reitoria e com a hombridade que é apanágio de todos os cidadãos dignos, immediatamente assumiu a responsabilidade de facto dos artigos escritos. O sr. vice-reitor então mostrou-lhe um requerimento, junto ao qual se encontrava um exemplar de *A Corja* que tinha sublinhadas quaisquer palavras e sobre que, naturalmente, inside a necessidade do inquerito. O requerente exige provas e a convite do sr. vice-reitor, como

não era o autor dos artigos, o sr. Alarcão dirigiu-se a um dos redactores encarregados desta secção que assumiu toda a responsabilidade e encarregou de dizer ao sr. dr. José Alberto dos Reis:

- 1.º que não concordava com um inquerito feito por S. Ex.ª e que por consequencia que só perante syndicantes que considerasse imparciaes apresentaria todas as provas.
- 2.º Que este assunto não devia ser tratado pessoalmente e que por escrito S. Ex.ª se deveria dirigir á nossa redacção.
- 3.º Que muito estavamos ainda para escrever sobre os empregados da Universidade, devendo, por este motivo, o inquerito ser feito a todos os acusados.
- 4.º Que se não se conformasse com este nosso modo de pensar, recorrêsse a todos os meios que as leis lhe facultam.

Continuemos a historia do "Fernando do Museu" interrompida no nosso ultimo numero. Como dissemos o homem, apesar de analfabeto, conseguiu ficar interino no lugar de guarda do gabinete de fisica continuando assim a fazer as *giradelas dos alimentos dos aparelhos*, como elle diz. Não desistia, porem, de teimar, com toda a vontade, a vêr se aprendia a ler. Debalde. O seu bestunto não foi capaz de se instruir, apesar de durante seis meses um professor, rapaz nosso amigo, lhe tr dar, todos os dias, algumas lições.

Estas eram ministradas no gabinete, na propria casa da aula e sobre a meza do professor. Por fim o mestre desistiu.

Ha um caso tipico que demonstra muito claramente a intelligencia do *sôr* Fernando: mais de mil vezes o professor lhe ensinou a pronunciar a palavra *arvore*, e outras tantas vezes elle repetiu: *arbole*. E era ouvi-lo na sua casmurrice: ar... bo... le. E o professor, pacientemente a ensina-lo, e elle sempre: ar... bo... le... ar... bo... le. E parece-nos que ainda hoje o homem pronuncia assim esta palavra. Mas vamos adiante: Em 1910 constou-nos que o reitor estava resolvido a conseguir do director da faculdade de filosofia, que era tambem director do gabinete de fisica, a abertura de concurso para o lugar em questào, pois que diversas pessoas o desejavam e entre ellas alguns bachareis. Julgamos chegado o momento do Fernando ficar de fóra e ser relegado unicamente ao seu lugar de servente e porteiro do edificio. Enganamo-nos. O Dr. Viegas, não sabemos porquê, naturalmente por os pretendentes serem muitos, embirrou e opoz-se á abertura dos concursos. O reitor, que era o dr. Arriaga, que tinha muito respeito pelo sabio lente, não mais tornou a falar no assunto e as coisas ficaram como estavam. Passaram os tempos e o Fernando aparece-nos este año nomeado guarda efectivo do gabinete de fisica! Note-se que o dr. Santos Viegas, emquanto foi vivo, não permitiu esta nomeação. Foi preciso que elle morresse e no gabinete de fisica ficasse á vontade o dr. Teixeira Bastos, e para a reitoria fosse o sr. dr. Guilherme Moreira, para que se fizesse tão escandalosa nomeação, nomeação tanto mais injusta, quanto é certo que ela recaiu num homem analfabeto!

Estamos convencidos que

3 Folhetim d'A CORJA

C. M.

O CRANEO DA MINHA AMADA

CONCLUSÃO

— Esperai um momento. Não sei o que sinto. Alfredo, acende o candieiro, que eu não posso. Tenho um presentimento, que, se envolve a realidade, morro. Não me atrevo a descobrir esta bóla; uma voz misteriosa diz-me que não tem nada.

«O que é a vida! ainda ha pouco, com esta bóla junta ao peito, julguei-me no cumulo da felicidade e agora bastou um leve presentimento para me arrastar ao mais fundo do abismo da desgraça.

«Eugenia! Eugenia! que mal te fiz eu para me matares sem dó, sem piedade!! É a tua mãosinha de marfim que dirige os punhais que constantemente me ferem o coração. Porque não pegas na tua comoda, no teu leito virginal, e fo-

o sr. dr! Guilherme Moreira não foi devidamente informado das aptidões deste cidadão e muito menos o sr. Ministro da Instrução. Repetimos:

—Desafiamos toda a gente a provar-nos o contrario do que aqui afirmamos.

Convide o sr. Reitor da Universidade o funcionario acusado a que por seu proprio punho e oficialmente se defenda; convide-o S. Ex.^a a que requeira um inquerito.

Se elle fór capaz de redigir um officio, atendendo a todos os requisitos legais, nós damos licença a que nos cortem o pescoço. Isto vai mesmo assim em linguagem de carneiro, mas é categorico, autentico, veridico.

Se o sr. dr. Teixeira Bastos não informou o seu reitor, delinuiu; se este foi informado e sabia das habilitações literarias do funcionario de que propoz a nomeação ao ministerio, igualmente delinuiu.

Porque não é provavel que o sr. dr. Sousa Junior, que foi o ministro que refrendou o decreto, cometesse conscientemente semelhante monstruosidade.

E' contra todos estes abusos que nós protestamos; é contra os que nas proprias repartições do Estado fazem propaganda monarchica que nós levantamos a nossa humilde voz, que se não tiver a faculdade de se fazer ouvir *pelos que não querem ouvir*, tem no entanto a faculdade de se fazer ouvir pelos republicanos humildes, os anonicos, que em lances dificeis para as instituições têm posto e continuam a pôr o *coirão* a todos os riscos.

No penultimo numero referimo-nos aqui a um caso sucedido por um tal Manso que a monarchia dos adeptamentos ali anichou na secretaria da

Univeridade. O caso passou-se com o nosso correligionario Adelino Pinto, leal republicano e destemido, o mesmo que por occasião das manifestações provocantes dos conspiradores monarchicos em Coimbra, foi acusado de rachar a cabeça ao dr. Mario de Aguiar. Como todos sabem este nosse amigo esteve preso alguns dias na primeira esquadra policial, ás ordens desse abominavel commissario Costa Cabral e a parte que depois vimos redigida no commissariado estava devidamente carregada e pronta a seguir para o tribunal afim de o juiz o castigar com todos os rigores da lei. A revolução de 14 de maio, porém, veio encontrá-lo nessa situação e elle foi imediatamente restituído á liberdade e ao exercicio das suas funções. Desde essa data que naquele covil de monarchicos se não tornou a olhar direito para Adelino Pinto, republicano que acima do lugar, acima dos seus interesses e até acima da sua vida põe a defesa da Republica. E é devido a isso que o Manso, que é um conhecido monarchico, collocado na Universidade por monarchicos, se peruitiu ha dias desfeitea-lo dentro da propria repartição. O Adelino que está ao serviço do reitor dirigiu-se naturalmente a uma secretaria, que calhou ser a do Manso, buscar um mata-borrão para se servir com elle, quando o Manso, bravo como um leão, lh'o arrancou das mãos e lhe bradou: — Deixe estar o que está! E saia daqui, porque não é digno de aqui entrar, nem cá tem nada que fazer!

O Adelino imediatamente se dirigiu ao chefe da Secretaria a queixar-se do sucedido e depois, na rua, fóra do serviço, dispunha-se a dar o correctivo ao insolente, se não houvesse

alguem que ao surpreendê-lo

natureza? Vós que compreendeis os efeitos do gigante misterioso, o que sentis então? curvais admirados. E quando os raios se cruzam no espaço e o ribombar do trovão se perde de montanha em montanha, quando essa mãe cruel antes do tempo devora insaciavel os seus filhos, não cesseis de admirá-la, porque, dados uns certos principios as consequencias são fatais, e muitas vezes chega-se a esses principios por escadas luminosas.

«Não vos parece que estou mais socegado? Provavelmente julgais que o meu espirito dorme; está concentrado como muitas vezes a natureza. Depois de dada a erupção, se virdes todos os meus amigos curvados ao peso dos grandes affectos, não me condeneis, tende ao menos compaixão. Então já o meu espirito terá entrado nos limites da fatalidade; e quereis saber o que o ha de lá levar? ha de ser um affecto sublime a que o sentimento costuma tecer coroas de louros. E' um abismo onde muitos caem, é um abismo que atrai.

—Anda daí, não descubras a bóla, temos muito tempo. Vamos a casa da Eulalia, que te espera desde á meia noite.

OS POETAS E DEUS

Os Deuses ou o Deus são mascaradas do temor, da esperanza, do furor, da ternura, do odio e do amor que o homem pretende descobrir na natureza. No dia em que o seu espirito vema perceber que a natureza não é dotada de paixão alguma, tornam-se inuteis os Deuses ou o Deus.

O homem occidental procura hoje passar sem eles. Ha muito tempo que se não dá tão importante evolução do seu pensamento. A principio, rompeu-se por isso o equilibrio das consciencias, mas pouco a pouco foi a antiga ordem substituida por outra nova e conheço alguns espiritos que já acharam a nova paz. Vivem serenos e alguns deles morreram, sem angustia, simplesmente.

A separação das Igrejas e do Estado em França, os debates sobre o ensino na Inglaterra, as manifestações na Italia e na Espanha contam-se entre os menores dos fenomenos que anunciam que por vez a multidão deseja emancipar-se. Decerto ha de passar por muitas etapas antes de chegar ao ponto onde pararam tais pensadores. Acções e reacções, fluxo, e refluxo, só o resultado importa.

Para as multidões, a medida da verdade é a necessidade. Se o homem abandona hoje o seu Deus ou os seus Deuses, só por esse facto prova que já lhe não são necessários. Pode viver sem eles. A humanidade repele assim, no decorrer dos tempos, tudo o que a embarça, depois de a ter servido. E' ingrata e feroz, e no entanto admiravel.

Sorte dos Deuses foi o serem auxiliares dela. Deixaram de o ser. O seu culto é dispendioso: a prece é uma perda de tempo.

Os poetas, todavia, venerarão sempre os Deuses e lamentarão ainda por muito tempo que já não seja possivel obedecer-lhes.

(Resposta ao inquerito do Mercure de France, 1908)

EMILIO VERHAEREN
(grande poeta belga).

Isto foi em 1908. Depois desta data quanto se não tem andado! Até nós com a nossa Republica e a nossa lei da Separação.

E ha de se continuar...

nessa disposição o não dissuadiu de tal tentativa.

Vá, requere-se uma medalha para o Manso, já que não ha quem tome providencias.

— Hoje não vou, quero ver a bóla. Que importa que não tenha nada! não estou já acostumado a sofrer?! Venham as ultimas fezes desse calix amargo que traguei nos jardins das minhas esperanças.

De repente descobriu-a. Aproximou-a da luz, é á proporção que mais a examinava, um tremor cada vez mais convulsivo se apoderava dos seus orgãos, uma palidez, que cada vez se aproximava mais da morte, investia-lhe o rosto. Depois dum exame de seis segundos, quasi caiu no chão; e dos labios espumantes de involta com um suspiro profundo e aterrador, saíram as duas sílabas — nada! —

— Agna! bradou Alfredo.

Imediatamente deitaram-lhe tres jarros d'agua para cima da cabeça; levantou-se então, ficou direito como um fuso, e soltou estas palavras terriveis, que fizeram bater as vidraças uma na outra:

— Nada... Oh!... desgraçado, quem foste tu amar!!... uma mulher, cuja massa cerebral foi talvez comida por algum morcego! Nada!... Oh!... fatalidade! Já te encontrei ôco, ó craneo da minha amada!

Homens & Factos

O sr. Alpoim

Nas suas *Notas dum catarrá*, Julterta escreve com toda a propriedade os seguintes periodos:

... O rei Afonso XIII, por quem confesso uma enorme simpatia e admiração, especialmente depois que o vi no enterro de Canalejas — é, verdadeiramente um homem! — professa ideias modernas e liberais, possui um notavel bom senso...

Bem se vê que o sr. José d'Alpoim é, ainda hoje, o que nunca deixara de ser... Desgostoso porque os republicanos o estão desmascarando, o homem dos achques ainda a prometer que abandona o país — exilando-se para a terra de *nuestros hermanos*, visto ter-se já «acostumado a amal-a como se fosse sua propria terra.» E assim, o homem da gôta... Em quanto uma grande parte da imprensa hespanhola advoga a intervenção da Espanha em Portugal, o sr. Alpoim endeusa Afonso XIII, esquecendo-se de que foi esse caricato soberano o verdadeiro assassino de Francisco Ferrer e doutros martires da Liberdade. Mas não admira que s. ex.^a professe pelo rei hespanhol «uma enorme simpatia e admiração». Os tiranos, os carrascos da consciencia humana encontram sempre outros carrascos para defendel-os... Se assim não fosse, o sr. Alpoim não diria nas suas cartas para o *Janeiro* que Afonso XIII «professava ideias modernas», nem asseguraria que esse monstro coroado «possue um notavel bom senso».

Ideias modernas! Notavel bom senso! Ah, ah, ah! Só á gargalhada, sr. Alpoim. Sim só á gargalhada — porque um homem que professa ideias modernas não manda fusilar barbaramente, não pateo duma prisão, homens que sempre se impuzeram pela sua estoica coragem e pelo seu grande valor intelectual. Ferrer não era um orminoso como Afonso XIII nem como Maura — o carrasco da Espanha moderna. Ferrer foi sempre um homem de principios que nunca se cansara de derramar a instrução criando escolas e fundando bibliotecas publicas. Por isso, só por isso, foi encarcerado e miseravelmente fusilado, ao passo que os seus algozes são endeusados pelo sr. Alpoim que pássa a vida a gritar que sófre d'achques e que a Democracia nunca deixou d'encontrar nele um grande, um verdadeiro e autentico... defensor.

Está-se vendo, não ha que vêr. A Democracia, num homem que diz que o kaiser é na patria de Kant, adorado como um Deus, não deixa de ser uma democracia que cheira a garrôte — como as ideias modernas de Afonso XIII... O que vale é que já não ha quem tome a serio o sr. conselheiro Alpoim; por isso as suas conselheiras prelegas, quasi diariamente publicadas no velho *Janeiro*, deixaram de ser o que eram para serem agora cantadas em *triolet* pelo rapazio irrequieto:

Que importa que o Kante cante!
Que importa que o Comte conte!
De nós, rapazes, diante,
Que importa que o Kant cante!

Kant é um kant pedante.
Comte é um Comte bifronte!
Que importa que Kante cante,
Que importa que Comte conte!

Valha-nos ao menos isso, sr. Alpoim... Valha-nos ao menos isso...

Moralistas... bera

Arrepiam-se muito estes pseudos propugnadores da educação popular quando, por acaso, chamemos as coisas pelo seu verdadeiro nome. Coitados! Ipcritas e estúpidos uns, burros e maus outros. E quantos, quantos deles, são os mais debochados e os maiores malandros! Muitos conhecemos que alardeando por toda a parte a sua moral avariada, mais imoral de que os que tem a franquesa, a coragem, a isenção e a absoluta responsabilidade dos seus actos, são perante a sociedade e perante a familia os mais devassos. De muitos já presenciamos esta extraordinaria moral: nas escolas e perante o publico todos dentro das regras da decencia, palrando com todos os adjectivos que traduzem a verdadeira moral; mas no lar, perante a familia, prostituindo as mulheres e as filhas, espancando-as, preferindo todas as baixezas do vocabulario e praticando as acções mais degradantes.

Não é pelas barbas ou pela sua categoria profissional que certos *meneurs* se impõem como moralistas. E' preciso reunir ás palavras os exemplos. A moral do frade não nos serve: *Olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço.* Isto só representa a falta de pudor de todos os canalhas Propria em todos os frades e jesuitas, mas impropria para os que querem ter a prosápia de moralistas.

Furto... religioso

As folhas fulminenses occupam-se atualmente de um caso que não deixando de ser interessante, revela a moral religiosa. O frade Mateus Hirschelle, pertencente ao mosteiro de S. Bento, reparou qualquer dia que a filha de uma viuva frequentadora da igreja, era rapariga bonita e lançou sobre ela os seus olhares enamorados. A rapariga inexperiente, confiando na santidade do frade começou por atende-lo e pouco depois, caída na sua rede de palavras mansas, do que a balsâmica voz da biblica Sulamita, sentiu-se devorada por ardente paixão. O frade convidou-a a fugir — e ela fugiu. Mas Hirschelle não ia só com sua amante, gozar o amor e a cabana, levava consigo noventa e três contos do cofre da ordem, pelo que foi apresentada queixa á policia.

Final, tudo isto representa uma scena bem humana a dentro das regras da ordem rigorosa dos beneditinos.

D'O Mundo

O peso da alma

M. D'Aurora:

«Alguns carolas, medicos e não medicos norte-americanos descobriram que a alma humana pesa 15 gramas!...»

Um redactor de *La Libre Presse*, de Lausana, lembra que, em tal caso, são inuteis as missas e as rezas: basta manda-las para o seu dentro de um envelope, com o peso ordinário para porte simples. A despesa é pequena: — como o ceu deve ser considerado nação estrangeira, basta colocar-lhe um selo de meio tostão, e ela lá irá ao seu destino...»

Que grandes maduros!

O Desinfeliz,

Da Mamorrosa para a *Bairrada Livre* escreve o nosso amigo Pato:

«Já lá vão algumas semanas, e contudo ainda hoje, nos centros da cavaqueira, se discute a monumental vitória do Partido Republicano Português, alcançada nas ultimas eleições.

Passada a luta, uns alvitram agora que quem governa, por estes anos mais chegados, são os democráticos, porque assim ordenou a nação. Outros, mais tímidos ou escudados em opiniões suspeitas, formulam a hipótese duma contra-revolução levada a efeito pelas facções despeitadas por verem por terra os seus castelos aéreos e os seus idolos de barro.

Como se isso fosse possível! Um movimento revolucionario, estejam certos, não é para todos... E' para os democráticos porque lhes não faltam convicções, tem nervos, e tem-nos no seu devido logar. Enquanto que os outros o que tem é palavriado! E depois...

Quando o fado é adverso

Nada vale ao «desinfeliz»

Os «cucos»

E' interessante o folhetim do distinto escritor Julio Dantas publicado no n.º 1766 da *Capital*. Não resistimos á tentação de o transcrever. Hoje não, que não temos espaço. Talvez no proximo numero. Por ele se verá como certos *manjos* iam pôr os ovos nos ninhos dos outros. Isto em 1720. Era assim que os moralistas desse tempo classificavam os individuos que seduziam as mulheres casadas. *Cucos?* Que raio de lembrança, aliás intelligente, porque são efectivamente os cucos que tem o habito de pôr os ovos noutros ninhos. Actualmente dá-se outro nome mais retrocido ao caso.

Os telefones

Fartam-se os subscritores de dar à manivela e nada. As meninas... mômcas ou falando com os derrickos. Isto succede todos os dias. As queixas tem sido constantes e o sr. Antonio Maria Pimenta que providencias tem tomado? Não era mau o publico sabê-lo.

No dia 13 um subscritor do Bairro Alto desejou fazer uma reclamação na estação competente, ás 9 horas e meia, e ainda lá não estava empregado. Era cêdo...

Os lentes... pardais

Viram-nos? Novos e palidos, velhos e luzidios, *madrugadores* e *joviais*. Logo pela manhã cedo saltavam pelas sacristias, de capêlo verde-gaio, azul e branco e amarelo. Conheceram-os? A's borlas do pendão e debaixo do palio, tão serios e tão honestos, com uma devoção... Viram? Nós tambem. Eram seis, uma pequenina parte do grande enxame. Aquilo parecia o resto duma bachanal depois de recitã de estudantes. Tão ridiculos! Mas que passaros... Alguns têm diversas capoeiras... Um dos velhos sabemos que tem duas, uma em Montarroi, outra ali na rua do Norte.

Mas com que devoção eles iam!...

O sr. Mateus

Com que então trinta escudos, hein? Você é que é um verdadeiro, autentico catolico apostolico romano. Põe as coisas tal qual são; não está com meias medidas; não é hypocrita. Venha a nós...

Pois é esse o verdadeiro principio da religião.

Kalendario

Devido a absoluta falta de espaço não inserimos ainda esta seção que se occupa do assassinio praticado pelos padres jesuitas das Trinas na pessoa da infeliz Sara de Matos, e da Tomada da Bastilha.

Vai no proximo numero.

LUTUOSA

Finou-se vitimado pela tuberculose o sr. Jaime Henrique Simões de Brito, filho e irmão dos nossos amigos srs. Joaquim Simões Barriço e Mario Simões de Brito.

O pobre moço que contava apenas 16 anos, deixou na maior consternação a sua extremosa familia, a quem apresentamos a expressão das nossas condolencias.

A policia

Foi profusamente distribuido um manifesto pugnando pela dissolução da policia e em que se fazem algumas referencias ao sr. dr. Antonio Leitão, illustre governador civil deste distrito. Nós tambem somos de opinião que a policia deve ser dissolvida, sendo reintegrados todos os guardas, cabos e chefes que são republicanos e tenham cumprido com os seus deveres. Entretanto cumprê-nos lealmente declarar: o sr. dr. Antonio Leitão ainda não mudou de opinião sobre o assunto e a primeira vez que foi a Lisboa falou na dissolução ao presidente do ministerio, que não concordou; a readmissão do chefe Louro não foi feita pelo sr. governador civil nem podia sê-lo; a inauguração do retrato deste chefe na 2.ª esquadra foi autorisada pelo actual commissario; sobre a segurança da republica e da atitude de alguns individuos que em 14 de maio se abstiveram de cumprir os seus deveres de republicanos, e até os seus compromissos, o que é absolutamente verdadeiro, reservamo-nos para em ocasião oportuna fazer os devidos comentarios.

A policia só pode ser dissolvida por um decreto do Congresso.

Do que pessoalmente sabemos desde 14 de maio e das ultimas informações colhidas sobre o assunto aí fica o resumo.

A LEI DA SEPARAÇÃO

Na Camara dos Deputados travou-se o primeiro debate entre dois parlamentares monarchicos catolicos e o ministro da justiça sobre a lei da Separação. Aquêles saíram mal feridos, defendendo brilhantemente a lei o ministro, que foi muito apoiado pela maioria parlamentar. No proximo numero daremos um extrato dos discursos.

A' ultima hora

DR. AFONSO COSTA

Progridem consideravelmente as melhoras do illustre enfermo, sendo quasi certo que o eminente estadista está livre de todo o perigo.

Tem-se alimentado regularmente ha alguns dias, a temperatura tem sido quasi normal, já lê os jornais, e ante-ontem e ontem levantou-se e esteve algum tempo sentado numa poltrona.

Em Coimbra pensa-se na organização dum comboio especial que conduzirá a Lisboa os seus correigionarios afim de o felicitar.

Continuamos a enviar A CORJA a todas as pessoas que julgamos em condições de assinar. Caso não queiram presntar-nos a sua cooperação, pedimos a fineza de a devolverem imediatamente.

DE RELANCE

O NOIVADO

No seu leito, tão magrinha e pálida, quasi na última hora, ainda sorria, esperançosa de ver o seu noivo entrar a porta, embuçado na sua capa de estudante, de buço pequeno e loiro, lábios finos e olhar melancólico.

E a tarde caia lentamente... Na sua casinha humilde tudo lhe parecia ainda sorrir. Mas tão fraca e trêmula, o nariz adunco e o rosto descarnado! Se ela pudesse ver-se ao espelho, como se havia de admirar ao ver um rosto de velha, tão diferente daquele tão lindo, rosado e juvenil de outrora! Nem talvez se conhecesse...

A tosse tinha aumentado. E, apesar do médico a proibir de se levantar da cama, trêmula, vacilando, ia sempre á janela para ver se o via subir as escadas de pedra, onde ás vezes ambos conversavam, enlevados de amor, nas tardes balsâmicas de Abril. Mas ele não chegava, nem sequer lhe escrevia. Estaria a férias, muito longe... e talvez nem pudesse escrever... E pensava tristemente. Mas voivia outra vez á alegria: — Quem sabe? talvez que quizesse fazer uma surpresa: entrar muito devagarinho, abrir levemente a porta e, carinhoso, lançar-se ao seu pescoço e dar-lhe um beijo no rosto, como de costume...

A febre aumentava. Perdera o apetite. E a mãe, ao vê-la delirar, levava o avental aos olhos para enxugar as lágrimas que lhe corriam pela face.

— Porque chora, minha mãe? — perguntava tristemente.

— Eu não choro, minha filha. Então vê-me chorar?

— Vejo, sim, não me engana. Diga-me porque chora. Talvez saiba alguma coisa dele e não me quer dizer...

— Não sei nada, minha filha. — Não negue... Se é minha amiguinha não me encubra nada, que me afflige.

— Olha, queres que te diga a verdade? Choro por me lembrar que brevemente será o teu casamento...

O pranto embargou-lhe a voz e continuou: — E não tenho dinheiro para o teu enxoval.

E a doentinha, num revérbero de alegria, beijando carinhosamente o rosto da mãe, disse-lhe numa voz doce e debil, passando-lhe as mãos húmidas pela face:

— Então é isso?! Não se affija. Quando eu estiver melhor, vou para a loja e juntarei dinheiro. Não se incomode com isso, minha mãe, não?

A tosse subiu-lhe á garganta. A mãe inclinou-a um pouco para fóra da cama, amparou-lhe a cabeça, e ela escarrou sangue.

— Vê, minha mãe, o sangue já não vem com tanta força, pois não? Estou quasi boa.

— Agora é por pouco tempo, minha filha; brevemente estarás restabelecida de vez.

E ia para a cosinha chorar. Não podia conter o pranto, ao ouvi-la: «Vê, minha mãe, o sangue já não vem com tanta força... Estou quasi boa...» Pobre criança! Tinha esperança de se salvar. Mas o médico já a tinha desenganado: «Vá-lhe preparando o enxoval para o noivado... Está por dias...» E chorava debulhada em pranto.

Era tarde nostálgica de outono. As árvores sacudiam as últimas folhas; as aves cantavam uma elegia melancólica e dolente; e o vento lugubramente gemia uma canção monótona e soturna nas árvores despidas.

E a doentinha sentia-se feliz

pelo próximo noivado! Mal sabia ela que o outono era a estação dos noivados das virgens tuberculosas, dessas noivas immaculadas e tristes que vão noivar no paiz do Mistério.

A mãe tinha-lhe prometido que no dia do seu casamento iria toda de branco, de flôr de laranjeira, muito linda, muito linda. E quando estivesse boa iria para a loja trabalhar e ajuntaria dinheiro para o enxoval... Mas por enquanto sentia-se muito fraquinha...

Agora, já não se podia levantar. Tinha o olhar baço, os lábios esbranquiçados e as faces encovadas. A pouco e pouco ia deitando pela boca, em escarros de sangue, os restos do último pulmão. O coração já lhe batia mais debilmente... Cerrou os olhos. Sonhava delirante...

Agora, via-se vestida de noiva, ao lado dele, numa igreja toda enfeitada, com luzes a arder, o órgão a tocar, e via um padre, de capa bordada a ouro, que vinha abençoar-os...

Mas a tosse voltou, e acordando do sonho, soergueu-se debilmente como um passarinho moribundo; olhou em volta da casa, como procurando o que acabára de sonhar, e apenas viu a mãe sentada ao seu lado banhada em lágrimas.

— Tenho sede, minha mãe — disse baixinho.

A mãe chegou-lhe um copo com água e chá aos lábios; tossiu debilmente; fitou a mãe com um ar de agonia; inclinou a cabecinha no seu regaço e fechou as pálpebras de neve como uma ave implume.

E ao outro dia, num caixãozinho cândido, coberto de flôres, lá foi para o paiz do Mistério, vestidinha de noiva, muito linda... muito linda...

M. P.

Cantina Escolar Dr. Bernardino Machado

Colonias marítimas de férias

Devendo realisar-se nos proximos meses de agosto e setembro, como nos anos anteriores, as colonias marítimas de crianças á Figueira da Foz promovidas pela Cantina Escolar Dr. Bernardino Machado são avisados os pais e os tutores das crianças pobres das freguesias da cidade, incluindo Olivais e Santa Clara, a apresentarem até ao dia 25 do corrente os respectivos requerimentos na sede da Cantina, rua de S. Pedro, depois de convenientemente atestados pelas Juntas de Paróquia.

Coimbra, 10 de julho de 1915.

O Presidente,

ADRIANO DO NASCIMENTO

Secção literaria

MENTINDO

*Não sei bem se te lembras, meu Amór,
Dos juramentos firmes e sagrados,
Que me fizeste em tempos já passados,
Numa tarde dum poente encantador.*

*Envolveste-me num olhar abrasador,
E, abrindo teus lábios carminados,
Disseste: — Ficarão unificados
Os nossos corações, cheios d'amor.*

*Pois hoje vejo com cruel tortura,
Que já te não lembras da sagrada jura
Qu'então me fizeste, tremente, a sorrir!*

*Recordo-me eu, cheio de tormento,
Da grande jura que levou o vento,
E direi: — Como as mulheres sabem mentir!*

Coimbra, 1915

ANTONIO SERENO

O "BISCUIT"

*Na minha meza tenho um biscuit,
Lembrança querida que me deste, querida,
Figurinha gentil que me sorri,
Na graça imovel dum sorrir sem vida.*

*Quando olho para êle, embevecido,
Minh'alma parte, livra-se d'aquí,
Ao Mar do sonho vai... lá vai perdida...
Pobre alma errante a suspirar por ti!*

*E quando volta emfim dessa viagem,
De visitar em mística romagem,
A ilha côr de rosa da Ilusão,*

*Se contemplo de novo a figurinha
Julgo lêr-lhe na face miudinha
Que ela também tem alma e coração!*

Coimbra, Junho, 1915

M. CARDOSO GONÇALVES

A CORJA

Publicação semanal

Condições d'assinatura

Pagamentos adiantados

Assinatura trimestral	...	3\$0
" mensal	...	2\$0
Numero avulso	...	2\$0

Anuncios contrato especial

Não se restituem originaes
embora não sejam publicados

SAUDADES

*O' nuvensinhas de Deus,
Abrandai a minha máguá!
Fartai-vos nos olhos meus,
Que estão ambos razos d'água.*

*Ai, descei por caridade,
O' nuvensinhas de prata!
Vinde beber a saudade
Dêste pranto que me mata.*

*E depois no triste canto
Que a chuva do calis descerra
Ide verter o meu pranto,
Muito alem... na minha terra.*

*Chuva de pranto: desejos;
O' nuvens fartai-vos bem!
Levai saudades dos beijos,
Que me dava minha mãe.*

A. MARQUES DA SILVA



ALTO A

Semanario republicano anti-clerical democratico

Director e editor FERNANDES MARTINS

ADMINISTRADOR
M. Simões

Redacção e administração, R. Ferrer 7, 2.º
— Composto e impresso na Tipografia Literaria
R. Candido dos Reis, 17—Coimbra.

SECRETARIO
J. L. Frazão

Liberdade, Justiça, Verdade e Progresso

Politiquice

Ha dias na Camara dos Deputados houve uma discussão sobre o caso vulgar de um soldado ter assassinado um seu superior, official distinto e bom republicano. O assassinato foi devido a questões de vingança pessoal por parte de quem o praticou, como os jornais diarios noticiaram — «por ter sido castigado por aquêlê seu superior», assim diziam. Mas ao mesmo tempo o assassino lembrou-se de chamar á vitima talassa, naturalmente julgando que isso atenuaria a responsabilidade do seu abominavel crime.

No Parlamento, porem, o sr. Antonio José d'Almeida, lembrou-se de fazer especulação politica do caso, e ali o temos com a sua oratoria aereo arrebatadora, dizendo inconveniencias, procurando intrigar o governo com o exercito, numa politica réles e vergonhosa.

Não contente com isso veio para o seu jornal *Republica* reeditar a prelenga, mais *correcta e aumentada*, botando *en-tête* em grossó normando, afirmando que sempre, tanto no tempo da monarchia, como agora, prestou homenagem ao exercito e gritando pela disciplina, etc, etc.

Ora com respeito ás homenagens ao exercito — referiu-se a Mousinho, o heroico vencedor de Africa — toda a nação, toda! lhe prestou e presta homenagens. E por consequencia o sr. Antonio José, deputado do Povo, não cumpriu nem cumpre mais do que o seu dever; a respeito de disciplina,

acontecimentos identicos se dão em toda a parte e com todos os exercitos — foi um crime vulgar. E a proposito nos recorda daquêlê soldado da guarda municipal que em Lisboa tambem assassinou um seu capitão. Todos os leitores se devem recordar: foi ainda no tempo da monarchia: o assassino desfechou a espingarda, matou o official, e em seguida saiu para a rua não deixando chegar-se-lhe quem o pretendia prender, ameaçando-o de lhe fazer o mesmo. Por fim entrou na redacção do *Seculo* onde se deu á prisão e narrou o sucedido.

Como estes muitos outros factos e até hoje, que nós sabemos, ninguem se lembrou de fazer politica dêles. Apenas, agora, o sr. Antonio Zé!

Pois quando o chefe dum partido tem de lançar mão de semelhantes processos para fazer a sua politica, é homem liquidado.

E note-se que na mesma sessão dos deputados em que sua excelencia quiz fazer politica com o exercito, recorrendo a um crime vulgar sucedido num quartel, combatia o sr. Aresta Branco, fazendo côro com os democraticos, acusando os camachistas de terem levado o exercito, em manifestação colectiva, a defender, proclamar e sustentar a ditadura do general Pimenta de Castro!

E tão violenta foi a accusação, que levou o sr. Aresta Branco a replicar: «que nunca se esqueceria do que lhes aca-

bavam de dizer naquela casa do Congresso».

Continua o sr. Antonio José nas suas evoluções, ao sabor do vento, sem uma situação definida, o que é triste, pois que no actual momento, mais do que em nenhum outro, se precisam situações estaveis, com tino, com patriotismo, com firmeza, com serenidade e com dignidade.

Coimbra e a educação infantil

Jardim-Escola

João de Deus

Esta modelar casa de educação, situada ali perto do Seminario — nem de proposito! — e a que o culto espirito do Dr. João de Deus Ramos tem dado uma admiravel orientação pedagogica, toda de harmonia com as aspirações modernas, continua a prestar os mais altos serviços a infancia comibricense e com os mais beneficos resultados. E' encantador! Aquêlê recinto cheio de atrativos que deleitam o visitante e o simples transeunte, com o seu arvoredo, as suas variegadas flores, as trepadeiras entrelaçadas de rosas estendendo-se pela casinha branca e vermelha, o lago sobre que se debruça o pomal onde esvoaçam os simbolos dessa pureza verginal e bueólica que põe no ambiente resabos dum paraíso terreal, como o da lenda, mas sem folhas de figueira e arvores de fruto pecaminoso... extasiados e prende-nos por tempos esquecidos a contemplar aquêlê pedaço dum céu futuro, todo cheio de felicidade — de Amor e Liberdade — um futuro ideal que ainda vem longe e em que a nossa visão se deixa enlevar!...

Por vezes o chilriar das aves que cruzam o espaço mistura-se com o chilrear das criancinhas que alegres e despreocupadas saltitam por entre os canteiros.

E' a natureza ingenna e bela, casando-se como espirito infantil que desponta para uma nova Era.

Tudo poesia. Tudo paz. Tudo amor.

Pena é que não haja ainda uma casa de educação para que as creanças que dali saem possam continuar o ensino do Bem e do Dever, da Honra e do Trabalho.

Essa casa, porem, está começada...

O Estado não procura auxiliar de uma forma pratica a iniciativa particular e Coimbra... Coimbra, á parte um pequeno numero dos seus habitantes, sempre prontos a auxiliar as boas iniciativas, não se importa com o magno problema da educação infantil e deixa viver á mingua todas as instituições de beneficencia e educação.

As Crêches... o Asilo da Infancia... a Cantina Escolar... o Jardim Escola... vivem... do oxigenio. Se não fossem alguns legados de almas devotadas ao bem da sua Patria e que não quizeram partir para alem do tumulo sem uma boa acção que ficasse a perpetuar-lhe a memoria, decerto já tinham succumbido.

Leiam-se os seus relatorios annuaes, interroguem-se os seus dirigentes...

A Escola-Oficina fazem-se prodigios para a levantar...

Mas quem ha aí que saiba o que será esta escola, este admiravel instituto de beneficencia, e de ensino?

Nem, talvez, aqueles que passam a vida a falar, a falar da educação e instrução...

Entretanto as associações de recreio progridem; as tabernas regorgitam; os teatros enchem-se.

Ha em Coimbra algumas entidades, que apesar dos seus poucos recursos, muito têm auxiliado — a Camara Municipal, a Comissão de Assistencia e as Juntas de Paroquia. Mais nada.

E é este o país que se quer redimir pela instrução e pela educação!

Bem sei que não...

A. N.

As ideias religiosas

Como pensar que as idéas religiosas são essencialmente moralizadoras, quando se vê que a história dos povos cristãos é tecida de guerras, de morticínios e de supplicios? Mais fé do que nos conventos não pode haver. Todavia todas as espécies de monges, brancas e negras, piás e capuchinhas, se mancharam dos mais execráveis crimes. Os homens da Inquisição e os padres da Liga eram piós, e eram cruéis. Já não falo dos papas que ensanguentaram o mundo, pois não é seguro que tenham acreditado numa outra vida — Anatole France.

DR. AFONSO COSTA

Encontra-se quasi restabelecido o eminente estadista.

E' com a maior alegria que damos esta noticia.

Em Coimbra pensou-se organizar um comboio especial afim de ir a Lisboa felicitar o dr. Afonso Costa, aproveitando-se ao mesmo tempo a ocasião de saudar o novo presidente da Republica.

Para este fim já havia uma pequena comissão iniciadora que agregaria a si diversos individuos e a qual tinha realiado alguns trabalhos, trocando-se correspondencia com a direcção geral dos caminhos de ferro para a organização do comboio. Porém, como chegasse ao seu conhecimento que as comissões politicas iam tratar de discutir e resolver a forma de prestar homenagem ao sr. dr. Afonso Costa, imediatamente os iniciadores declinaram nas comissões todos os seus trabalhos e pozeram de parte a sua ideia, por entenderem que em primeiro lugar estão as comissões politicas. Assim se fez, encarregando o sr. João Augusto Simões a fazer de entregar a correspondencia trocada com a companhia dos caminhos de ferro ás comissões para o caso de a quererem aproveitar.

Manipuladores de pão

Declararam-se em greve os padeiros e grande parte do publico esteve condenado a comêr pão rijo, o que não é grande mal. O peor, porém, foi a falta dêle. Na cooperativa trabalharam soldados da companhia de subsistencias e nas padarias houve fornadas feitas pelos proprietarios que são, em geral, padeiros.

Somos de opinião que todas as classes têm direito a descanso. Nos estabelecimentos de viveres, parece-nos que era racional o descanso, por turnos, de 24 horas seguidas.

Por exemplo: para não prejudicar o publico alguns padeiros podiam descansar ao domingo, outros na segunda feira. Nas farmacias existe o descanso, ficando, sempre, duas farmacias abertas ao publico.

O sr. governador civil tomou todas as providencias para manter a liberdade de trabalho.

A greve está solucionada porque... foi furada

Dr. Humberto Fernandes Costa

Foi nomeado auditor administrativo de Leiria este nosso presado amigo e velho correligionario. Receba as nossas felicitações.

A CORJA

Do proximo numero em diante o nosso jornal aumenta de formato.

Queremos assim corresponder ao favor e gentileza dos nossos assinantes, que compreendendo bem quanto é necessario e até indispensavel sustentar este periodico que sem papas na lingua e sem conveniencias de barriga tem lutado e continuará lutando contra todos os abusos, contra todas as traficancias, contra todos os erros e contra todos os preconceitos. E não é só contra os adversarios politicos, será, até, contra todos os correligionarios, sejam de que categoria for, que se não saibam conduzir de harmonia com os verdadeiros principios republicanos.

Sem desfalecimentos, sem tergiversações, *A Corja* continuará impavida e desassombradamente a ser o azorrague de todos os jesuitas e a defensora audaz e destemida do glorioso partido Republicano Português. E defendendo este grande partido, defenderá a Republica.

A todos os nossos correligionarios e a todos os liberais que nos têm auxiliado, agradecemos; e áqueles a quem vamos enviar de novo *A Corja*, esperamos dever-lhes o auxilio da sua valiosa assinatura, agradecendo a todos os que até hoje têm sido, de qualquer forma, nossos dedicados cooperadores e aos que de futuro nos venham a ajudar.

COLONIA MARITIMA DE PERIAS

Comissão organizadora

Presidente honorario

Dr. Daniel de Matos

Vogais

A Direcção da Cantina Escolar

Subscrição para a Colonia de 1915

Comissão de Assistencia..	100\$00
Misericórdia de Coimbra.	20\$00
Junta de Paroquia de S. Bartolomeu.....	20\$00
Junta de Paroquia dos Olivais.....	12\$00
Adriano do Nascimento..	1\$00
Mario de Brito.....	50
Alfredo da Costa Pinto..	50
Sergio Domingos.....	1\$00
Antonio Henriques.....	50
José Francisco Fernandes Reis Simões.....	50
Henrique Alves da Costa.	50
A. B.....	50
David Leandro.....	50
Manuel Pereira Junior..	50
Antonio Silva Ferreira..	50
José Domingos Serrado..	50
Lothario Ganilho.....	1\$00
Anonimo.....	50
Anonimo.....	50
Antonio Correia de Lemos	50
Luiz Augusto da Fonseca	50
	159\$50

(Continua)

A Comissão pede a todas as pessoas e colectividades a quem se

tém dirigido solicitando donativos a fineza duma resposta breve.

—A primeira turma de ereanças é mixta e parte no dia 4 do proximo mês de agosto para a Figueira da Foz. E' de 40 creanças.

—A inspecção medica realizou-se hontem e hoje pelos senhores doutores Nogueira Lobo e Cipriano Diniz.

Homens & Factos

A'lerta!

Na alfandega de Lisboa foram apreendidas mil pistolas com proveniencia suspeita e descobriram-se outros manejos dos... *contraditores* monarchicos e dos *contraditores* republicanos.

Já aqui avisamos ha coisa de um mês os nossos correligionarios para que se conservassem organizados como em 14 de maio e alerta.

O governo tambem está alerta e nós temos nêle toda a confiança, especialmente nos senhores ministros do interior e da guerra.

Descobriram-se quatro postos de telegrafia sem fios em Lisboa e é quasi certo que lhe não é estranho o dinheiro alemão.

Indispensavel será, pois, que nos conservemos unidos...

De resto é bom que se saiam os homens das *pistrolas* e das *pimentas* alemãs.

Coios jesuiticos

Diz o nosso colega *A Defesa de Santa Clara*, que ali na rua de Ferreira Borges existe uma casa que se chama «Internato das Irmãs das Pobres» onde se ensina, gratuitamente, erianças de ambos os sexos, e «que o ensino ministrado é essencialmente religioso».

Acrescenta o colega que não seria mau as autoridades visitarem o *Internato* de quando em quando.

Se o ensino que se está a ministrar é religioso, deve o coio ser imediatamente dissolvido.

A lei é bem clara: não é permitido em qualquer escola o ensino de qualquer religião.

Ha na rua da Trindade outro: é o collegio de Santa Isabel onde tambem se ministra o ensino religioso e de que já aqui nos temos occupado.

E ainda outro: no Asilo de Infancia Desvalida, onde igualmente se ensina pela cartilha do padre eterno.

Ai vai a ultima, á parte muitas outras de que nos havemos de occupar.

Como professora encontra-se naquele Asilo uma... sr. Augusta Reis, grande reacionaria, que o marido se viu na necessidade de abandonar por ela andar sempre metida nas igrejas.

Ha dias, quando a doença do Dr. Afonso Costa se agravava, a bondosa senhora disse ás creanças:

—O Dr. Afonso Costa está para morrer e mandou chamar um padre para se confessar. Nenhã lá quiz ir porque elle era o maior dos inimigos da igreja e dos santos. Quando em qualquer parte falarem nesse nome e nos republicanos, não queiram ouvir nada e retirem-se.

E diz-se esta *abelha* instruida, sabendo até diversas linguas: francês, inglês, alemão, etc.

Ela tem mas é a lingua muito comprida...

Falam os numeros

No país visinho, e segundo a opinião autorizada de Emilio Mendez Pallarés a padralhada, com

todo o seu séquito, recebia em 1908 a quantia de 370.386.803 pesetas (uns 74.677 contos da nossa moeda) assim descriminada:

Para as ordens religiosas...	255.358.803
" serviços extraordinarios	102.100.000
Percentagem de matrimónios	4.500.000
" " nascimentos	2.750.000
" " enterros e trasladações	1.350.000
Juros de donativos piós á ordem dos bispos	1.500.000
Direitos dos bispos	1.180.000
De ayuntamientos e deputações	913.000
Por direitos de dispensa	365.000
Vigarias, etc.	365.000
Total	370.381.803

O mesmo individuo acrescenta: «E' sabido que a igreja, com a trêta de que limpa as manchas da consciencia e abre as portas do ceu, obtem grandes donativos, alem de conseguir por «ultimas vontades» heranças fabulosas, arrancadas por meio de sugestões aos fanáticos e aos crentes.» Assim, o *ordenado* que essa gentinha percebe em Espanha deve orçar por uns 90 a 100 mil contos anualmente!

Estas cifras, comenta o jornal de onde as estraimos, explicam por que em Espanha há tanta fome e tanta miseria, e porque, nos hospitais para onde são empurrados os desvalidos não ha os recursos precisos para os acolher e curar...

Oh! Revolução purificadora, já tardas.

Verdades... episcopais

No Congresso da Igreja protestante episcopal dos Estados Unidos, ha tempos celebrade em Nova York, na catedral de S. João de Deus, foi discutida a questão social.

Vieram primeiro as propostas de vários filantropos. Depois Lawrence, bispo de Massachusetts, defendeu o individualismo e os sindicatos á Hirsch-Dunckler (na Alemanha: sindicatos liberais), Veio, por fim, dizer coisas interessantes e justas o bispo Spalding, do Utah, presidente da Federação socialista cristã, muito prestigioso entre os seus correligionarios, sobretudo depois da sua polémica com os mórmones, na qual mostrou vastos conhecimentos de orientalista e arqueólogo.

Este bispo fez um discurso virulento contra a sua própria Igreja, acusando-a de responsavel do seu abandono pela classe operaria. Reconheceu como justificada a opinião corrente entre as massas operarias, que a Igreja é uma instituição auxiliar do capitalismo. Demonstrou que, para a classe capitalista, a Igreja representa o papel de capelão-esmoler. A Igreja, ajuntou elle, nada faz para ajudar o trabalhador a resolver os problemas levantados pela sua condição, e por isso é que o trabalhador a deixa.

Que este bispo, dizendo isto, tinha intuitos de captação, é bem provavel. Mas isso não obsta a que tenha proferido duras verdades, as quais, por sinal, desagradaram aos seus correligionarios, pouco desejosos de mudar de processos.

Lógica preta

O major Hrtfeld, commissário geral belga no Congo, entre várias apreciações de pretos sobre assuntos diferentes, cita a seguinte:

«Outras coisas ha que o preto não compreende. Nós temos três especies de missionarios: católicos, protestantes e árabes. De que lado está a verdade? Os árabes ensinam-nos que os missionarios católicos e os missionarios protestantes ensinam-nos que os missionarios católicos e os árabes são impostores. Os missionarios católicos ensinam-nos que não podemos acre-

AS Festas da Padroeira

Reportagem comica e causticante, baseada na verdade.

ditar nos missionários protestantes nem nos árabes. Em quem devemos acreditar? Ha então três deuses por haver três religiões que ensinam tres catecismos diversos?»

Como nota *La Pensée*, bastou a este preto o seu bom senso para em face das religiões contraditorias, chegar á mesma conclusão que Volney, nas suas *Ruínas*. E se diante de cada criança, como diante desse preto, colocassem três ou quatro missionários de várias religiões, em vez de lhe inculcarem a martelo uma só fé, não haveria crentes. As religiões destruíam-se iam entre si.

Administração do nosso jornal comunica-no o facto passado com alguns indivíduos que têm recebido o jornal e agora se recusam ao seu pagamento.

Para nós é nos sempre doloroso ter de vir a publico dar correctivo aos que não sabem conduzir-se.

Não honrando o seu nome, procedem como quaisquer traficantes.

Pois caso não satisfaçam os seus debitos, aqui lhes serão amarrados os nomes de... caloteiros.

Almanach Bertrand

Recebemos este esplendido almanach para 1916, que é dirigido e coligido pelo distinto poeta Fernandes Costa, de ha muito consagrado na nossa literatura contemporanea.

O *Almanach Bertrand*, que está no seu 17.º ano de publicação, pode bem considerar-se uma obra primorosa e util.

As produções que contem são quasi todas originaes, assim como as caricaturas, e todas as outras são muito bem impressas, sendo uma bela edição da antiga e acreditada «Livraria Bertrand».

Agradecemos a oferta.

Manueleida

Poema negativo em cinco cantos por Antonio Dias (Niotano Sadi)

É um interessante poema em que é cantada a cobardia do ex-rei D. Manoel e muitos outros dos seus feitos.

Custa apenas \$20 e não é caro...

Agradecemos o exemplar que nos enviou o autor

Agora que já se sumiram os últimos ecos das grandes festas da pelintrie e que não ha receio de prejudicar os balcões dos illustres comerciantes da Lusã Atenas, nem de que os intolerantes se esmoquem uns aos outros, resolvemos dar aos queridos leitores uma reportagem comica das pindericas e reclamadas festas á padroeira.

A parte as iluminações das ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, em que naturalmente não pôz o dedo o sr. conselheiro Acacio, mas em que o pôz o sr. Mateus — o Mateus ferrageiro, conhecem? — e que tão bem se houve que até foi expulso da Associação Commercial, tudo o mais, tudo! foi uma mirabolante chuchadeira.

Não procuraremos comproval-o, apenas, com o nosso testemunho, mas recorrendo em parte ao de alguns nossos colegas locais, que tendo alcançado uma justa fama de criteriosos e independentes, se devem considerar insuspeitos no assunto.

Não nos ocuparemos do programa das festas por ordem cronologica e lançaremos mão de todos os assuntos, tirando do monte a esmo, e dando á estampa certas publicações que durante os festejos se exibiram, de mistura com certo e determinados fanteoches.

Cá está a primeira: uma bela composição poetica, em que se contam os milagres da padroeira, que não é bem uma reprodução das composições poeticas do Rosalino, por que são muito mais inferiores e muito mais comicas. Mas não vale rir senão no fim. Intitula-se «Milagres da Rainha Santa» e tem como sub-titulos: *O Milagre das rosas — O dinheiro tornado em rosas — A agua tornada em vinho — Banhos Santos — A Rainha Salva um homem, etc.*

Eis o principio.

A cidade do Mondego
Que tem fama universal
Festeja a Rainha Santa,
Rainha de Portugal.

A fama da Padroeira
Da nossa linda cidade
É conhecida dos velhos
E gente de toda a idade.

Os milagres que Ela fez
Todos eles verdadeiros
Não os devem ignorar
Nenhum dos seus bons romeiros.

Por isso ouvide senhores
O que eu vos vou a contar
E os sentidos que tiverdes
Todos se vão a pasmar.

Aos leitores pedimos para repetirem a versalhada enquanto nós lêmos a «Nau Catarineta»

Ouide agora, senhores,
Uma historia de pasmar

2.ª PARTE

O Milagre das rosas

Estava a Rainha Santa
Na cidade de Leiria
Onde, como em toda a parte,
Tinha a sua moradia.

Lembrou-se a Nobre Senhora
De uma igreja construir
E p'ra meter mãos á obra
Operarios mandou vir.

Iam estes pressurosos
Os alicerces fazer
Mas logo então se mostrou
O seu divino poder

Porque aqueles encontraram
Todo o trabalho já feito
E o templo do Espirito Santo.
Teve assim divino leito

Seguiu a obra caminho
Até que foi acabada
E vêde agora aos op'arios
A paga que lhes foi dada:

A cada um a Rainha
Lindas rosas ofereceu
O que muito os penhorou
P'la Santa mão que lh'as deu.

Mais disse a rainha Santa
Que só tal lhes concedia
Por paga, ficando eles
A sorrir com cortezia.

Mas indo eles p'ra mostrar
Tal amostra do tezoiro
Da bondade da Rainha
Cada um viu o que tinha
Era uma dobra de oiro.

Assim, se o Mal poz espinhos
Na rosa mais delicada
O Bem viu desta maneira
A roza em oiro mudada.

Isto foi em Leiria, a cidade do
Liz, celebrisada pelos seus homens
Ilustres na sciencia, na arte, na
politica, com especialidade dos seus
deputados...

3.ª PARTE

Dinheiro tornado em rosas

Mosteiro de Santa Clara
Que a Rainha restaurou
'Inda nos podes contar
Milagre que se passou:

— Não tinha El-rei D. Diniz
O costume de gastar
E todo se amofinava
Vendo oiro desperdiçar.

Ora a sua Santa Esposa
Ia um dia a pagar
Aos operarios das obras
Com moedas de oiro a brilhar.

Perguntou-lhe El-rei então
O que no regaço tinha,
Respondendo abrindo-o logo
A virtuosa Rainha.

Mas do regaço da Santa
Em vez de oiro reluzente
Sairam rosas vermelhas
Do Jardim do Omnipotente.

Mas onde seria este jardim
do Omnipotente?

Houve um só, que eles dizem,
o paraíso. Mas esse acabou logo
que os dois se atiraram ao fruto
proibido...

Pois se ele é tão bom!...
Mas a excelsa, a virtuosa, a doce,
a sublime, a onipotente rainha
já appareceu muito depois disso. E
apezar de Santa também peccou...

Pudera! pois ela gostava tanta
de fruta!...

Mas qual seria ou onde será o
jardim.

4.ª PARTE

A agua tornada em vinho

Quiz a doença traidora
Seu santo corpo atacar
E o Físico receitou-lhe
Certo vinho p'ratomar

— Vai perguntar a Sua Santidade, disse-lhe, se pode conceder-me alguns minutos de audiencia.

O bobo fez um gesto funambulesco, e retorquiu com uma audacia que sabia não teria consequências fatais:

— Amavel inquisidor, mui reverendissimo Hochstraten, em que devaneios te perdes? Não conheces os costumes do Papa, teu senhor, meu amigo?... Sua Santidade, — acaso ignoras tu? — não gosta de ser importunado quando trabalha, muito menos quando não faz nada. Calcula o que será quando faz... o que está fazendo agora!...

— Esperarei, respondeu Hochstraten, humildemente. E assentou-se, aguardando o momento azado.

O homem obeso, repoltrado entre as mulheres, era de facto Leão X.

Sua Santidade divertia-se. Tomava o lado optimista e côr de rosa da vida, reservando para a politica as horas que os mais votam ao repouso. E por politica, no caso do Pontifice, entendemos os aboizes e artificios contra os du-

Folhetim d'A CORJA

LEO TAXIL E KARLO MILO

OS MISTERIOS DA IGREJA

Versão de Gomes Leal

PRIMEIRA PARTE

Como se canonisa um piolhoso

CAPITULO I

A DOUDA

O inquisidor deixando á sua direita as estreitas salas reservadas aos homens, andou dez passos, e parou em frente dum corredor.

Comprimiu uma certa mola escondida debaixo de uma inscrição latina, e uma pedra girando sobre si mesma, deu franca entrada, e deixou a descoberto um compartimento quadrado onde dormia um

padre. Despertando-o o inquisidor perguntou-lhe:

— Onde está Sua Santidade?

— Ali, retorquiu o padre.

— Espero um monge que está a chegar da Alemanha. Mal chegue, introduze-o.

— Assim farei.

E o padre, dobrando-se, saiu. Mas naquêlê instante a porta, ao abrir-se bruscamente, patentou uma sala maravilhosa, toda magnifica de pinturas a fresco e de douRADURAS, com largas janelas rasgadas sobre a ramaria duma cerca.

O aurilavrado tecto da sala, as paredes, o pavimento de mosaico, estavam cheios de pinturas de custo que, sobre fundo d'ouro, reproduziam scenas do Deus Amor. Aqui e ali, moveis e tapetes raros, cõxins de veludo sobre comodos leitos de peles de animais. Como se houvesse de proposito fito, querido eclipsar aquêlê luxo pelo aspecto carnalmente vivo do Amor e da Volupia, grupos de mulheres repoltreavam-se em atitudes intencionais de lascivia, envoltas em véos brancos e amplos, como para tornar mais acerada a flecha dos olhos

resplandecentes. Traziam todas cingido ao talhe um rosario de marfim, e, pendentes da cinta, cordões dourados. Além, a distancia, através da ramada das arvores, perpassavam formas indistintas e errantes: femininos bandos faziam vibrante o ar com a sonoridade dos risos: ouviam-se cantares amorosos que flebilmente morriam em labios em que a febre sensual punha a sua brazã: e os moribundos raios solares, arrancando scintillas dos brincos de diamantes das monjas, faiscaavam nos colares de perolas, faiscaavam nos colares de perolas, faiscaavam nos colares de perolas, faiscaavam nos colares de perolas.

No meio daqueles rostos femininos, apaixonados uns languidos outros, sorria um homem, ainda na virilidade, porem um tanto obeso, de feições fanadas, e olhar astuto. Mal o avistou, o inquisidor inclinouse para um humunculo de rosto picado das bexigas, corcovado, cambaio, todo trajado de amarelo e roxo, e que imitava os sons da flauta, agitando um gorro cheio de guisões.

Mas em Leiria onde estava
Tal vinho não encontraram
E apenas agua da Fonte
Os vassallos lhe arranjaram

Foi então que por milagre
A Rainha conseguiu
Transformar de pronto em vinho
A agua logo que a viu

E o seu poder era tal,
E a Sua alma tão pura,
Que bastou o seu olhar
Para o vinho lhe dar cura

Coitada! a doença traidora atacou-a! Atacou-a e o fisico receitou-lhe certo vinho. (Que diabo de vinho seria?). E vai ela com o seu poder de santa, que não evitou a doença, transforma a agua da fonte no tal dito vinho!

A ultima quadra, é que não percebemos bem. O quê? Bastou só o olhar da pura alma da rainha fixar-se na murrassa para que ficasse curada?...

E nós que conhecemos tantos que quanto mais vinho tomam mais doentes ficam...

Mas o mais sensacional é o que se segue. A santa era lavadeira, apesar de muita gente julgar que as rainhas não são capazes de lavar uma simples camisinha. Vejam:

Banhos Santos

No Rio Liz costumava
A Santa as roupas lavar
Da gente enferma bastando,
Com suas mãos a tocar

E as aguas da lavagem
Tomavam virtudes taes
Que quem nelas se banhasse
Não adoecia mais.

Cegos, tornavam a ver,
Leprosos breve curavam
E todas as más molestias
O remedio ali achavam.

Esta porcaria da lavagem das roupas dos enfermos ter virtudes de curar leprosos e curar todas as más molestias e dar vista aos cegos, é tudo o que ha de mais extraordinario. Mas ha mais: os são que tomassem os banhos nunca mais adoeciam e afinal não existe ninguem do tempo em que a santa rainha lavava a roupa!

O D. Diniz esse sim, esse é que lhe sacudia a roupa e bem saõdida!... E naturalmente não era por ela ser santa.

ques visinhos: as empresas de lucros excitando-lhe a cupidez: os cuidados da propria fortuna: os negocios de familia; e tambem da Igreja mesmo.

Leão X havia escolhido aquêlê convento de mulheres, para convertel-o na sua villa intima, na sua verdadeira villa, ainda que possuísse mais outras a que o acompanhavam os nuneios e os cardeais.

Mas enquanto que os da comitiva o supunham afundado numa conferencia douta, com o douto superior do convento do lado — que era destinado aos homens — por uma porta secreta, praticada por ordem sua, para salvar as apparencias, penetrava êle nos apartamentos luxuosos e perfumados, e esquecia no galanteio sacro todo o aparato rigido do Vaticano.

Leão X fez um gesto.
— A senhora abadessa! clamaram as monjas, vendo uma que acabava de entrar no recinto.

A abadessa cujo trajó aparatoso fazia realçar extraordinariamente a sua beleza dum cunho imperativo, aproximando-se de Leão X, inclinou-se sobre êle. E Leão, de man-

Pasmem! A rainha santa salva um homem. Não sabem como? Com o fio de uma colcha!

ULTIMA PARTE

A Rainha Santa salva um homem

Quando foi que ela morreu
E o seu corpo trasladavam
E' que nos milagres creram
Alguns que 'inda duvidavam:

Roque Martins de Paim
Caiu de um andaime ao chão
E dos que o viram cair
Apertou-se o coração.

Era mui alto o andaime,
Ninguem julgou de o salvar
Pois caiu sobre uma pedra
Com a cabeça a matar.

Pois com o fio duma colcha
Que à Rainha pertenceu
E que alguém desfez em agua
E ele depois bebeu.

Ficou aquêlê barão
Sem sofrer nenhum quebranto
Dando graças ao Senhor
Por aquêlê milagre

E o maganão do poeta termina assim:

Rainha Santa Izabel
Transforma em rosas de cor
O oiro da minha amada
P'ra que ela me tenha amor

Rainha Santa tornaste
O oiro em candidas rosas
Mas, Santa, não reparaste
Que as fizestes assim vaidosas

Tenho rosas, tu tens oiro
E o teu pai não me quer bem
— Rainha Santa nos valha!
Ficarei rico tambem.

A pequena, deerto, que não é de Paio Pires, havia de ficar varada!

E todo este asservo de asneiras custava apenas dois centavos. Dois centavos! E com o retrato da santa...

— Cá está, cá está a Rainha Santa! Custa um vintem! Cá estão os milagres da rainha santa!

Era este o pregão que ouviamos por entre a turba.

(Continua)

sinho ao ouvido, disse-lhe qualquer coisa, roçando quasi com os labios a pequenina orelha da abadessa, onde uma esmeralda tremia. Ela, avermelhando-se toda, disse: — Faça-se a vossa vontade, Pai meu!

— Quereis dizer que não é tambem a vossa, marquiza?...

Mas a marquiza só lhe retorquiu com um sorriso que seria capaz de fazer perder a alma do Papa, se ella não estivesse perdida ha muito.

Neste momento gemidos de angustia rasgaram o ar: e depois gritos abafados que pareciam sair das entranhas da terra, e de debaixo do soalho iresmo da sala. E estes lamentos singulares pareciam um mixto confuso dos nivos duma fera trespassada num bosque, e do estertor duma criatura humana, no arranco da agonia final.

Um silencio algido pairou em toda a sala. A voz subterranea penetrava até ali ululante, dilaceradora, fazendo frio, desolada... como se impetrasse piedade, submetida pela dôr...

O crepusculo vespertino e a sen-



alendario

JULIO

- 1, 1879—Publica-se no Porto o 1.º numero do *Combate*.
- 2, 1885—E' fundada em Lisboa a Associação do Livre Pensamento.
- 3, 1881—E' preso Gomes Leal por publicar *A Traição*.
- 4, 1833—Morre nos carcereiros da torre de S. Julião da Barra o grande liberal de 1820, Borges Carneiro.
- 5, 1908—Comicio no Porto, contra os adiantamentos, havendo tumultos, cargas de cavalaria e muitas prisões.
- 6, 1909—Paiva Correia realisa no Porto uma conferencia sensacional anti-jesuitica.
- 7, 1497—Parte para a descoberta da India Vasco da Gama.
- 8, 1840—Nascé o Dr. Manuel d'Arriaga.
- 9, 1499—Chega ao Tejo a nau de N. Coelho, com a noticia da descoberta da India.
- 10, 1909—E' absolvido o *Mundo* em sentença de 1.ª instancia, o que rarissimas vezes acontecia.
- 11, 1908—João Chagas realisa em Lisboa uma interessante conferencia sobre os adiantamentos.
- 12, 1780—Nascé Mousinho da Silveira.
- 13, 1793—Instigada pelos jesuitas Carlota Corday assassina Marat.
- 14, 1780—O povo de Paris realisa a tomada de Bastilha.
- 15, 1873—Bernardino Machado toma o grau de bacharel na Universidade de Coimbra.
- 16, 1909—São julgados os ultimos sargentos implicados no movimento republicano de 28 de janeiro e absolvidos depois de 18 mezes de prisão.

- 17, 1897—O dr. Brito Camacho, medico militar, é intimado a partir para Lourenço Marques, recusando-se.
- 18, 1866—Nascé em Vale de Vinha, (S. Pedro d'Alva), o grande tribuno dr. Antonio José d'Almeida.
- 19, 1900—E' levantada a sessão da camara dos deputados como menagem pelo falecimento do dr. Afonso Pena, presidente da Republica do Brazil.
- 20, 1875—Nascé Fernão Boto Machado.
- 21, 1908—O deputado Eduardo Burnay renuncia á sua cadeira no Parlamento em virtude dum discurso proferido no Parlamento pelo Dr. Brito Camacho.
- 22, 1880—Nascé o dr. Ramiro Guedes.
- 23, 1853—Nascé Francisco d'Almeida Grandela, grande patriota e dedicado republicano.
- 24, 1833—Entram em Lisboa as forças liberaes.
- 25, 1892—Morre o major republicano Adelino da Cruz.
- 26, 1868—Toma o grau de doutor na Universidade o grande historiador Teófilo Braga, actual presidente da Republica.
- 27, 1896—Morre o Dr. Rodrigues de Freitas.
- 28, 1794—E' guilhotinado Robespierre.
- 29, 1833—O nuncio representante do Papa é intimado a sair de Portugal.
- 30, 1909—E' condenado o director da Republica Dr. Artur Leitão actual deputado por Coimbra em 30 dias de cadeia.
- 31, 1881—Inaugura-se em Lisboa o Centro Republicano Mousinho da Silveira.

sação de frio que a todos empolgara neste instante, davam aquêlas articulações aditivas um colorido soturno, que os tornava funereiros...

— Ora, é a louca! disse a abadessa, reassumindo a sua calma, e subjungando o panico.

— E' a louca! clamaram as monjas, ao principio aturdidas, e agora como que reassumindo alivio pela explicação dada. E de todas as bocas uma gargalhada satisfeita e inextinguivel estalou.

Era a doida!... a orate!... As monjas pareciam felizes por poderem mofar agora daquilo que lhes fizera correr na espinha o arripio gelido do medo. E todavia deviam estar habituadas áqueles nivos extraordinarios. Mas, no primeiro momento não se lembraram dela. O que era, porem, urgente era transferil-a para outro carcere, donde os seus gritos não ecoassem fora. Produzia um efeito aquêlê desacorde algaravia nesse viveiro dourado, cheio de avos afinadas, cantando a primavera e o amor.

O Papa perguntou quem era

essa orate. Era, segundo disse a abadessa, uma mulher roçando os quarenta anos, enferma de longa data, e que trazida ao rebanho de Deus, após um grande infortunio, de subito endoidecera. Falava de uma creança, uma filha, a quem dizia haviam assassinado. E por isso, e não obstante toda a fama que dava a religião aquêlê conquista, pois que ella havia abjurado do judaismo, não podia ser posta em liberdade, apesar dos seus repetidos rogos.

Não obstante a sua denuncia incontestavel, não faltariam credulos á quem as suas palavras turbassem, promovendo um escandalo. Enclausurada no convento de Santa Maria, fôra removida para ali, em consequencia duma tentativa de eyasão. Parece que no convento de Santa Maria a tratavam com uma doçura exagerada, visto que haviam chegado ao cumulo de lhe pregarem o arrependimento e a resignação, o que não era senão um mau sistema de enrijar a sua mania.

(Continua)



Mais

Como se testifica



A CORJA

Semanario republicano anti-clerical democratico

Director e editor FERNANDES MARTINS

ADMINISTRADOR
M. Simões

Redacção e administração, R. Ferrer 7, 2.^o
— Composto e impresso na Tipographia Literaria
R. Candido dos Reis, 17—Coimbra.

SECRETARIO
J. L. Frazão

LEOTE DO REGO

Liberdade, Justiça, Verdade e Progresso

Pelas cinzas dos mortos

Escrevo este artigo hoje, sob uma atmosfera sobre-carregada, e algo excitado por me constar que novas reviravoltas se anunciam na tão acidentada vida politica portuguesa! Faço-o cheio de desanimo por ver a fraquesa da Republica, ou antes a sua generosidade criminosa, para com aqueles que prometendo servi-lalhe vão a pouco e pouco cravando no seu coração magnanimo, o punhal criminoso da sua odiosa traição! E escrevo ainda contristado porque as promessas que se fizeram para que o 14 de maio apparecesse, murcharam e caíram mal que a vitoria se annunciou aos acordes da Portuguesa e aos gritos dos revolucionarios que na sua boa-fé se haviam batido. Porque passado esse momento em que a audacia do povo havia libertado a Nação duma ditadura comprometedora e aviltante, o veu do esquecimento, caiu, como de costume sobre todo o passado miseravel, sem que ninguem se lembrasse de revolve-lo um pouco quando mais não fosse para areja-lo! E daqui em diante voltamos ao mesino estado de incertesa constante!...

Passados os dias de 14 e 15 ninguem mais cuidou da defesa da Republica por tal forma que se ela não tivesse a certeza de ser defendida a tivesse pelo menos de ser respeitada. E a não ser a reintegração dos funcionarios dimitidos pelo general Pimenta de Castro eu pergunto que se fez mais após esse movimento em que, dizem, se implantou de vez a Republica? Onde está o cumprimento das promessas feitas, as quais arrastaram a luta e a morte tantos dedicados cidadãos que caíram na esperança de que o seu sangue fizesse alguma coisa de generoso e

bom a dentro da nossa terra? Aonde estão as medidas tomadas para que o socego seja d'ora á vante a garantia segura do nosso trabalho sem o qual nenhum povo pode engrandecer-se? Se a revolução de 14 de maio foi esse tal movimento almejado para salvaguarda dos nossos destinos, eu choro lagrimas de sangue sobre a sua fraquesa misericordiosa que não teve a coragem indispensavel para pôr a coberto de todo o ataque traçoireiro a Republica e a Patria Portuguesa!

Escusa de vir algum crente, de boa fé, a querer fazer-me acreditar que tudo o que eu e os outros desgostosos revolucionarios desejamos ha de aparecer tal qual se prometeu. Escusa de vir porque a minha descrença é completa.

O ferro deve malhar-se enquanto está quente. Passado isso, o esforço para faze-lo ainda que seja sobrehumano tornará sempre improficuo o nosso trabalho. Aqui succede a mesma coisa! Enquanto o povo andava ensanguentado pelas ruas a chorar d'alegria o exito revolucionario, e a cantar em hipoestas d'amor ás redondilhas da Portuguesa, é que devia assegurar-se com o energico apoio de toda a boa vontade republicana a vida tranquilla da Republica que vinha de fazer-se.

Mas não se pensou desta maneira, e por isso os mercenarios aventureiros prometem para breve nova revolução, com o fim, dizem, de acabar com a demagogia! Aos membros da Junta Revolucionaria que promoveu a Revolução, e a todos os revolucionarios que se bateram por ela, compete fazer cumprir tudo aquilo que se tinha prometido. Exige-se a alma republicana. E não só

ela como o futuro da Patria e a vida da Republica! E se assim não for, devemos todos a uma, religiosamente, ir jurar sobre as cinzas dos nossos camaradas mortos na Revolução, que o seu sangue ha de fructificar pela Liberdade e que as suas vidas não de nós ser vingadas! Iremos fazelo, com a bandeira da Patria coberta de luto, levando conosco a consolação de que se alguns morreram já na defesa da Liberdade ultrajada, novas legiões se preparam para faze-lo tambem, mas desta vez numia luta titanica em que ou se morrerá stoicamente ou se vencerá duma vez para sempre!

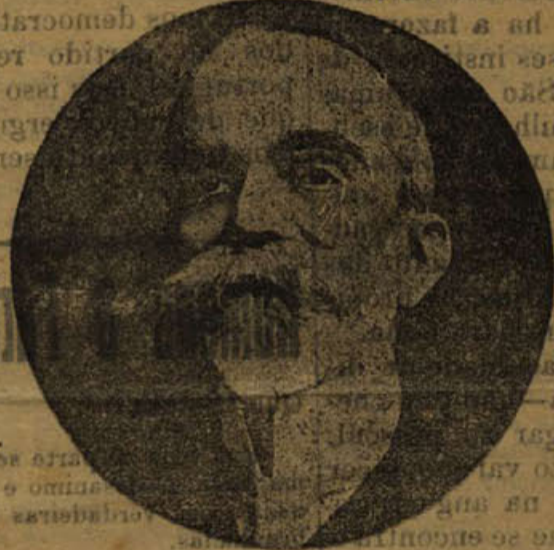
E cumpri-lo-hemos, para vingar as cinzas dos mortos, e a ortandade de tantos pequeninos que levam dias a beber o choro amargurado das pobres mães que cobertas de luto soluçam constantemente desde o dia em que a morte lhes arrebatou o amparo da sua vida! A maioria das victimas pertence ao operariado, ao povo. Pois é o mesmo povo que aparece em todas as occasiões dincertesa que agora exige o cumprimento de tudo aquilo que se apregou, e se houver receio ou traçoires ele apparecerá a desfazer aquele ou a vingar estas.

Queremos a Republica livre e soberana; e para isso queremos que o Estado seja nosso; se assim se não fizer como se prometeu, nós o exigiremos, deixando aqui este juramento sagrado que fazemos pelas cinzas dos mortos de 14 de maio!

FERNANDES MARTINS.

Dr. Afonso Costa

Continuam a acentuar-se as melhoras de S. Ex.^a A Corja regista com profunda satisfação esta noticia, fazendo os mais ardentes votos para que o illustre estadista volte brevemente a entrar na luta politica portuguesa onde a sua falta abriu uma lacuna insubstituivel.



Bernardino Machado

Acaba de ser eleito Presidente da Republica Portuguesa o illustre cidadão Dr. Bernardino Machado.

Do seu alto saber e da sua tão reconhecida fé republicana muito tem que esperar a Patria e a Republica! Diplomata distinto, o seu nome é apontado lá fóra como o de um dos mais intrasigentes apas tolos da Democracia!

Respeitador da Lei e da Constituição, como bem o demonstrou com a sua attitude na ditadura do General Pimenta de Castro, tudo ha a esperar da sua intelligencia e da sua fé Democratica. Amigo da massa popular que tanto defendeu sempre, o seu amor por ela mais se arregará agora ainda, ao ver as manifestações d'alegria com que ela recebeu a sua candidatura.

Na situação que vem correndo ninguem melhor do que ele poderá estar a frente dos destinos nacionais. Por isso o seu nome foi recebido por toda a gente com o melhor dos acolhimentos.

Tudo os haviam já visto fé Republicana e em seu reconhecimento amor pelas instituições. E por isso estamos certos que a dábiza da nossa attitude ante os povos que se batem pela Liberdade, ha de agora desfazer-se por completo, e que nós iremos tambem desta vez desfaldar em terras de França o estandarte verde rubro da Republica. Quero a alma nacional; e S. Ex.^a como chefe supremo da Nação Portuguesa ha de com certeza enviar todos os esforços para que Portugal enfileire sem vergonha, ao lado da França e da Inglaterra.

Cumprimentando S. Ex.^a fazemos votos porque a Lei e a Constituição sejam durante o seu quatrienio respeitadas como os Santos Evangelhas dum povo livre e soberano.

ALERTA!

O jesuitismo de mãos dadas com os reaccionarios tentam novamente fazer das suas, a tranquillidade da Republica, volta a ser ameaçada. Isto não pode assim continuar. Onde estamos? Basta de generosidades que tão mais bocados nos são dando. Entremos a serio no caminho da decisão na defesa da Republica e mostremos de vez que o tempo das complacencias terminou!

Os regimens, como a gente, tem o direito de defender-se. E quando a fraquesa entra de manifestar-se, a agonia não vem longe.

A Republica tem de mudar de opinião, já para mostrar que não tem medo, já para vingar todos os que morreram por ela. Ninguem deseja represalias. Mas o que tambem não consentimos é que contentamente sejamos enxovalhados.

O jesuita, confiado na generosidade, quer de novo dar de si. Pois que venha, e o povo que o receba, fazendo o que entender ser conveniente para mostrar a essa corja de que lado está a alma popular e nacional. Alerta!

Mais "doutores,"

Como se resolve a questão economica

O sr. ministro da instrucção apresentou na Camara dos Deputados uma proposta de lei criando no Porto mais duas faculdades — uma de Letras e outra de Direito.

A nosso ver é uma asneira. A criação de mais faculdades, não tendo a recomendar-as nem os interesses gerais do ensino nem mesmo qualquer motivo de ordem politica (o que aliás nunca deve existir), só serve, neste momento, para vir agravar as nossas já tão precarias circunstancias financeiras, agravando, por consequencia, a desoladora situação economica em que o país se debate.

Diz a proposta que os recursos para custear as despesas de instalação serão retirados das «disponibilidades da dotação consignada para as despesas com o pessoal universitario e propinas respectivas». E' isto o que diz o projecto de lei.

Ora esta coisa, é, simplesmente, uma leria. Não é nada: não tem valor nenhum. As tais disponibilidades e todas as propinas não chegam nem á dessima parte dos enormes encargos que ha a fazer com a criação desses institutos de alto ensino. São mais umas centenas de milhares de escudos que podiam ser applicados ao fomento e que vão ser unicamente destinados ao aumento e desenvolvimento das classes parasitarias. As propinas não chegam para nada.

Veja-se a faculdade de direito de Lisboa — não tem chegado para pagar ao pessoal. Com a do Porto vai acontecer o mesmo. E é na angustiosa situação em que se encontra o país, no momento duma conflagração europeia que transformou a nossa já tão desgraçada vida numa verdadeira, miseria, com um deficit de dez mil contos ou mais no orçamento, num momento finalmente em que a agricultura definha, a industria ameaça paralisar, o commercio atravessa uma crise, é neste momento que o sr. ministro da instrucção se propõe crear no Porto uma faculdade de Letras, uma faculdade de Direito e uma Escola Normal Superior!

E ao passo que isto se faz, a instrucção primaria continua quasi na mesma situação, não se fazendo mais nada do que aquilo que fez o governo provisório.

Quer dizer, anavahando-se, até, as verbas destinadas ao ensino primario, como aconteceu com as escolas moveis, em que no actual orçamento lhe foram cortados trinta e cinco contos!

Não pode ser. Não sabemos para que serve a tal lei trvão. Se é só para recair sobre as propostas dos adversarios, então temos conversado.

E note-se que não falemos por causa dos interesses de Coimbra, Nêsse ponto sômos los que não aderimos ao movimento de Coimbra quando la criação da faculdade de Direito em Lisboa.

Não aderimos, não porque

não presassemos muito os interesses da terra que nos foi berço, mas porque vimos logo a questão politica e porque estávamos convencidos de que o desdobraimento não viria prejudicar a cidade, o que aconteceu, pois que está provado exactamente o contrario. Po-consequencia sômos insuspeitos. Mas ainda assim não por dêmos deixar passar sem reparo, que, depois da estrondosa vitoria eleitoral que Coimbra deu ao partido democratico, um ministro deste partido apresente (naturalmente é o agradecimento) semelhan-te — que infantilidade! — que só com a criação completa das universidades de Lisboa e Porto se evitará que a de Coimbra continue a ser reacionaria.

Isso é apenas estúpido, e quem raciocina assim, está abaixo do meu perdigueiro.

A Universidade de Coimbra precisa de ser reformada, demolida na frase filosofica do grande tribuno, que quer dizer — expulsar todos os professores que ensinam por formulas jesuiticas e dar livre entrada ás ideias modernas, á sciencia que os povos emancipados e livres necessitam para caminhar para o Futuro.

Somos democraticos, filia-dos no partido republicano portuguez, mas isso não evita que de cabeça erguida digamos tudo quanto sentimos.

A. N.

Homens & Factos

Que tristeza!

Em toda a parte se vê a mesma coisa. O desanimo é geral. As dedicações verdadeiras estão acabadas.

Ha quasi tres meses que estalou o movimento a favor da Constituição e até hoje tudo na mesma. Porque se espera? Que medidas se tomam para defesa da Republica? Pergunta isto a alma alanceada da Nação esperando que os seus representantes l'ho digam francamente, sem tibiesas, falando claro e sem evasivas.

Tudo assim...

Consta-nos que para alguns dos empregados republicanos do liceu José Falcão, ha neste estabelecimento, uma corrente de desgosto que chega a manifestar-se privando-os de certos direitos que por lei lhe competiam!

Se após o 14 de maio se fizesse aquilo que se prometeu, mandando das repartições toda a gente que não fosse o affecto á Republica já este e outros casos iguais se não dariam.

Assim quem trabalha e se sacrifica e por cima de tudo perseguido, e quem conspira e atraiçoa as instituições gosa das simpatias e boas graças de quem tudo pôde.

Ainda que seja tarde temos fe que um dia tudo isto ha de acabar.

Politica evolucionista

Os evolucionistas antes e depois das eleições gerais, tiveram como estribillo a seguinte frase: avotem, votem, com os democraticos, que os agradecimentos não hão de tardar.

Parece que os nossos governantes estão dispostos a fazer a politica deles...

Se a proposta do sr. ministro de instrucção passa, decerto assim acontecerá.

Pagina de historia

Em 7 de abril de 1810 foram condenados em Tolosa (França) cento e onze herejes, entre eles 33

homens e 31 mulheres a prisão perpétua por faltas como as seguintes:

Bernardo Bosquet, por dar um peixe a uns herejes.

Arnalda, mulher da Raimundo de Beauvoir, por ter tratado, por ordem do marido, dum hereje doente.

Bernarda, por ter lavado a camisa dum hereje.

Pedro de Clairat, por ter barbado outro.

Raimundo Ruein, pescador e sua mulher, por terem vendido peixe a herejes.

Domingos Bonne, por ter recebido deles 30 libras em depósito.

Dulcio, por lhes levar comida.

Pedro Raimundo, por lhes ter levado panos e dinheiro, dos encargos de outros.

Malabia, por lhes ter devolvido um livro e uma camisa que lhe haviam confiado.

Foram queimados vivos 18 herejes, dos quais várias mulheres, e os cadáveres de 4 mulheres e 4 homens, assassinados no carcere.

Na mesma sentença condenavam a ser assoladas quatro casas, como expiação dos pecados de seus donos!...

Como amostra do amor e da tolerancia que as ordas catolicas dizem ter para com os povos, não ha coisa melhor...

LEOTE DO REGO

O illustre deputado da Nação sr. Leote do Rego acaba de enviar para a Camara dos Deputados um officio em que resigna o seu mandato.

Lamentamos profundamente a attitude do heroico marinheiro que á causa da Republica tem dedicado toda a sua energia e boa vontade, e fazemos coro com os que lhe pedem que fique.

A Patria precisa de si, e a Republica, nécessita de quem a defenda, não só nas barricadas, mas tambem dentro do Parlamento.

Por isso mesmo é desejo de todos os bons republicanos ver adentro da Camara dos Deputados a heroica figura de Leote do Rego!

BEMVINDO

Brevemente chegará a Lisboa o heroico tenente Aragão que tão nobremente defendeu em terras africanas a honra nacional.

A este, que não entregou a sua espada, antes a desembainhou para com ela defender numa luta desigual e traiçoeira a bandeira portuguesa, vão por certo prestar uma comovida homenagem de carinho e louvor todos os bons cidadãos. E dessa manifestação, a que o povo irá em massa, tirar-se-ha mais uma vez a prova de que a Nação Portuguesa está identificada com os países que defendendo a Liberdade combatem o barbarismo alemão e em cujo numero se não fosse a politica dubia que se tem feito já ha muito deviamos ter entrado.

Bispo de Coimbra

O sr. Tito de Sousa Larcher vem publicando no jornal Leiria Illustrada uma carta aberta ao bispo de Coimbra, que encerra curras verdades e irrefutaveis argumentos. E' bom que todos o conheçam. Mas, afinal, eles são sempre os mesmos e todos iguais...

CARTEIRA

Partiram para a Figueira da Foz os nossos presados correligionarios e amigos srs. Antonio Ferreira Vas Junior e Antonio Garcia Regencio e o sr. dr. Gaspar Bastos dos Santos.

— Para o Gerez o nosso presado amigo sr. Alfredo Filipe de Matos.

— Para Tavira o nosso amigo e dedicado correligionario sr. Zaccarias da Fonseca Guerreiro.

Secção literaria

POESIA DA ARVORE

Sob o culto Luziado

Arvore das Naus: sacra vitima: Lenho, cruz do meu altar: Por ti minh'alma maritima... Fui o Senhor d'Alem-mar.

II

Arvore das Naus: arvore santa Das Naus do Infante de Sagres: Por mim resa, por ti canta Meu sangue, um mar de milagres

III

Ajoelhai mundo profano; Culto á arvore, — resa a Fama — Fala tímido o Oceano Do Senhor Vasco da Gama.

IV

Senhor das Indias remotas A Arvore deu-me as Galés; Apartei ondas ignotas... Foi varinha de Moisés,

Eu dobrei o Cabo-Arsuto... — Atentam bem no que digo — O' ondas, bocas de perigo, Deveis pagar-me tributo.

VI

Tive heranças, tive pais Mas como um pobre de Cristo Deserdada de todo isto, Agora olho p'ros mais.

VII

Oh Cambes, Sá de Miranda! Arvore das Naus, fui assim... Fui, Senhor em toda a banda, Tive o Mar todo por mim,

VIII

Ora o mar não me dá abraços, E a Terra chama-me estranho... Resta-me o Ceo estende os braços Ver se alcanço o que não tenho.

ARONSO DUARTE

COLONIA MARITIMA DE PERNIS

Comissão organisadora Presidente honorario Dr. Daniel de Matos Vogais A Direcção da Cantina Escolar Subscrição para a Colonia de 1915

Manuel Pereira Junior... 320 Antonio Silva Ferreira... 320 José Domingos Serrado... 320 Lothario Ganhão... 1400 Anonimo... 430 Anonimo... 410 Antonio Correia de Lemos... 410 Luiz Augusto da Fonseca... 350 Dr. Nogueira Lobato... 250 Elizeu da Silva... 220 João dos Santos (Tavara) ... 2000 18230

Misericordia de Coimbra... 2000 Junta de Paroquia de S. Bartolomeu... 2000 Junta de Paroquia dos Olivais... 1200 Adriano do Nascimento... 1600 Mario de Brito... 350 Alfredo da Costa Pinto... 350 Sergio Domingos... 1300 Antonio Henriques... 350 José Francisco Fernandes... 350 Reis Simões... 350 Henrique Alves da Costa... 310 A. B. ... 310 David Leandro... 480

(Continua) Encontra-se já na Figueira da Foz a 1.ª turma de orações em numero de 40. Foram inspecionadas pelos srs. drs. Nogueira Lobo e Cipriano Diniz, assim como o pessoal director, cozinheira, servente, etc. — A segunda turma deve partir no proximo dia 20, sendo composta de crianças de Santa Clara, S. Bartolomeu e Santa Cruz. Nesta freguesia os requerimentos podem ser entregues á Junta de Paroquia até ao dia 16.

Analfabetismo em Portugal

São publicados oficialmente os dados estatísticos do nosso analfabetismo em confronto com o de outros países

A direcção geral de estatística acaba de publicar alguns dados muito curiosos sobre o analfabetismo em Portugal, comparado com o analfabetismo de outros países. Mas como os dados numericos referentes ao analfabetismo não são perfeitamente comparáveis nos varios países, porque não é a mesma base de calculo em toda a parte, para obviar a essa dificuldade, Portugal é, nesse estudo, confrontado com diferentes grupos de países, estudando-se cada uma das bases adoptadas.

Estudando assim o analfabetismo global, tomando por esta designação aquele analfabetismo que incide em toda a população sem distincção de edades, Portugal occupa um lugar de notavel inferioridade em relação aos países da Europa, estando abaixo da Austria, da Belgica, da Bulgaria, da Espanha, da França, da Hungria e da Italia, nos quadros que vão adiante. Está só acima da Romania e da Servia. Na Asia está-lhe superior Ceilão e inferior a India Inglesa. Na Africa fica muito abaixo de Orange e da Colonia do Cabo, enfileirando só acima do Egipto. Na America, o Brasil occupava um lugar inferior ao nosso em 1890; mas nesta data não sabemos por falta de dados estatísticos, se essa inferioridade se manterá, o mesmo podendo dizer-se de Guatemala e Costa Rica. Superiores ao nosso país, porém, estão o Chile, a Colombia, Cuba, as Honduras Britanicas e o Uruguay. Somente ficava abaixo de nós o Mexico, em 1910, não sendo plausível que mudasse até hoje de posição.

Fazendo a comparação do analfabetismo de cada sexo vê-se que a mulher é menos letrada do que o homem nos países que figuram nos quadros, exceptuando-se somente a Colonia do Cabo, onde o sexo feminino é um pouco mais instruido do que o masculino. A diferença entre o iletrismo da mulher e o do homem varia muito, não passando em alguns países de 2 a 3 % (Belgica e França) e indo noutros a mais de 20 % (Bulgaria). Portugal ocupa, neste particular, uma situação intermedia (cerca de 12 %).

Quanto ao progresso annual de todo o país, só estávamos acima da India Inglesa, do Egipto e do Mexico. Note-se a Hespanha tem um progresso quasi igual ao dobro do nosso.

O progresso do sexo feminino é maior do que o do sexo masculino na Belgica, na Hespanha, na Italia e na India Inglesa, sendo menor na Bulgaria, em Portugal, no Egipto e no Mexico. Na França, o progresso é igual aos dois sexos.

Os dados referentes a Portugal só chegam até 1911, ano em que foi feito o ultimo censo da população; nestas condições, fica esclarecido que os numeros apresentados

dão o estado em que o regimen depesto em 5 de outubro de 1910 deixou a instrução elementar.

Quanto ao analfabetismo retificado, ou seja a parte em que do calculo se excluem as crianças, não ha uniformidade em todos os países nas idades a excluir. Da diversidade de criterios adoptados resultou a necessidade de organizar diferentes quadros comparativos conformes a base do calculo.

1.º — *Acima de 5 anos*: Quanto a Europa, estamos muito peor do que a ilha da Malta, quanto a America vamos o Canada com uma cifra quasi 7 vezes menor que a nossa e até a Guiana Inglesa com menos de 30% de analfabetos que Portugal. O nosso progresso annual fica muito aquém do da Belgica, sendo menos de metade do da Espanha.

2.º — *Acima de 6 anos*: Portugal occupa a peor posição em face dos outros países, tanto no estado em que se encontra a sua instrução em 1911 como no seu progresso annual, que é 3 vezes menor que o da Italia, 4 vezes menor que o da Argentina e 13 vezes menor que o do Uruguay. Na Italia e na Argentina, como em Portugal, é maior o progresso do sexo masculino.

3.º — *Acima de 7 anos*: Aparece-nos pela primeira vez a Bolivia, com um analfabetismo maior do que o nosso em 1900, não sendo possível, contudo, assegurar que ainda hoje succede o mesmo, visto desconhecermos o progresso annual desse país. A Romania apparece com um analfabetismo retificado 7 a 8, menor em cerca de 10% do que o de Portugal, o que mostra que a Romania deve ser um país de progresso annual muito superior ao nosso. Com a Bulgaria succedeo o mesmo, pois, estando-nos inferior em 1892, já em 1905 nos passou adiante comprehendendo-se bem que assim fosse, visto haver lá um progresso annual 4 vezes maior do que em Portugal; ha somente um facto desfavoravel a Bulgaria em relação a nós, e é que a mulher bulgara é ainda bastante mais analfabeta do que a portuguesa, mas essa inferioridade desapareceria em breve se os nossos numeros não melhorassem dentro em pouco, visto que na Bulgaria o progresso feminino é cerca de 2,5 vezes maior do que em Portugal.

4.º — *Acima de 8 anos*: Mostra-se a nossa superioridade somente sobre o Egipto, onde, de 1897 a 1907, o analfabetismo do homem se manteve estacionario, havendo contudo, um progresso feminino quasi igual ao nosso.

5.º — *Acima de 10 anos*: Pela primeira vez nos é dado comparar Portugal, na Europa, com a Finlândia, a Grecia, a Irlanda, a Russia Europeia e a Servia, sendo este ultimo o unico desses 5 países que nos está inferior em 1900; contudo,

não é dado concluir pela manutenção dessa inferioridade neste momento, visto desconhecermos o progresso annual da Servia, o heroico país balkânico que arrostou com o ultimatum austriaco. Na America, só o Mexico está inferior a Portugal, não sendo, contudo, mui notavel a diferença entre o analfabetismo dos mexicanos de 12 anos e dos portugueses de 10 anos. Digno de atenção é o facto de na Norte-America ser mais instruida do que nós a raça negra, e até a dos indios, que ali são mais letrados do que os portugueses em cerca de 22 por cento. Acima de nós estão também o Chile, Cuba e até Porto Rico. Na Asia e na Oceania estão-nos inferiores a Russia (Caucasia, Siberia e Asia Central), e a India Inglesa; mas muito mais favoraveis do que os nossos numeros mostram-se-nos as Filipinas e as Sandwich, estas ultimas ilhas com um letrismo superior ao nosso em muito mais de 40 por cento. Na Confederação Australiana as cifras são extremamente favoraveis, dando a esse admiravel país um lugar muito superior a maioria dos europeus e americanos, incluindo a Norte America. A União Sul-Africana tem um letrismo ligeiramente superior ao nosso (69,7 por cento contra 68,9 por cento), sendo esse facto devido á dificuldade de difundir a instrução pelas raças saõ europeas; mas, descendo ao estudo de cada um dos países dessa União, nota-se que nos está superior o Cabo e ainda mais o Orange, não ficando o Transvaal abaixo de Portugal em mais de 0,5 por cento. O Natal está, pelo contrario, muito abaixo de nós sendo a sua percentagem muito aproximada da Russia asiatica. No que respeita ao progresso annual, que infelizmente só podemos averiguar num limitadissimo numero dos países que figuram no quadro V, nota-se que a Finlândia o tem mais de 4 vezes maior do que nós, e a Norte-America, não obstante a sua imigração de letrismo muito superior ao dos naturais, ainda atinge um progresso annual quasi 4 vezes maior do que o de Portugal; ali, o progressivo annual é maior na mulher do que no homem. Um facto bem digno de registro é este: A Espanha tem um analfabetismo muito maior do que o de Cuba e ainda bem sensivelmente superior ao das Filipinas, o que dá uma incontestavel superioridade a essas antigas colonias hespanholas sobre a mão que os dominou até 1898.

6.º — *Acima de 15 anos*: O estudo do analfabetismo, retificado de 15 a 0, só é feito hoje, com exclusão doutras idades, na Finlândia, e não nos parece que o criterio desta base eterea seja bom; nem por isso, contudo, deixa de importar nos o conhecimento das cifras respectivas. Na Belgica, o analfabetismo de 10 a 0, sem distincção de sexos, é menor do que o de 15 a 0, nas mesmas condições; em Portugal succede outro tanto. Significa isto que, entre 10 e 15 anos, aprende muita gente a ler nos dois países, sendo toda, ella do sexo masculino, que tem um ile-

trismo de 15 a 0 menor que o de 10 a 0, ao passo que na mulher, acontece precisamente o contrario.

Quanto ao analfabetismo dos recrutados, tambem a direcção geral de estatística nos fornece alguns dados. Em alguns países, os recrutados são o unico elemento da população em que directamente se investiga o estado e o progresso da instrução elemental (Alemanha, Dinamarca, Suecia e Japão); noutros recorre-se aos recrutados e aos nubentes (Holanda, Inglaterra e Suissa); noutros, finalmente, faz-se tambem a investigação do iletrismo nos recrutados e nos nubentes, mas, além disso, procura-se saber qual o estado do analfabetismo em toda a população (Belgica, Bulgaria, França, Italia, Portugal, Romania, Russia, Servia, etc.). Portugal occupa a posição mais desfavoravel no tocante ao estado de analfabetismo dos recrutados, e quanto ao progresso annual, está só ligeiramente superior a Italia, dis-

tanciando-se enormemente sobretudo da Alemanha, da Dinamarca, da Holanda, da Suecia, e do Japão. Mais grave é ver-se que, entre 1890 e 1900 o analfabetismo dos nossos valentes marinheiros augmentou de tal modo que a instrução elemental deles se manifestou com um progresso annual de 1,34 por cento. Uma miseria inqualificavel! De 1900 a 1911 houve, e contd, um progresso de 1,1 por cento em cada ano; mas que é isso, sabendo-se que em 1911 quasi 80 por cento dos recrutados da armada eram analfabets? A monarchia deixou-nos em tal estado que até o iletrismo da Argelia é 6 vezes menor do que o nosso.

Tudo isto prova o atrazo em que a monarchia nos deixou quanto á instrução elemental e á urgente necessidade que ha de fazer uma intensa campanha contra o analfabetismo, que é preciso para que o país se possa desenvolver, extinguir radicalmente.

A segurança no amor

VELAS D'ERBON

formula Franceza

PREPARADO anti procreativo inteiramente inofensivo e da mais absoluta confiança e garantia! O mais conhecido em todo o paiz e o primeiro que se divulgou em Portugal!

Superior aos melhores productos similares estrangeiros! Preparado extraordinariamente pratico e perfeitamente imperfeccivel! *Deitos, causas, e contagens das Velas d'Erbon* sob o abranço de que haes compoer a sua parte e a sua formula.

Regeitem sempre, por incomodos e perigosissimos todos os aparelhos que não a causa de graves infeccoes e de imensas enfermidades uterinas! que ninguém use ou compre qualquer outro preparado, producto ou aparelho para o mesmo fim, sem primeiro ler o livrinho de mais palpitante interesse e actualidade!

Este interessante livro dá se a toda a gente que o requisite, gratuitamente, e envia se tambem pelo correio em envelope fechado e sem carimbo, mediante uma estampilha de 25 reis para o porte. Este debate a questão de moralidade em que muitos collocam a propaganda deste preparado, tratando do facto de se preñar na sua prohibição, frisando e fazendo notar os crimes, os remorsos e os perigos que se evitam com o seu uso, as doenças contagiosas que impedem, e, por ultimo, salientando-lhe os PERIGOS em usar certos preparados e aparelhos que se vendem para o mesmo fim.

É um livrinho que se lê dum folgo e com interesse e quetodos devem possuir. — Caixa de 56 velas, 22250; 1/2 caixa de 28 velas, 14350. Pelo correio, porte gratis, como amostra ou mais 100 r.-is lacrado e occulto. Depósito geral para Portugal: colonias e Brasil: FARMACIA J. NOBRE, 35 Rua da Mouraria, 37, LPLIBY A venda em Coimbra, na drogaria M. P. Marques, r.issa 8 de Maio 33 a 36, onde tambem se dão gratuitamente para

Origens do Crime

O crime tem as suas origens nas perturbações da nossa organização social, e, enquanto estas perturbações não tiverem desaparecido quando forem atenuadas, a florescencia do crime persistirá, quaisquer que sejam a severidade e o rigor das leis penaes. Estas perturbações proveem ora de

enfermidades fisicas ou morais, ordo de rigor e da instabilidade das condições economicas, e ora da degradação da vida e dos costumes entre nas correntes. A verdadeira forma de diminuir a criminalidade era extirpar-lhe as raizes, e o unico processo para os extirpar é acabar com os defeitos sociais de onde ella proveio. M. MORRISSON

Folhetim d'A CORJA

OS MISTERIOS DA TORREJA

Versão de Gomes Leal

PRIMEIRA PARTE

Come se tanonisa um pilhoso

CAPITULO I

A DOUDA

Mas agora, acrescenta a abadesa com serenidade, está bastante segura no fundo de um in pace, tapado por uma pesada pedra, onde recebe apenas o pão quotidiano a travéz de uma grade.

Ha tres dias, pelo menos, pois até então, ninguém dela se preocupava, e stacada de uma sorte de desespero. Arremessa fóra o pão,

derrama o cantaro da agua, e clama que quer morrer. Se rompe o silencio, ou a sua usual imobilidade, é para pedir que a deixem ver o novo Papa, que os sinos de Roma anunciaram no mex findo, ao orbe cristão. Asservera que ele só pode vingar a sua filha, e punir o seu homicida.

Leão X, que havia escutado atentamente, permaneceu alguns instantes aprensivo. Depois, respondeu suspirando:

— Acusa um sacerdote! Que Deus lhe perdoe!

— Amen, salmudion o bobo.

Os lamentos porém da orate não eram já simplesmente lamentos, mas verdadeiros gritos, uivos de besta fera ferida. Das entranhas do solo resudavam imprecações, distinguiam-se nitidamente palavras e frases desmanchadas.

— O Papa! O Papa!... Quero falar-lhe antes de morrer!... Quero que elle excomungue o miseravel!

— E entre soluços e gemidos encadeados, distinguia-se sentidamente: — Oh! minha pobre filha!... Tão bela!... O' minha filha!... Meu amor!

Mas Leão X permanecia silente, numa atenção muda, e a abadesa sentiu-se varada do receio de que aquelle episodio lugubre tivesse desgostado o seu hospede.

— Urge faze-la calar? interrogou com ar resoluto.

E sorriu, pondo em evidencia os seus dentes de um belo esmalte.

— Não, tornou o Pontifice. Sinto-me de humor alegre esta tarde, e pendendo para a magnanimidade. Já que a essa doida lhe dá a mania para me ver antes de falecer, demos-lhe esse gaudio.

— Forem, não temeis? ...

— Sús!... Porque falais em medo?... Fazei cumprir as minhas ordens, peço-vos. Talvez a historia que conte seja bem picante, e mereça ser levada ao teatro pelo meu amigo Machiavello, ou pelo nosso digno cardeal Bibiena.

As monjas, que instantes antes haviam sido trespassadas por um panico inconsciente, acolheram com um gorgoeado chilrido d'aplauso a ordem do Pontifice. Só a abadesa resistia ainda.

Ne momento porém em que

desgerrava os labios para opor-se aquelle joguete que reputava perigoso, a contração do supercilho do Pontifice advertiu-a de que seguia por caminho errado. Conhecendo bem o Pontifice e os seus prazeres tremendos, tão tremendos como a sua colera, baixando as palpebras, e fazendo uma mesura, unicamente para o Pontifice.

— Obedeço, Pai meu! ...

Clamorosos aplausos acolheram estas palavras de obediencia e todas as belas monjas recommearam as suas risadas e as suas cantigas dilatadas de gaudio, á ideia do espectáculo que se annunciava. Mas, nisto, soaram as seis horas e o tangido agudo dum outro sino feriu o ar. E o Angelus, clamaram. E fazendo o sinal da orca todas se ajoelharam, entoando a melopea melancolica das vesperas.

O inquisidor, entretanto, havia avançado alguns passos.

— Vós aqui, Hochstratten?!

— Desejava falar-vos.

— Tinha-te marcado o dia de amanhã.

— Pois bem esse amanhã é hoje,

— Já? Como passa o tempo! Repara: agora mesmo é que vai começar a ceia.

E, de facto, neste instante, os pagens entraram com as mesas.

Mas o inquisidor insistindo sempre, disse obstinado:

— O caso urge. Serei breve.

— Prometes-m'o?

— Estareis de volta antes que a ceia seja servida.

— Assim seja. Vamos.

Passaram ao gabinete de entrada, e depois de haver cerrado esrupulosamente a porta o inquisidor disse a Leão X:

— Antes de tudo, deixai que vos felicite pelo estado da vossa saude, de dia para dia mais florescente.

— Mais baixo!... Endoidedei! Queres que os cardiais que me deram os votos o mex o passado, só porque me julgaram moribundo, queres que suspeitem que eu os burlei? ...

— E como poderão saber-o?

— Eu sei! E' o caso advertir-te que em parte alguma as paredes tem tantos ouvidos como no Vaticano, e não estamos longe d'ella!

Coisas de utilidade

CORREIOS E TELEGRAFOS

Taxas do serviço telegrafico para todo o continente

Table with 2 columns: Service type (Ordinarios ou particulares, Noticiosos quando dirigidos para jornais) and Rates (Taxa fixa, Cada palavra, Impresso).

Telegramas urbanos. — A taxa fixa destes telegramas é de 2 centavos e cada palavra 0,2. Estes telegramas só comportam a operação necessaria de endereços multiplos nos termos dos telegramas ordinarios.

OBSERVAÇÕES UTEIS

Telegramas urgentes. (com prioridade de transmissão sobre os telegramas particulares). — Pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria e mais o duplo da mesma taxa. Se o telegrama tiver operações accessorias acresce a taxa respectiva.

Telegramas confidenciaes (sujeitos a repetição integral de estação em estação, de todo o seu contexto). — Pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria e mais a de um telegrama ordinario de 5 palavras.

Telegrama com resposta paga. — Paga a taxa ordinaria que lhe competir pela sua categoria, mais a mesma taxa pela resposta quando for indicado o numero de palavras ou a de um telegrama de 10 palavras quando não for indicado o numero de palavras.

Recibos de telegrama, por cada um \$20.

Telegramas para fazer seguir (transmitidos successivamente ás direcções indicadas no endereço, até sua entrega, ou para as direcções que forem indicadas no domicilio do destinatario). — Pagam, alem da taxa ordinaria que lhes competir, a taxa para cada reexpedição.

Cópias. — Extraídas dos telegramas a pedido dos expedidores ou destinatarios, até 100 palavras, \$50; por cada série a mais de 100 palavras ou fracção, \$50.

Certidões. — Idem, idem, \$100. Havendo busca cobrar-se-ha por cada mês e por estação \$20.

Os sinais da pontuação, quando transmitidos, são contados cada um como uma palavra. Os telegramas noticiosos que contiverem qualquer parte de caracter particular pagarão como telegramas particulares.

Portes das correspondencias ordinarias, cartas com valor declarado e encomendas postais

Portugal e Hespanha, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas

Cartas, cada 20 gr. ou fracção 0,25. — Bilhetes postais simples, 0,01. — Bilhetes postais de resposta paga, 0,02. — Cartões postais, 0,25. — Cartões postais de resposta paga, 0,05. — Jornais, cada 50 gr. ou fracção 0,025. — Impressos, idem, 0,05. — Amostras sem valor, idem, 0,05. — Manuscritos, até 250 gram., 0,25. — Cada 50, a mais, 0,05. — Cartas com valor declarado, cada 20\$ ou fracção (alem do porte e premio de registo) 0,02. — Encomendas postais (continente e ilhas), até 3 kilogr., \$10; de mais de 3 até 5 kilogr., \$15. (As cartas para Hespanha teem a franquia \$02,5 por cada 15 gramas ou fracção). O peso maximo das amostras para o continente é de 350 gramas para Hespanha é de 500 gramas.

Estrangeiro exoetnando a Hespanha

Cartas, até 20 gram., 0,05; cada 20 gram. a mais, 0,03. — Bilhetes postais simples, 0,02. — Bilhetes postais de resposta paga, 0,04. — Cartões postais, 0,05. — Jornais e impressos, cada 50 gramas ou fracção, 0,01. — Amostras sem valor, até 100 gram., 0,02; cada 50 gram. ou fracção a mais, 0,01. — Manuscritos, até 250 gram., 0,05; cada 50 gram. ou fracção a mais, 0,01.

Transferencias de dinheiro por meio de correio e telegrafo

Pode-se transferir para todas as terras do pais, e para as ilhas adjacentes, colonias portuguesas, estrangeiro, e vice-versa por meio de vales postais ou telegraficos. Para o continente e ilhas os vales postais podem ser nominais ou ao portador. O valor maximo dos vales de correios e telegraficos é de 500\$ quando tiverem de ser pagos nas sedes dos districtos; de 200\$ nas cabeças de concelhos ou comarcas.

O tomador do vale postal, paga de premio \$02,5 por cada 5\$00 ou fracção desta quantia até 80\$00; desta importancia para cima paga \$02,5 por cada 10\$00 ou fracção desta quantia.

O tomador do vale telegrafico paga alem das taxas inerentes do vale postal \$30 de taxa telegrafica nas estações do corrente do continente, e nas ilhas adjacentes entre si.

Os vales tomam-se em qualquer das estações postais que fazem transmissão de fundos.

Os tomadores de vales para Hespanha pagam 2% sobre a importancia transferida. Para America do Norte \$02,5 por cada 5\$00 ou fracção. Para a Gran-Bretanha \$05 por cada 5\$00 ou fracção. Para os restantes paises, \$05 por cada 10\$00 ou fracção. Para as colonias ultramarinas \$15 por cada 5\$00 ou fracção.

Cobranças e assinaturas de jornais

O correio encarrega-se da cobrança de recibos, letras e obrigações e outros titulos, descontando da liquidação a importancia do vale do correio e respectivo selo.

Por cada titulo paga o remetente \$01 dos impressos e \$01 de cada titulo.

Encarrega-se tambem de assinaturas de jornais e publicações periodicas do estrangeiro.

DEPURATOL

(Soberbo remedio de origem alemã)

Depurativo e anti-sifilitico de todos o mais preconizado pela classe média. E O UNICO com que os doentes se podem tratar até a cura completa (sem deixar o menor vestigio), andando nas suas occupações habituais, nae suas viagens, nos seus passeios, sem o mais leve incomodo e sem o mais ligeiro inconveniente. Eficaz em qualquer época do ano e podendo ser usado com qualquer temperatura: chuva, frio ou calor! Grande remedio, de efeitos admiraveis, recomendado pelos medicos e pelas inumeras pessoas que o teem tomado. Energetico e inofensivo!

O mais energico, depurativo e mais eficaz purificador do sangue! O UNICO que não exige dieta ou resguardo. O UNICO que não causa a minima alteração no organismo do doente, quer seja tomado por adultos, quer por crianças, quer por pessoas fracas e de idade avançada! O UNICO que abre o appetite, dá energia e um bem estar geral ao doente! O UNICO que não exige o auxilio de lavagens, pós, pomadas, gargarejos e outros tratamentos secundarios.

O preço actual do DEPURATOL

Pelo decreto n.º 162, publicado em 14 de outubro de 1913 é ATUALMENTE EM VIGOR

Muito importante. Todas as especialidades de formula e origem estrangeira sobrecaaregidas com um selo fiscal especial, que varia conforme a qualidade e quantidade do medicamento. Assim, o Depuratol, sendo uma especialidade farmaceutica de origem alemã, formula dum illustre medico e professor alemão, é, pelo referido decreto, obrigado a levar um selo de 5 centavos por cada tubo, importancia esta que — bem a nosso pesar — nos vemos forçados a juntar ao preço antigo deste incomparavel e soberbo remedio, que pasdata a vender-se ao preço seguinte:

1 tubo, 1\$050 e 6 tubos, 5\$300

Cada tubo dá para 9 a 12 dias de tratamento

e o porte pelo correio é gratis para toda a parte

Este facto vem demonstrar exuberantemente e numa forma clara e poqvã as nossas afirmamões de sempre: Que o Depuratol é um depurativo s origem estrangeira, formula dum distincto medico alemão, que applicado e nosso pais tem dado os resultados soberbos na cura da sifilis, de que são nestas múnhas dezenas de milhares de pessoas! São factos de todos os dias i usó por si bastariam para justificar o seu consumo extraordinário e quã-ioniversal!

A saúde e o bem estar constituem a maior riqueza dum homem, portanto estamos certos que não será por tão pequeno aumento — de que aliás não temos culpa, mas antes nos penalisa — que qualquer doente deixará de se tratar e curar!

Que todos se tratem pelo DEPURATOL, o unico e verdadeiro remedio da SIFILIS!

Pedir livro de instruções em todos os depositos. D-posito geral para Portugal e Colonias: Farmacia J. Nobre, 35, Rua da Mouraria, 37 — LISBOA. A venda em COIMBRA, na Drogaria de M. P. Marques, Praça 8 de Maio, 33 a 36. Tambem nesta casa se distribuem livros.

NOVIDADE LITERARIA

Cem grandes virtudes em cem pequenos capitulos

Assim se intitula o volume que o nosso colaborador sr. Luis Leitão vai publicar em breve, editado pela conhecida livraria Ferin, de Lisboa, que antecipadamente recomendamos aos leitores.

Propaganda contra o joço

Ninguem deve deixar de ler os seguintes livros de

VITORINO COELHO

«A Negação do azar» — «O Problema do Jogo» — «Uma cruzada moral» — «A Fisiologia do Jogo» — «A Ciencia da Roleta».

Livros de 200 paginas cada, por 40 centavos apenas.

Pedidos à Livraria Ventura Abrantes, Editor — Rua do Alecrim, 80 LISBOA

Atlas de Geografia

POR

J. Monteiro

Contendo, separadamente: Mapa

Mundi, Europa, Africa, Asia, America do Norte, America do Sul, Oceania, Brasil, Portugal, Arquipélago dos Açores, Arquipélago da Madeira, Arquipélago de Cabo Verde, Ilha de S. Tomé e Príncipe, Provincia de Angola, Provincia de Moçambique, Guiné Portuguesa, Damão, Territorio de Goa, Ilha de Din, Provincia de Macau e Ilha de Timor.

Edição das Livrarias Aillaud & Bertrand. — LISBOA.

Vertical advertisement for A CORJA magazine, listing subscription rates and terms.

Parece-me muito conveniente manter por muito tempo o Sacro Collegio neste erro! Não o esqueças, acrescenton, tomando a sua mascara de dignidade. Tenho muitos inimigos entre os republicanos, para que queira, crear outros nozivos. — E' tambem essa a minha opinião. Muito mais quando ha obstaculos de todo o genero. — Ah! — suspirou melancolicamente o Pontifice, os apuros financeiros com especialidade! — Sim, com especialidade, — aprovou o inquisidor. E para provar que proverbio não mente, os vossos suissos ameaçam abandonar-vos. — O que me dizes? — A verdade. O vosso predecessor Julio II estipendiaria-lhes soldo, dizem, alem disso dava-lhes ensejo de fazerem a guerra. Vós não somente não lhes daes nada, mas de mais a mais os conservais em Roma, em doce ocio. — Eu os farei entrar em campanha! Porem, não por ora. Promti dez anos de paz ao Conclave. Que os suissos me concedam alguns meses,

— Se não lhes daes soldo, não vos deixarão quieto. — Diabo! — E que ainda é peor, gritarão, e a religião se desacreditará. — Enganas-te. Desacreditada está ella! Os meus credores perseguem-me. Bem sabes os encargos que sobre mim pesam! — Sei, retorquiu o inquisidor, relanceando um olhar á porta da sala grande. Sei tambem que se não pode contar com a caridade dos fieis para encher o orario pontifical, porque os paises mais affetos á igreja são tambem os mais pobres. Carlos V deixou sem um ducado todos os povos que conquistou para a nossa Fé. Enquanto aos paises opulentos a França por exemplo, pende para a impiedade, a despeito dum rei beato. — E' certo. Os devotos já não dão esmolas! O contrato com os judets tem-os pervertido! O selo deminhe! Porque? — Porque nos deixamos adormecer. Seria necessario um latego terrivel para o fazer despertar.

«Estou descontente da mesma Inquisição! — Sois difficil de contentar. — Escutai: a fogueira é um bom meio de herdar, porem, aterra: e, demais, não se pode queimar todo o mundo, e repovoal-o de novo todos os anos. — Urge encontrar coisa melhor. Necessito de uma inexgotavel mina, comprehendes Hochstratten? Duma interminavel mina, que cresça á medida das minhas necessidades e dos meus caprichos! Supões, talvez, que me expriço como um homem possesão de desejos de prodigialidades insanas, que tira dinheiro desatinadamente, pelo gosto de dispendir? Enganas-te. Escuta-me atentamente. Preciso muito ouro. Ah! porque não foi um subdito do Papa o que descobriu a America, patria da Riqueza? — Almejo ter muito ouro, antes de tudo, e sobretudo para os meus delestes, porque só o amor é verdadeira neste mundo, e no outro, — se é que existe o outro, — e depois para minha gloria propria e do Papado. Quero estabelecer uma aquitativa

proporção: — gastarei a favor de Roma tanto como para mim, um pouco na guerra (não muito porque a temeridade não é o meu frac, e provy-o em Rovéna) e tambem em obras primas de outro genero. Aos prodigos absolvem-os facilmente. De Lourenço de Medicis, por exemplo, meu pai, esqueceu Florença facilmente as crueldades, e o mais, para só se lembrar de que protegen as artes e os artistas, e Florença o apelidou o «Magnifico!» Eu quero seguir este exemplo, e fazer-me absolver de todas as fragilidades que se censuram em Alexandre VI á força de gloria e renome. — Quero cercar-me de homens de letras, de sabios, coroar-me com os raios de claridade das suas aureolas! Já vinculei a mim a amisade de Rafael, e retratado pelo seu pincel estou seguro de atingir a celebridade. Miguel Angelo é o mais difficil de domar. Mas possuo um meio de domar o fero leão! Projecto oferecer-lhe um assunto digno do seu génio. O que Brunel-leschi conseguiu construindo em

Florença a maravilhosa cupula de Santa Maria das Flores, quero eu que Miguel Angelo execute a sobrepuje em Roma arremessando aos ares uma basilica digna da capital do mundo cristão, a mais basta e mais audaz que existe sob o ceu! Vais-me comprehendendo? Imaginas que em face de obra tal, de que terei sido o iniciador, haverá homem algum no mundo, ainda que seja tão grande como Savonarola, que se atreva a atacar-me?... Crés que algum leve a audacia e dirigir-me o mais innocente vituperio?... O Papa, desafiando os seus projectos do ambicio, via-se animado visivelmente. O inquisidor, que até então se havia mantido no mais respeitavel silencio, apogou todo aquele entusiasmo com uma palavra como a uma vela apaga a aragem. — Mas que é do dinheiro? perguntou. — Ah! sim eis o x do problema. Onde o encontrarei? — Leão x cravou o olhar no inquisidor.

(Continua)

Coisas de utilidade

CORREIOS E TELEGRAFOS

Taxas do serviço telegrafico para todo o continente

Ordinarios ou particulares... Cada palavra... \$0.05
Impresso... 0.05

Noticiosos quando dirigidos para jornais... Cada palavra... 0.05
Impresso... 0.05

Telegramas urbanos... A taxa fixa destes telegramas é de 2 centavos e cada palavra 0.02. Estes telegramas só comportam a operação necessaria de endereços multiplos nos termos dos telegramas ordinarios.

OBSERVAÇÕES UTEIS

Telegramas urgentes. (com prioridade de transmissão sobre os telegramas particulares). — Pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria e mais o duplo da mesma taxa. Se o telegrama tiver operações accessorias acresce a taxa respectiva.

Telegramas conferidos (sujeitos a repetição integral de estação em estação, de todo o seu contexto). — Pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua categoria e mais a de um telegrama ordinario de 5 palavras.

Telegrama com resposta paga. — Paga a taxa ordinaria que lhe competir pela sua categoria, mais a mesma taxa pela resposta quando for indicado o numero de palavras ou a de um telegrama de 10 palavras quando não for indicado o numero de palavras.

Recibos de telegrama, por cada um \$20.

Telegramas para fazer seguir (transmitidos sucessivamente ás direcções indicadas no endereço, até sua entrega, ou para as direcções que forem indicadas no domicílio do destinatario). — Pagam, alem da taxa ordinaria que lhes competir, a taxa para cada recepção.

Cópias. — Extraídas dos telegramas a pedido dos expedidores ou destinatarios, até 100 palavras, \$50; por cada série a mais de 100 palavras ou fracção, \$50.

Certidões. — Idem, idem, \$100. Havendo busca-cobrar-se-ha por cada mês e por estação \$20.

Os sinais da pontuação, quando transmitidos, são contados cada um como uma palavra. Os telegramas noticiosos que contiverem qualquer parte de caracter particular pagarão como telegramas particulares.

Portes das correspondencias ordinarias, cartas com valor declarado e encomendas postais

Portugal e Hespanha, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas

Cartas, cada 20 gr ou fracção 02,5. — Bilhetes postais simples, 0\$01. — Bilhetes postais de resposta paga, 0\$02. — Cartões postais, 02,5. — Cartões postais de resposta paga, 0\$05. — Jornais, cada 50 gr ou fracção 002,5. — Impressos, idem, 0,05. — Amostras sem valor, idem, 00,5. — Manuscritos, até 250 gram., 02,5. — Cada 50 a mais, 00,5. — Cartas com valor declarado, cada 20 gr ou fracção (alem do porte e premio de registro) 0\$02. — Encomendas postais (continente e ilhas), até 3 kilogr., \$10, de mais de 3 até 5 kilogr., \$15. (As cartas para Hespanha têm a franquia \$02,5 por cada 15 gramas ou fracção). O peso maximo das amostras para o continente é de 350 gramas para Hespanha e de 500 gramas.

Estrangeiro excoetando a Hespanha

Cartas, até 20 gram., 0\$05; cada 20 gram. a mais, 0\$03. — Bilhetes postais simples, 0\$02. — Bilhetes postais de resposta paga, 0\$04. — Cartões postais, 0\$05. — Jornais e impressos, cada 50 gramas ou fracção, 0\$01. — Amostras sem valor: até 100 gram., 0\$02; cada 50 gram. ou fracção a mais, 0\$01. — Manuscritos: até 250 gram., 0\$05; cada 50 gram. ou fracção a mais, 0\$01.

Parece-me muito conveniente manter por muito tempo o Sacro Colegio neste erro! Não o esqueças, acrescentou, tomando a sua mascara de dignidade. Tenho muitos inimigos entre os republicanos; para que queira, cear outros nozinhos.

— E' tambem essa a minha opinião. Muito mais quando ha obstaculos de todo o genero.

— Ah! — suspirou melancolicamente o Pontífice, os apuros financeiros com especialidade!

— Sim, com especialidade, approvou o inquisidor. E para provar que probervio não mente, os vossos suissos ameaçam abandonar-vos.

— O que me dizes?

— A verdade, o vosso predecessor Julio II estendera-lhes soldo, dizem, alem disso dava-lhes ensino de fazerem a guerra. Vós não somente não lhes dades nada, mas de mais a mais os conservais em Roma, em doce ocio.

— Eu os farei entrar em campanha! Porém, não por ora. Prometti dez annos de paz ao Conclave. Que os suissos me concedam alguns meses.

— Se não lhes dades soldo, não vos deixarão quieto.

— Diabolo! Não os deixarão quieto.

— E que ainda é peor, gritarão, não a religião se desacreditará.

— Enganas-te! Desacreditada está ella! Os meus oradores perseguem-me.

— Bem sabes os encargos que sobre mim pesam!

— Sei, retorquiu o inquisidor, relanceando um olhar á porta da sala grande. Sei tambem que se não pode contar com a caridade dos fieis para encher o erario pontifical, porque os países mais afetos á igreja são tambem os mais pobres. Carlos V deixou sem um ducado todos os povos que conquistou para a nossa Fé. Enquanto nos países opulentos a Franca, por exemplo, pende para a impiedade, a despeito dum rei boato.

— E' certo. Os devotos já não dão esmolas! O contrato com os judeus tem os pervertidos! O zelo deminui! Porque? — Porque nós os deixamos adormecer. Seria necessario um latego terrivel para fazer despertar.

— Estou descontente da mesma Inquisição!

— Sois difficil de contentar.

— Escutai: a fogosidade é um bom meio de herdar, porém, aterra; e demais, não se pode queimar todo o mundo, e reprovado de novo todos os annos.

— Urge encontrar coisa melhor. Necessito de uma inexgotavel mina, comprehendes Hochstratten?

— Duma interminavel mina, que cresça á medida das minhas necessidades e dos meus caprichos! Supões, talvez, que me exprimo como um homem possessor de desejos de prodigalidades insanas, que tira dinheiro desatinadamente, pelo gosto de dispendio?

— Enganas-te. Escuta-me atenta-

mente. Preciso muito ouro, Ah! porque não foi um subito do Papa o que descobriu a America, patria da Riqueza?

— Almejo ter muito ouro, antes de tudo, e sobretudo para os meus delestes, porque só o amor é verdade neste mundo, e no outro.

— se é que existe o outro, e depois para minha gloria propria e do Papado. Quero estabelecer uma aquitativa

Transferencias de dinheiro por meio de correio e telegrafo

Pode-se transferir para todas as terras do pais, e para as ilhas adjacentes, colonias portuguesas, estrangeiro, e vice-versa por meio de vales postais ou telegraficos. Para o continente e ilhas os vales postais podem ser nominais ou ao portador. O valor maximo dos vales de correios e telegraficos é de 500\$ quando tiverem de ser pagos nas sedes dos districtos, de 200\$ nas cabeças de concelhos ou comarcas.

O tomador do vale postal, paga de premio \$02,5 por cada \$500 ou fracção desta quantia até 80\$00; desta importancia para cima paga \$02,5 por cada 10\$00 ou fracção desta quantia.

O tomador do vale telegrafico paga além das taxas inerentes do vale postal \$30 de taxa telegrafica nas estações do corrente do continente, e nas ilhas adjacentes entre si.

Os vales tomam-se em qualquer das estações postais que fazem transmissão de fundos.

Os tomadores de vales para Hespanha pagam 2% sobre a importancia transferida. Para America do Norte \$02,5 por cada \$500 ou fracção. Para a Gran-Bretanha \$05 por cada \$500 ou fracção. Para os restantes países, \$05 por cada 10\$00 ou fracção. Para as colonias ultramarinas \$15 por cada \$500 ou fracção.

Cobranças e assinaturas de jornais

O correio encarrega-se da cobrança de recibos, letras e obrigações e outros títulos, descontando da liquidação a importancia do vale do correio e respectivo selo.

Por cada titulo paga o remetente \$01 dos impressos e \$01 de cada titulo.

Encarrega-se tambem de assinaturas de jornais e publicações periodicas do estrangeiro.

DEPURATOL

(Soberbo remedio de origem alemã)

Depurativo e anti-sifilitico de todos e mais preconizado pela classe medica. O UNICO com que os doentes se podem tratar até a cura completa (e sem deixar o menor vestigio), andando nas suas occupações habituais, nas suas viagens, nos seus passeios, sem o mais leve incomodo e sem o mais ligeiro inconveniente! Efficaz em qualquer época do ano e podendo ser usado com qualquer temperatura: chuva, frio ou calor! Grande remedio, de efeitos admiraveis, recomendado pelos medicos e pelas innumeradas pessoas que o tem tomado. Energico e inofensivo.

O mais energico, depurativo e mais eficaz purificador do sangue! O UNICO que não é purgativo nem exige dieta ou resguardo. O UNICO que não causa a minima alteração no organismo do doente, quer seja tomado por adultos, quer por crianças, quer por pessoas fracas e de idade avancada. O UNICO que abre o apetite, dá energia e um bem estar geral ao doente. O UNICO que não exige o auxilio de lavagens, pós, pomadas, gargarejos e outros tratamentos secundarios.

O preço actual do DEPURATOL

Muito importante. Pelo decreto n.º 162, publicado em 14 de outubro de 1913 e ATUALMENTE EM VIGOR todas as especialidades de formula e origem estrangeira sobrepujadas com um selo fiscal especial, que varia conforme a qualidade e quantidade do medicamento. Assim, o Depuratol, sendo uma especialidade farmaceutica de origem alemã, formula dum illustre medico e professor alemão, e, pelo referido decreto, obrigado a levar um selo de 5 centavos por cada tubo, importancia esta que — bem a nosso pesar — nos vemos forçados a juntar ao preço antigo deste incomparavel e soberbo remedio, que pasdata a vender-se ao preço seguinte:

1 tubo, 1\$050 e 6 tubos, 5\$300

Cada tubo dá para 9 a 12 dias de tratamento.

e o porte pelo correio é gratis para toda a parte.

Este facto vem demonstrar exuberantemente e duma forma clara e poval as nossas afirmações de sempre: Que o Depuratol é um depurativo e origem estrangeira, formula dum distincto medico alemão, que applicado a nosso pais tem dado os resultados soberbos na cura da sifilis, da que são nestas muitas dezenas de milhares de pessoas! São factos de todos os dias e só por si bastariam para justificar o seu consumo extraordinario e quasi universal!

A saúde e o bem estar constituem a maior riqueza duma casa, portanto estamos certos que não será por tão pequeno aumento — de que aliás não temos culpa, mas antes nos penalisa — que qualquer doente deixará de se tratar e curar! Mas antes nos penalisa — que qualquer doente deixará de se tratar e curar!

Que todos se tratem pelo DEPURATOL, o unico

e verdadeiro remedio da SIFILIS!

Pedir livro de instruções em todos os depositos. D'posito geral para Portugal e Colonias: Farmacia J. Nobre, 35, Rua da Mouraria, 37 — LISBOA. A' venda em COIMBRA, na Drogaria de M. P. Marques, Praça 8 de Maio, 33 a 36. Tambem nesta casa se distribuem livros.

DOVIDADE LITERARIA

Cem grandes virtudes em cem pequenos capitulos

Assim se intitula o volume que o nosso colaborador sr. Luis Leitão vai publicar em breve, editado pela conhecida livraria Ferin, de Lisboa, que antecipadamente recomendamos aos leitores.

Propaganda contra o jogo

Ninguem deve deixar de ler os seguintes Livros de

MITORINO COELHO
A Negação do azar. — O Problema do Jogo. — Uma cruzada moral. — A Fisiologia do Jogo. — A Ciencia da Roleta. — Livros de 200 paginas cada, por 40 centavos apenas. Pedidos á Livraria Ventura Abrantes, Editor — Rua do Alecrim, 80 LISBOA

A Ilas de Geografia

por J. Montelro

Contendo, separadamente: Mapa Mundi, Europa, Africa, Asia, America do Norte, America do Sul, Oceania, Brasil, Portugal, Arquipélago dos Açores, Arquipélago da Madeira, Arquipélago da Cabo Verde, Ilha de S. Tomé e Príncipe, Provincia de Angola, Provincia de Moçambique, Guiné Portuguesa, Damão, Territorio de Goa, Ilha de Din, Provincia de Macau e Ilha de Timor.

Edição das Livrarias Aillaud & Bertrand. — LISBOA.

A CORJA
Publicação semanal

Publicação semanal

Condições d'assinatura

Pagamento adiantado

Assinatura trimestral \$30
Número avulso \$02

ANUNCIOS CONTRATO ESPECIAL

Não se restituem originaes ehoras não sejam publicadas



Florença a maravilhosa cupula de Santa Maria das Flores, quero eu que Miguel Angelo execute a sobrepuje em Roma arremessando aos ares uma basilica digna da capital do mundo oritao.

— Mais audaz que existe sob o céu! Vais-me comprehendendo? Imaginas que em face de obra tal, de que teres sido o iniciador, haverá homem algum no mundo, ainda que seja tão grande como Savanarola, que se atreva a atacar-me?... Crês que algum leve a audacia a dirigir-me o mais innocente vituperio? ...

O Papa, desafiando os seus projectos de ambicão, via-se animado visivelmente. O inquisidor, que até então se havia mantido no mais respeitavel silencio, apagou todo aquelle entusiasmo com uma palavra como a uma vela apaga a aragem.

— Mas que é do dinheiro? perguntou.

— Ah! sim eis o x do problema. Onde o encontrarei? Leão x cravou o olhar no inquisidor.

(Continua)



Ano I - N.º 1 - Coimbra, 6 de Fevereiro de 1915



Semanario republicano anti-clerical independente

Director José Peizoto d'Alarcão

ADMINISTRADOR
Anibal Reis

Redacção, Couraça de Lisboa, 10.—Adminis-
tração, R. Dr. João de Brito, 38.—Comp. s. e. i.
m. p. na Typografia Literaria R. Can. do dos
Lis. 17.—Coimbra.

SECRETARIO
Mario de Erito

Liberdade, Justiça, Verdade e Progresso

A campanha camachista

Que intuitos tinham as campanhas da LUCTA e NOTICIA, contra a ida da expedição militar a França?

Perventura eram os de incutir no espirito do exercito o patriotismo e a bravura?

Que estranha e sinistra pessoa é o sr. Camacho, que depois de aprovar no Parlamento a nossa participação na guerra, vem para os seus pasquins dizer e fazer propaganda contraria, insultar o sr. Presidente da Republica, o governo demissionario, que representava a maioria parlamentar e o maior partido politico da Nação, explorando insignificantes incidentes entre o ministro da guerra e alguns officiaes?

Os intuitos sabe-os toda a gente: derrubar o governo para ter um ministerio dos seus apaniguados. Para isso não hesitou entre a perda da Republica ou da nossa independencia e os seus malevolos e inqualificaveis fins!

POLITICA ANTI-PATRIOTICA!
POLITICA DE CAFRES!

